

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE  
FORA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA RELIGIÃO**

**MELQUISEDEQUE OLIVEIRA DE CASTRO**

**O DISCURSO DOS ATEUS EM REDES SOCIAIS:  
A emergência do ateísmo digital**

Juiz de Fora  
2021

**MELQUISEDEQUE OLIVEIRA DE CASTRO**

**O DISCURSO DOS ATEUS EM REDES SOCIAIS:**

**A emergência do ateísmo digital**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração: Sociedade, Religião e cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Emerson José Sena da Silveira

Juiz de Fora

2021

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Castro, Melquisedeque Oliveira de .

O discurso dos ateus em redes sociais: : A emergência do ateísmo digital: / Melquisedeque Oliveira de Castro. -- 2021. 82 p.

Orientador: : Emerson José Sena da Silveira

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, 2021.

1. Ateísmo. 2. Análise do Discurso. 3. mídias. 4. redes sociais. 5. militância. I. Silveira, : Emerson José Sena da , <https://www.youtube.com/watch?v=Miz2N7rP2CA>orient. II. Título.

MELQUISEDEQUE OLIVEIRA DE CASTRO

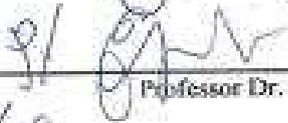
O DISCURSO DOS ATEUS EM REDES SOCIAIS: A emergência do ateísmo digital

DISSERTAÇÃO apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Área de Concentração: Sociedade, Religião e cultura da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para a obtenção do título de MESTRE.

Juiz de Fora, 29/03/2021

Banca Examinadora

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Emerson José Senna da Silveira - Orientador

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Humberto Araújo Quaglio de Souza (UFJF)

  
\_\_\_\_\_  
Professor Dr. Wellington Teodoró da Silva (PUC MG)

À UFJF, POR ME PERMITIR, DE FORMA MAGISTRAL, UM  
NOVO RECOMEÇO

## AGRADECIMENTOS

Definir, num curto espaço de tempo, quais pessoas e instituições merecem serem eternizadas neste espaço, é sempre uma tarefa que mescla, reflexões e nostalgias. Quis o destino que, algumas pessoas de anos atrás, perdessem o direito de serem referenciadas aqui, mas felizmente, o mesmo destino me deu a dádiva de me presentear outras pessoas fantásticas a quem não posso deixar de mencionar. A todos vocês que estão aqui, saibam que tem o meu profundo afeto.

Primeiramente, agradeço a CAPES, por financiar, nestes dois anos, minha pesquisa de mestrado, num momento onde as condições políticas para o meio acadêmico pareceram deteriorar-se.

Agradeço ao Professor Dr. Emerson José Senna da Silveira, por aceitar o desafio de orientar minha pesquisa, num tema que ainda há muito a ser explorado academicamente.

Obviamente, não posso deixar de expressar minha gratidão à UFJF, ao PPCIR e ao corpo docente do curso de Ciência das Religiões da UFJF, por manterem viva minha esperança no meio acadêmico.

Ao colega de mestrado Pedro Fernandes, pelas nossas conversas acadêmicas, opiniões e pela ótima amizade que construímos neste curto período de tempo.

À Barbara Regina, minha amiga virtual, amiga de desabafo, amiga de longa data e corretora ortográfica de minha dissertação, por demonstrar que grandes amizades crescem a longas distâncias.

E meus agradecimentos póstumos à memória da pedagoga, Dra. Elizabeth Oliveira, uma referência nacional nas pesquisas sobre assexualidade em nosso país e por ter sido uma das primeiras pessoas a me fazer acreditar em meu potencial acadêmico e intelectual.

O que resta do ocidente cristão quando ele já não é cristão

Comte-Sponville

## RESUMO

Se as redes sociais são hoje o espaço onde as religiões de manifestam e se digladiam, teria o ateísmo, como negação do religioso ou afirmação do não-transcendente, voz e espaço? Parto desta questão mais ampla para buscar as formas como o discurso dos ateus emerge das redes sociais. As redes sociais são um vasto mundo e, por isso, procurei recortar os múltiplos atores e agentes ateus em plena operação. Selecionei, em algumas plataformas do meio virtual - Instagram, Youtube e Facebook, comunidades como o “Bar do Ateu” e ATEA (Associação de Ateus), dentre outros. Minha hipótese é a de que o discurso ateu se apresenta, por um lado, com uma tendência, a do neoateísmo, por outro, no interior do discurso, se vê o múltiplo. Como utilizei, enveredei-me pela Análise do Discurso na vertente francesa, com Michel Pêcheux e Michel Foucault. As redes sociais possibilitaram a construção de novas crenças e subjetividades marcadas pelo ateísmo. Os resultados da pesquisa apontaram, entre outros, que há uma certa unidade no discurso ateu, quando este trata da descrença em deidades, mas há pluralidade de discursos e concepções ateístas entre os diferentes atores presentes nas redes sociais.

**Palavras-chave:** Ateísmo e comunidades virtuais, Discurso ateu cibernético, ATEA, Subjetividade ateu em rede.

## ABSTRACT

If social networks are today the space where religions manifest and fight, would atheism, as a denial of the religious or an affirmation of the non-transcendent, voice and space? I left untied a broader question to look for the ways in which the atheists' discourse emerges from social networks. Social networks are a vast world and, therefore, I tried to cut out the multiple actors and atheist agents in full operation. I selected, on some virtual media platforms - Instagram, Youtube and Facebook, communities like “Bar do Ateu” and ATEA (Associação de Ateus), among others. My hypothesis is that the discourse at work presents itself, on the one hand, with a tendency, that of neo-religionism, on the other, within the discourse, the multiple is seen. As I used it, I embarked on Discourse Analysis on the French view, with Michel Pêcheux and Michel Foucault. Social networks enabled the construction of new beliefs and subjectivities marked by atheism. The research results pointed out, among others, that there is a certain unity in the atheistic discourse, when it deals with disbelief in deities, but there is a plurality of discourses and atheistic conceptions among the different actors present in social networks

**Keywords:** : Atheism and virtual communities, Cybernetic atheistic discourse, ATEA, Atheistic subjectivity in a network.

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>1 O ATEÍSMO NO MUNDO OCIDENTAL.....</b>	<b>4</b>
1.1 O Conceito de Ateísmo.....	4
1.2 Crenças e não-crenças .....	7
1.2.1 Ateísmo.....	8
1.2.2 Panteísmo.....	9
1.2.3 Agnosticismo.....	11
1.3 O Ateísmo e sua história no Ocidente.....	12
1.3.1 Ateísmo na Grécia Antiga.....	13
1.3.2 Ateísmo na Idade Média.....	15
1.3.3 Ateísmo no Renascimento.....	17
1.3.4 Ateísmo no Iluminismo.....	18
1.3.5 Ateísmo no Século XIX e início do Século XX.....	19
1.3.6 Ateísmo nos Tempos Modernos.....	21
<b>2 A MILITÂNCIA ATEISTA: ATEA, FACEBOOK, YOUTUBE E INSTAGRAM</b> .....	<b>24</b>
2.1 Militância e Ciberateísmo no Brasil.....	26
2.1.1 ATEA - Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos.....	28
2.1.2 Militância ateísta no Facebook.....	39
2.1.3 Militância ateísta no YouTube.....	42
2.1.4 Militância ateísta no Instagram.....	47
<b>3 ANÁLISE DO DISCURSO, REDES E ATÉISMO DIGITAL.....</b>	<b>51</b>
3.1. Análise do Discurso segundo Pêcheux.....	52
3.2. Análise do Discurso segundo Foucault.....	53
3.3. A estruturação do discurso ateísta no ciberespaço.....	55
3.4 A estruturação do discurso ateísta nas redes sociais.....	59
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>76</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>78</b>

## INTRODUÇÃO

Não sei dizer ao certo, quando minha jornada em direção a temática acadêmica sobre o ateísmo começou. Talvez tenha se iniciado em 2011, quando me converti por um ano, na igreja do evangelho quadrangular ou dois anos depois, quando me declarei, pela primeira vez na vida como ateu. Talvez tenha sido em 2014-5, quando participava, de forma ativa nas discussões ateístas fomentadas pelas comunidades ateias do Facebook ou em 2017, quando frequentei como ouvinte, algumas classes do curso de Ciências das Religiões, da Universidade Federal de Juiz de Fora. Mas acho que darei como ponto de partida, o primeiro contato com o livro “História do Ateísmo” do historiador francês George Minois (2012). Nesse livro, falando de maneira geral, o historiador busca traçar uma história do pensamento ateísta no mundo ocidental, o que, em junção com meus outros interesses acadêmicos na época, me levou à seguinte questão: Seria possível estudar o ateísmo de igual maneira como estudamos qualquer grupo religioso?

E minha resposta se confirmou quando comecei a realizar algumas buscas por outros trabalhos, dentro da temática do ateísmo que encontrei, na época. Na maioria deles, artigos acadêmicos. A produção acadêmica sobre o ateísmo, no Brasil, se mostrou escassa, mas chamou-me a atenção um trabalho que buscaram definir e categorizar, os tipos de ateísmos que encontraram, em função de como tais indivíduos creiam em suas perspectivas ateias (CRISTOPHER, COLEMAN, HOOD & JENNY, 2014).

O que, juntamente com as leituras de outros autores que versam sobre a temática da pluralidade religiosa como Peter Berger (2017) e Daniele Hervieu-Leger (2008), me levaram à segunda questão: Seria possível estudar o ateísmo pelo ponto de vista da pluralidade de suas crenças?

Em minha experiência eu já tinha conhecido algumas visões de mundo ateias que me pareciam diversificadas, desde os ateístas tipicamente materialistas, com uma visão de mundo pautada apenas em evidências empíricas e científicas, à aquelas mais sincretizadas, onde mesmo indivíduos que se diziam ateístas, diziam acreditar em alguma forma de energia que regiam o universo, ou diziam possuir algumas “superstições”. Sendo assim, que tipo de achados eu poderia obter com uma pesquisa acadêmica sobre ateus, que visasse, precisamente, esta temática? Seria a ideia de ateísmo única para todos os indivíduos que se dizem ateus e em caso negativo, onde é que se divergiriam?

E, em linhas gerais, falando de uma maneira bem ampla, é desta temática que tratarei nesta dissertação de mestrado. Tendo como pergunta norteadora da pesquisa, como os ateus expõem e divergem em suas crenças ateístas, analisarei, em quais pontos suas concepções de mundo convergem, onde se divergem, a partir de quais perspectivas formam suas crenças ateístas entre outras questões. Para isto escolhi como campo, o meio virtual e mais especificamente dizendo, os discursos ateístas nas redes sociais. Não todos, mas realizei recortes específicos que mostrarei ao longo dos três capítulos que compõem esta dissertação. Escolhi este meio por aceitar a perspectiva de Silva (2020), que ao se propor a elaborar o que seria uma história do ateísmo no Brasil, afirmou que no nosso país, os ateus escolheram o ciberespaço<sup>1</sup> como um meio para se manifestarem. Logo, depois de uma busca geral, apesar de eu ter visto manifestações ateístas nos mais diversos espaços virtuais existentes na internet, pareceu a mim que, foi em quatro deles que os ateístas brasileiros, desenvolveram uma maior visibilidade: No YouTube, Facebook, Instagram e comunidade ATEA<sup>2</sup>. Nestas, entre outros discursos, o que me pareceu ser mais utilizado pelos ateus, foi o da militância política. Logo, buscarei verificar, nas plataformas digitais que citei acima, de quais maneiras, as visões de mundo ateístas se manifestam e como eles constroem suas subjetividades através do ciberespaço.

Para tanto, escolhi como método a análise do discurso dentro da perspectiva da linha francesa, (FOUCAULT, 1996, 2009; PÊCHEUX & ORLANDI, 1995) como uma forma de verificar de onde vêm seus lugares de fala e através de quais perspectivas sociais, culturais e linguísticas, os ateus constituem suas visões de mundo e como, através desta, constituem suas subjetividades e suas crenças ateístas.

Logo, parto da concepção proposta por Minois (2012) de que não é possível conceber as visões de mundo religiosas sem também conceber suas formas de descrença. Ambas se influenciam no longo percurso histórico. Por isso, penso em trazer, para o campo das Ciências das Religiões, uma possibilidade de estudo da questão do ateísmo como também sendo um grupo irreligioso e a-religioso, onde suas visões são formadas através da negação ou ausência da crença. Utilizo-me da concepção do psicólogo Philip Zimbardo (2012) de que é necessário conhecer as instâncias, presentes no meio externo, que funcionam como atenuantes do nosso comportamento e nossas ações para então melhor intervirmos no meio social, tal pesquisa visa também auxiliar a militância política ateísta, a reconhecer quais fatores sociais e culturais,

---

<sup>1</sup> Segundo Levi (1999) o Ciberespaço pode ser entendido como um espaço de comunicação que surge através de uma rede de computadores conectados mundialmente e que abrange toda uma infraestrutura material de comunicação.

<sup>2</sup> Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos

atuam como formadores de suas subjetividades e concepções de mundo para assim então, talvez, melhor atuarem como atores políticos.

E finalmente, embora essa pesquisa tenha um embasamento mais voltado para a área da Ciência da Religião, por trabalhar com concepções de crenças e suas formas de subjetivação, além de eu estar concebendo o ateísmo como uma forma psicológica de crença, até onde conheço, tal trabalho é um dos poucos a estudar o ateísmo, também pela perspectiva da psicologia.

Sendo assim, começarei, no capítulo um, por debater os principais conceitos de ateísmo, para assim então, elaborarmos uma breve contextualização histórica sobre o ateísmo, no mundo ocidental, passando pela Grécia antiga até as concepções mais modernas usadas nos dias de hoje.

No segundo capítulo, veremos como todo este processo histórico da história do ateísmo, no meio ocidental, chegou ao Brasil e assim tentarei esboçar sobre como este se desenvolveu em nosso país até chegar às épocas atuais. O ateísmo está estabelecido no Brasil através das redes sociais como Facebook, Instagram, YouTube.

Assim, quando finalmente chegarmos ao capítulo três, dedico-me à análise do discurso, tomando o material selecionado de páginas e vídeos ateístas para discutir as condições do discurso ateu nas redes sociais brasileiras, quais as suas limitações, se há alguma contradição nos discursos entre uma plataforma e outra, se as militâncias dos ateus nestas comunidades diferem entre si ou se convergem formando um consenso entre outras questões.

## 1 O ATEÍSMO NO MUNDO OCIDENTAL

Começo esta dissertação com uma pergunta: o que caracteriza exatamente um indivíduo como sendo um indivíduo ateu? Seria apenas o simples fato de negar a existência de uma ou mais deidades? Seria este um conceito histórico e que seu significado se altere de acordo com a sociedade e cultura que o indivíduo se insere?

E mais especificadamente, o que caracterizaria um discurso ateu? Como estes subjetivam? Como constroem suas crenças e concepções de mundo numa perspectiva onde não existem entidades transcendentais?

Serão estas algumas das perguntas que buscarei responder no decorrer desta dissertação. A tarefa, a princípio, pode parecer um pouco áspera pois, apesar de existirem trabalhos, artigos dissertações e teses sobre a temática, as pesquisas sobre o ateísmo, ainda são no geral, um tanto escassas no meio acadêmico. Por tanto, meu trabalho aqui, contará não apenas com autores que versam sobre a temática do ateísmo, mas também com alguns outros que ponderam temáticas um tanto semelhantes, de forma que eu possa elaborar, com mais bases, argumentos mais sólidos.

Para tanto, este primeiro capítulo, será mais teórico. Não se pode construir um trabalho sobre ateísmo, sem antes mencionar qual a concepção de ateísmo estamos tendo em consideração. Logo, começaremos por dialogar sobre o conceito de ateísmo, de forma geral. Logo, utilizando de algumas bases da psicologia acadêmica, minha área de graduação, buscarei definir o ateísmo como um tipo de crença psicológica. No entanto, trata-lo desta maneira, seria não apenas um reducionismo teórico, como transformar todo um conceito, que é complexo em suas nuances, numa simples questão psicológica. Logo, buscarei traçar uma história das mentalidades ateu, no mundo ocidental, começando pela Grécia Antiga, até chegar aos dias atuais, de forma a refletir e fazer-se refletir, a respeito das diversas concepções ateu no decorrer da história ocidental.

Começemos então pelo conceito de ateísmo.

### 1 O CONCEITO DE ATEISMO

Diferente do que talvez os mais leigos acreditem, definir ateísmo é um trabalho difícil. O senso comum costuma definir o ateísmo como um tipo de pensamento no qual “não se crê

em nada”. Porém, no meio acadêmico, esse conceito se apresenta com uma variedade tão ampla de possibilidades, autores que se dedicam ao tema, como Michael Martin (2006) George Minois (2012), Julian Baggini (2016), Stephen LeDrew (2016), entre outros, dedicam dezenas de páginas de seus livros apenas para a conceituação.

O Dicionário Aurélio (FERREIRA, 2004, p.73) define ateísmo como “aquele que nega a existência de Deus ou de quaisquer outras divindades” e sua origem etimológica da palavra, que vem do grego *atheos* significando (sem deuses). Piva (2006) argumentará sobre essa ideia e afirma que o fato de o termo ser definido pela negação da existência de uma deidade sugere que ele foi primeiramente cunhado por um não-ateu. Porém, tais noções não contemplam necessariamente a dimensão contextual, histórica e psicológica dos indivíduos que hoje se denominam ateus.

O historiador George Minois (2012) adverte que não se pode definir o ateísmo sem antes considerar a forma sobre como cada sociedade definirá o que é um ser supremo. Em outras palavras, para ele, não se pode pensar o ateísmo sem a noção de um histórico das religiões, porque um se desenvolve em relação à outra e que, dessa maneira, a descrença é concomitante à crença.

Assim, George Smith (2010) afirma ser impossível conceituar ateísmo sem antes entender a noção sobre deidades ou Deus, já antes pressupostas. Basicamente, o que esses autores propõem é que o conceito de ateísmo não pode ser pensado sem pensar o sistema de crenças anterior a ele próprio. Tal como Smith (2010) define, ateu não é alguém que não acredita que um deus existe, mas sim alguém que acredita na não existência de um Deus.

Nessa perspectiva, o filósofo da religião Michel Martin (2006) utiliza-se de uma perspectiva semelhante à de Smith (2010), porém classificando os tipos de ateísmo ao invés de diferenciá-los. Para ele, os ateus podem ser divididos por duas formas: o ateísmo positivo que se refere àqueles que desacreditam na existência de um ou mais deuses, e o ateísmo negativo, que se refere às pessoas que não possuem crenças em nenhuma deidade. Em outras palavras, Martin (2006) propõe um duplo conceito de ateísmo, estando estes conceitos atrelados ao modo como o indivíduo subjetiva a crença.

Mostrei conceitos que, embora diversos autores possam utilizar diferentes perspectivas para conceituar o ateísmo, o fator da crença em uma deidade ou ausência desta parece ser determinante para a definição do conceito de ateísmo.

No entanto, o sociólogo canadense Stephen LeDrew (2016) argumenta que ateísmo é uma palavra que possui uma história complexa, de difícil entendimento e não há uma definição exata. Ele expõe as definições de ateísmo negativo e positivo, e comenta sobre a

definição mais usual de ateísmo, a negação da crença num Deus, mas afirma que esses conceitos são apenas parte das formas que o ateísmo pode aparecer na história, de forma que, defini-lo unicamente a partir da crença seria muito incompleto.

O que LeDrew (2016) propõe então é uma definição a partir unicamente do ponto de vista histórico. Para LeDrew, (2016, p. 43) o ateísmo é “um movimento moderno de pensamento e prática emergindo de turbulências políticas e revoluções em vários campos intelectuais, e além de ser também uma forma de crença”<sup>3</sup>. Em outras palavras, o ateísmo seria um movimento, um fenômeno histórico com implicações sociais, políticas e psíquicas. Nesse sentido, ele propõe que a origem do termo está no Iluminismo<sup>4</sup> e que se ramificou em duas correntes distintas. Uma científica, marcada pelos pensamentos de Darwin (2003) e uma humanista com base nas ideias de Feuerbach (2012) Freud (2012) e Marx (2015).

Uma outra possibilidade são as definições de ateísmo que não tem a ver com a crença em uma deidade em si, mas com o estilo de vida que as pessoas levam. Para o teólogo James Thrower (2009), o ateísmo só pode ser entendido a partir do ponto de vista naturalista, isto é, o ateísmo está presente apenas no mundo físico e empírico, como se as pessoas vivessem *est Deus non daretur* (como se Deus não existisse) (Berger, 2017 p.110). Nessa concepção, não importa se as pessoas acreditam ou não, do ponto de vista intelectual ou filosófico, num Deus, mas sim que elas apenas vivem suas vidas normais, não considerando as premissas religiosas e/ou dogmáticas de suas religiões. A concepção intelectual, no sentido de crença, para Thrower (2009) só surge a partir do Iluminismo.

Não à toa, o próprio George Minois (2012) concebe dois tipos de ateísmo. O ateísmo teórico, dado pelo intelectualismo e cientismo, concebido no campo das ideias e o ateísmo prático, dado no ponto de vista mais social, a partir das ações dos indivíduos, e não da crença em si, se aproximando do que concebe Thrower (2009). Uma perspectiva semelhante, embora seja elucidada pelo autor como as consequências da secularização, é a de Peter Berger (2017). Esse sociólogo da religião, ao abordar as formas de secularização no mundo moderno, diz que pessoas possuem crenças religiosas de um modo geral, mas em seus trabalhos e vidas pessoais podem preferir explicações advindas de um conhecimento técnico e científico.

Noto que, apesar de suas particularidades distintas, os autores abordados concordam que o conceito de ateísmo vai além de uma não crença, pois é possível que ele exista sem uma

---

<sup>3</sup> No original: “a modern movement of thought and practice emerging from political turmoil and revolutions in various intellectual fields, and a form of belief”. (LEDREW, 2016, p.43).

<sup>4</sup> Segundo Rouanet, (1992) o Iluminismo pode ser conceituado como uma corrente intelectual correspondendo a um movimento de ideias cristalizaram em torno de figuras como Voltaire, Rousseau, Diderot etc. Pinker, (2019) acrescenta que o Iluminismo se desenvolveu em torno de quatro temáticas: razão ciência, humanismo e progresso.

crença específica teísta anterior que também atrelada a aspectos históricos, sociais e/ou religiosos. Tal como Minois (2012) afirma, é impossível não pensar nessa dicotomia sem o seu oposto, isto é, em qualquer meio social humano onde existir qualquer tipo de crença em divindade, haverá também o seu oposto, aqueles que nela não acreditam. No entanto, é preciso ter em mente que toda esta compreensão é apenas uma possibilidade histórica possível, tal como adverte LeDrew (2016).

Assim sendo, utilizarei a conceituação de ateísmo, expressada pelas noções ocidentais que conceitua como ateísmo, como sendo o indivíduo que não crê na existência de um deus ou deuses. Porém, seguindo a perspectiva dos autores citados, entendo que não pode existir uma negação da crença sem a ideia da crença em si. Explorarei alguns tipos de crenças a respeito da existência de deuses ou deidades.

## **1.1 Crenças e não-crenças**

Tratarei o ateísmo como um tipo de crença específica ou um tipo de posicionamento irreligioso ou a-religioso a respeito da questão da existência ou não de uma divindade ou divindades. No entanto, considerar o ateísmo como sendo um tipo de crença específica pode ser uma decisão problemática, visto que incorro no risco de reiterar o argumento vindo dos religiosos, de que todos creem em algo inclusive os ateus, o que é um tipo de chavão que não nos ajuda a compreender o fenômeno ateísta. Para tanto, penso ser necessária, uma explicação pormenorizada do conceito que estou considerando como crença.

Utilizo-me de uma perspectiva da área da Psicologia, denominada Terapia Cognitivo-Comportamental, para melhor definir esta questão. De acordo com Aaron Beck, Denise Davis e Arthur Freeman (2005), a mentalidade humana seria formada, basicamente, por crenças que compõem a base de nossos pensamentos e emoções. Pensamentos e emoções, estão atrelados, ao funcionamento da mente humana, de uma maneira geral. Falando de maneira mais aprofundada, as crenças são inferências, feitas pelos indivíduos sobre o mundo e eventos que lhes acontecem e que de maneira geral, são aceitas, como verdades para estes. (SCALI, RONZANI, 2007 p. 3).

Estas crenças podem ser divididas em níveis de hierarquias, sendo os pensamentos automáticos (PAs) os mais rasos, e as crenças nucleares mais profundas (BECK, FREEMAN 2005). Os PAs são formas de pensamentos mais superficiais, que ocorrem de forma espontânea e rápida e que servem como uma interpretação imediata de qualquer situação. Eles se diferem dos pensamentos comuns, por serem mais associativos e reflexivos (BECK,

FREEMAN 2005). As crenças nucleares, por sua vez, são estruturas cognitivas internas e mais profundas que são utilizadas para armazenar novas informações de maneira significativas. (BECK, FREEMAN 2005).

Considera-se que, são estas crenças nucleares que moldam a forma dos demais pensamentos e predizem que tipo de crenças as pessoas terão (BECK, FREEMAN 2005). Essas crenças nucleares podem ser divididos em três partes: crenças de desamor, crenças de desvalor e crenças de desamparo. Nas crenças de desamor, se caracteriza pelo sentimento da falta do amor, do apego, do contato com os outros e leva o indivíduo a ter pensamentos sobre não se sentir amado e a se comportar, buscando este afeto. Nas crenças de desvalor e desamparo, o mecanismo mental é o mesmo da crença do desamor, porém aplicados aos sentimentos de falta de valor e falta de amparo, respectivamente. (BECK, FREEMAN, 2005).

Para esta dissertação, considerarei que as crenças religiosas e ateístas, em geral, estão formadas pelas crenças nucleares de desamparo, isto é, as crenças que os indivíduos formam em função do sentimento de desamparo em relação ao mundo ou ao meio, e que são os PAs, advindos dessas, que moldam as formas de crenças as quais nos referiremos.

No entanto, esta é uma dissertação que versa sobre o ateísmo e formas de negação da existência de deuses. Vejam algumas possibilidades de crenças humanas, que possuem esta característica de negação ou mesmo, de questionamento de divindades.

## **1.2 Ateísmo**

Penso que se faz mister demonstrar as possibilidades de crenças ateístas e variações dela, entre indivíduos que se dizem ateus. Para isso, utilizo as teorias de alguns autores estadunidenses. O primeiro é Bruce Hood (2010). Em seu trabalho sobre tipos de crenças que ele denomina como “sobrenaturais”, Hood (2010) explorou o ateísmo e comenta sobre as conversas que travou com ateístas que se dizem supersticiosos. Isso fica claro quando ele analisa a obra de Sam Harris (2007) famoso ateísta militante que comenta sobre seus argumentos contra a fé religiosa e, ainda assim, no final do livro ele endossa aspectos sobrenaturais do misticismo oriental e sobre a possibilidade da telepatia mental. Hood (2010) também comenta que, em uma conversa pessoal com Daniel Dennet (2006), outro expoente do ateísmo militante atual, ele se surpreende ao saber que, apesar de suas ferrenhas críticas ao teísmo e sua militância ateísta, ainda assim ele gosta de ir às missas aos domingos e justifica ser por uma questão de apreciação artística dos arranjos musicais.

Desconsidero a perspectiva cognitivista e essencialista<sup>5</sup> desses autores. Com isso, argumento que eles trazem como dados a seguinte constatação: o ateísmo não é uma crença unânime e única entre os indivíduos que se denominam ateus. Suas crenças podem variar individualmente em um modelo análogo à figura do peregrino, estudado pela socióloga Daniele Hervièu-Léger (2008). Em sua teoria, ela esboça, na figura do peregrino, o indivíduo que não possui uma crença única em sua religião, mas que ao contrário, busca construir seus próprios valores e crenças religiosa numa busca por diversas religiões. O oposto desta figura é a do convertido, que é metaforizado pela autora como sendo aquele indivíduo que possui uma religião e a pratica, seguindo seus valores e preceitos, sem se deixar influenciar por outras concepções religiosas (Hervièu-Léger, 2008). No caso desta dissertação, os ateus estariam se comportando como peregrinos, no sentido de que, ainda que possuam uma descrença em concepções transcendentais, ainda assim eles constroem suas próprias crenças e vivências ateístas.

Apresento a vocês, um pouco mais sobre as possibilidades dos tipos de crença que qualquer indivíduo pode ter ou considerar em relação a uma deidade.

### 1.2.2 Panteísmo

Outra forma de crença similar ao ateísmo, mas com diferenças cruciais, está no panteísmo. Nessa concepção de mundo, as deidades se manifestam nas leis da natureza, isto é, de acordo com as leis físicas, biológicas, geológicas e outras que compõem nosso mundo. Esse tipo de crença recebe o nome de panteísmo (TOLAND, 2010). Tomando a origem etimológica do nome, a palavra vem das palavras gregas *pan* que significa tudo e *theos*, Deus ou divindade. Por essa definição, a crença panteísta pode ser entendida na forma de Deus ou Deuses onipresentes não apenas no nosso mundo como no universo, não possuindo uma forma física, mas podendo ser entendidos em função das leis universais.

Foi pensando nessa perspectiva, que John Toland (2010) utilizou o termo na sua obra *Socianism Trully Stated*. Mas nesse livro, ele apenas ao falar da forma como ele próprio concebia um Deus, se intitulou como sendo um panteísta. O sufixo “ismo” da palavra, foi utilizado pela primeira vez em 1709 por Jackes de la Faye no livro em *Defensio religionis*

---

<sup>5</sup> Essencialismo: Perspectiva filosófica que propõe que as pessoas e outros seres vivos possuem naturalmente certas propriedades, características de seus comportamentos, que não dependem da experiência ou do meio para serem formadas (PINKER, 1997, p.78). Cognitivismo: abordagem da Psicologia a qual busca estudar o funcionamento mental, dado através das suas funções cognitivas, tais como memória, atenção, formas de raciocínio, aprendizagem etc.

(Minois, 2012, p. 64).

Assim como no ateísmo, a crença panteísta está longe de ser vista de forma unânime, assim ocorre no panteísmo, havendo variações quanto à concepção da crença. Essas diferenças podem ser vistas no século XVI a partir de dois dos pensadores com grande influência. Para Giordano Bruno (2013), Deus seria a essência de tudo o que há no mundo, já que ele próprio está presente em tudo, desde as leis físicas, aos fenômenos naturais e mesmo na alma humana.

Diferindo um pouco desses conceitos, Spinoza (2009), quiçá o pensador panteísta mais influente, na sua obra *Ethica* afirma que todos os corpos e substâncias possuem uma essência e que essa essência é o que as caracteriza cada elemento que existe no mundo ao nosso redor e cada elemento é limitado por outro de gênero igual.

Sendo assim, todas as substâncias, para além da essência própria, possuem outra presente em todas elas próprias. Esta essência, presente em todas as substâncias, é o que Spinoza (2009) considera como Deus. Dizendo toda esta conceituação, em outras palavras, Deus é uma substância presente em cada elemento limitado e consiste, assim, na essência de tudo o que existe no mundo. Dessa forma, estando presente como substância em tudo o que existe, Spinoza (2009) considera que Ele é um ser infinito, único e superior a todos os elementos que conhecemos no nosso mundo. Ao definir Deus desta forma, ele nega a concepção personificada de um Deus com emoções e sentimentos próprios, prescritas pelo cristianismo e judaísmo, que dominavam as concepções religiosas de seu mundo. Por esta razão, é considerado como um filósofo ateu. Independente disso, suas ideias influenciam outros filósofos e geram tamanha repercussão que o próprio panteísmo, chega a ser confundido com espinosismo nos séculos XVII e XVIII (LOPES, 2010).

A ideia desses dois filósofos pode ser vista no trabalho de Dworkin (2019). Logo no primeiro capítulo do livro, ao versar sobre as concepções panteístas que alguns pensadores tiveram ao longo da história, afirma que todos eles, em geral, coincidem na ideia de que esse ser chamado como Deus reside na Natureza ou estaria a ela atrelado. No entanto, Dworkin (2019) traz como novidade a ideia de que essas pessoas que se consideram panteístas não vivem suas crenças como algo metafísico ou como uma experiência emocional. Todavia, ao verem as manifestações físicas da natureza, concebem que este ser *theótico*, por assim chamar, está ali presente, no real, no tangível e por isso, tal autor infere que elas experienciam suas crenças em algo concreto.

Em termos práticos, os indivíduos que se intitulam como panteístas tendem a ter uma noção mais naturalista de um ser supremo, sendo talvez, os únicos indivíduos que creem em

uma deidade, porém, não sendo esta, personificada, dando uma visão mais simbiótica entre Deus e Natureza.

Eles não podem ser considerados ateístas por não negarem a existência de um ser supremo, mas tampouco podem ser considerados como agnósticos porque assumem algum conhecimento sobre a essência metafísica deste ser superior. Também não podem ser deístas, por negarem a concepção personificada de um Deus. Em termos subjetivos, viverão como se estivessem num intermédio entre ateísmo e deísmo, ou seja, não reservando parte de suas vidas para fazer adorações, cultos ou ritos a um ser divino, mas tampouco negam a possibilidade de alguma forma transcendental de existência, seja ela divina ou não.

A concepção de Dworkin (2019), para mim, é a que talvez, melhor tipifique a subjetividade dos panteístas: os indivíduos que se maravilham e vivem suas crenças de forma empírica ao observarem os fenômenos da natureza.

### 1.2.3 Agnosticismo

O agnosticismo deriva do termo agnóstico, tem a origem etiológica do grego *agnostos* que significa “aquele que desconhece”. (LUCAS, 1852). De forma semelhante a origem da palavra ateísmo, *agnostos* é uma junção do termo *gnosis* que significaria conhecimento e o prefixo *a*, de negar. Ela foi proposta pela primeira vez pelo biólogo Thomas Huxley (1889)<sup>6</sup> no século XIX, quando discursou sobre os tipos de crenças metafísicas possíveis e argumentou que não há um termo para aqueles indivíduos que não se posicionam sobre a existência ou não de um Deus ou deidades. Em termos de crença, o filósofo e teólogo escocês Robert Flint (1903) em seu ensaio *Agnosticism*, conceitua os agnósticos como sendo os indivíduos que dizem não conhecer uma verdade sobre a questão da existência ou não de deidades. Em outras palavras, são indivíduos que preferem não se posicionar a respeito sobre a existência ou não de divindades.

Outra definição interessante vem de George Lucas (1852) ao citar o reverendo Hewitt (1895) afirma que para um agnóstico, é impossível chegar a um conhecimento exato sobre a existência ou não de algum Deus ou deidades e que isto representaria um limite para os conhecimentos que o ser humano pode obter.

Logo, para esses autores clássicos, o termo agnosticismo se refere àqueles indivíduos que julgam não conhecerem ou não saberem afirmar sobre a existência ou não de um ser

---

<sup>6</sup> Disponível em < <https://mathcs.clarku.edu/huxley/CE5/Agn.html> >

superior. No entanto, para André Comte-Spoville (2016) esse conceito é problemático, visto que, se o agnosticismo for definido apenas pela ideia, como sendo um indivíduo não possuir nenhum conhecimento ou não sobre se Deus existe, então todos no mundo, sem exceção, seriam agnósticos, já que ninguém pode afirmar com total certeza de que existem ou não existem deuses.

Para Comte-Spoville (2016), os agnósticos são indivíduos que não se posicionam sobre a existência ou não de uma deidade, nem pretendem fazê-lo, e esse conceito diferencia-se do ateísmo na questão de que esse aparentemente sim, se posiciona a respeito de a existência de Deus. Proponho, com esses autores, estabelecer como ponto de convergência a ideia de que agnósticos julgam não terem um conhecimento de causa o suficiente para se posicionarem a respeito da crença da existência em um ser supremo. São aqueles que creem não conhecerem a verdade final sobre tal questão e optam pela dúvida.

Em termos práticos, podemos pressupor que Comte-Spoville (2016) pode ter alguma razão sobre a ideia de que todos seriam agnósticos, ao menos, em algum grau. Considerando a ideia do ateísmo negativo, aquele que nega a possibilidade existência das deidades, segundo Martin (2006), seria completamente possível existir ateus pelo fato de não existirem provas a respeito da existência de seres supremos, ou mesmo, as desconhecerem. Esses poderiam ser chamados de ateístas-agnósticos. Do mesmo modo, podem existir deístas que aceitam a existência de um Deus ou de deuses pelo fato de não conhecerem, ou acreditarem não possuir provas da inexistência das deidades. Esses podem ser considerados como deístas-agnósticos.

E uma vez visto agora as perspectivas de crenças que, de certa maneira negam ou questionam a existência de uma ou mais deidades, vejamos então sobre como a descrença, se desenvolveu no mundo ocidental, começando pela Grécia antiga, até chegar à mentalidade ateísta dos dias atuais.

### **1.3 O Ateísmo e sua história no Ocidente**

Demarquei, ainda que por linhas gerais, algumas propostas sobre o conceito de ateísmo e possibilidades de tipos crenças gerais que um indivíduo pode ter em relação à existência ou inexistência de deidades. No entanto, ao escrever a dissertação que trata de ateus, elaborarei uma breve contextualização histórica sobre a concepção do que é o ateu na cultura ocidental, desde os tempos antigos até os tempos atuais.

De um ponto de vista mais técnico, entre os autores que encontrei para usar nesta dissertação e que se propõem a elaborar uma história do ateísmo, há uma divergência sobre as

origens do termo e, desta forma, sobre o entendimento do que deve ser considerado como a história do ateísmo. Para uns, a história do ateísmo começa com as origens da civilização da Grécia Antiga. Essa é a concepção adotada por George Minois (2012) e James Thrower (2009).

Outros, como LeDrew (2016), defendem que a história do ateísmo só deve ser concebida a partir da origem da palavra *atheos* seus e da visão da possibilidade de mundo sem a necessidade de um Deus para suas causas e porquê. Em outras palavras, para esses autores a história do ateísmo deve ser entendida a partir do Iluminismo. Para Baggini (2016) esta dualidade é ilusória, pois ele entende a história do ateísmo a partir das duas abordagens. As concepções ateístas ocidentais se originaram na Grécia Antiga, mas apenas como um sistema de crença, a partir do Iluminismo. Baggini (2016, p. 90-91). Portanto, apresento a seguir como as concepções e ideias ateístas evoluíram no decorrer dos tempos históricos no mundo ocidental. Começo com a Grécia Antiga.

### 1.3.1 Ateísmo na Grécia Antiga

O historiador Rogério Da Mata (2013) adverte que não é correto considerar o conceito de ateísmo moderno para os gregos antigos por motivos históricos. Minois (2012) comenta que as crenças religiosas dos gregos variavam entre formas de panteísmo ao politeísmo e hostis a qualquer ideia de transcendência. Ainda segundo ele, os deuses vivem no mundo externo, são imortais, mas formados por matéria sólida e intervêm na vida humana estabelecendo destinos e manifestando sua vontade através dos oráculos.

Logo, o ateísmo, nesta época, podia ser concebido através daqueles que não necessariamente desacreditavam nos deuses, mas naqueles que buscavam e mantinham explicações materialistas e que não possuíam a intervenção dos deuses, na vida humana. Portanto, por esta perspectiva, estudar a história do ateísmo é estudar a história do materialismo (BAGGINI, 2016, p.97). É o caso dos filósofos Pré-Socráticos. Anaximandro de Mileto (ca.610 a. C – ca.547 ac) chamava de *apeiron* a causa material que era o princípio de todas as coisas, isto é, o elemento primevo que formou todo o universo e tudo o que nele há. Desta forma, tudo o que existe no universo, conteria esta tal partícula.

Minois (2012) comenta as ponderações ateístas de alguns filósofos gregos. O primeiro é sobre Heráclito, que dizia que o mundo nunca foi criado por nenhuma entidade, pois o mundo sempre existiu e sempre existirá. Xenófanes afirmou que o mundo seria o próprio ser supremo, ou seja, este seria algo material, físico e atingível no próprio mundo (MINOIS,

2012). Por outro lado, ele desprezava o antropomorfismo das religiões populares. Empédocles, afirma que Zeus, Hera, Néstis e Edoneu, nada mais eram do que as personificações dos quatro elementos básicos: água, fogo, terra e ar. (MINOIS, 2012). Anaxímenes crê que o mundo é composto apenas pelo ar, como elemento primevo e básico (MINOIS, 2012).

Em termos históricos, a sociedade grega vivia bem com os filósofos materialistas (MINOIS, 2012 p.56). No entanto, com as mudanças políticas advindas principalmente com a Guerra do Peloponeso no século V A. C, mudou-se a mentalidade social dos gregos e a religião passou a ter um caráter político (MINOIS, 2012 p. 56). Nesse elo, portanto, aqueles que demonstrassem ceticismo com relação aos deuses ou ao consenso religioso da época, passaram a serem hostilizados. (MINOIS, 2012 p. 56) O exemplo mais conhecido dessa hostilidade, talvez seja em Sócrates, condenado a morte pelo crime de não acreditar nos deuses reconhecidos pelo Estado e por corromper a mente dos jovens (MINOIS, 2012, p.58) Mas, ironicamente, a origem da relação que mais denigriu a imagem dos ateus na história e que ainda nos dias de hoje é utilizada pelos religiosos de nossa época está nos escritos de seu discípulo mais conhecido, Platão (2004).

No livro X de “As Leis” de Platão (2004), o que ele considera como ateísmo é associado com imoralidade e se considera o crime de não crença nos deuses como um crime de violência e mais grave do que o de roubo. Minois (2012) ainda assim, propõe que as formas de filosofias unicamente ateístas não deixaram de existir na Grécia Antiga. Segundo ele, Epicuro, ainda que não fosse descrente nos deuses, pregava que eles não interferiam na vida humana e propôs que a finalidade última do ser humano deve ser a busca pela felicidade e do prazer. Tal felicidade e prazer estando mais ligadas ao asceticismo e à simplicidade material do que ao prazer, em termos de diversão.

Naturalmente, tal doutrina teve hostilidades e aceitações na Grécia Antiga, mas Minois (2012) destaca como sendo a primeira prescrição de um valor e norma de conduta humana sem a concepção de um Deus.

Assim sendo, frente a uma concepção panteísta de mundo que embasava as mitologias e religiões gregas da época, posso dizer que o ateísmo grego, em suas origens, não tinha como ser concebido através da descrença total nos deuses, mas em uma desconsideração da influência deles na vida humana, além de renegá-los a um plano material e impessoal (MINOIS, 2012, p.70).

### 1.3.2 Ateísmo na Idade Média

Tal como Karen Armstrong (2016) comenta que, para qualquer religião que tenha alcançado uma grande abrangência no nosso mundo, foi necessário que estas tenham sido adotadas pelo Estado como suas religiões oficiais. Em outras palavras, para a autora, a abrangência das religiões se dá por questões políticas e não apenas, por questões religiosas.

Com o cristianismo, não foi diferente. Ele foi adotado pelo imperador romano Constantino no século IV com o intuito político deste em formar dinastias mais sólidas para seu império (LE GOFF, 2007 p.20).

Le Goff (2007) afirma que diferentemente das sociedades gregas do mundo antigo, o cristianismo se insere num sistema de sociedade, que era basicamente econômico, político e ideológico: o sistema feudal. Tal sociedade estava estruturada e dividida em hierarquias sociais onde na base estavam os camponeses e escravos, liderados pelos senhores feudais, e estes por clérigos que tinham como chefe principal o imperador. (LE GOFF, 2007, p.21). Nessa época medieval, o domínio da Igreja Católica nos aspectos sociais, políticos e econômicos era alto, controlava-se a produção de saberes e conhecimento, sexualidade, família, embora houvesse resistência e heresias, tentativas de construção de outras sociabilidades. Na verdade, ela foi muito longa, mais de mil anos.

Ora, no que tange ao ateísmo, localizado numa época em que por séculos, elaborou-se uma mentalidade formada pelos princípios do Cristianismo, e dominada pela já constituída então Igreja Católica, não é difícil de imaginar o grau de hostilização desta para os não crentes. Os não crentes, nesse tipo de sociedade, passam a ser todos e qualquer um que, questione ou desacredite na Igreja Católica.

Pensando nos tempos da Inquisição, por exemplo, Heinrich Kramer, (2015) autor do livro index dos inquisidores na época das caças às bruxas, denominado *Malleus Maleficarum* considera justamente a descrença nas bruxas, magias e demônios como um tipo de heresia e por tanto, como cabíveis das condenações que ele prescreve em seu livro.

No entanto, tal como Minois (2012) questiona, é um tanto improvável que correntes de pensamento ateístas, tão numerosas e abrangentes na antiguidade, simplesmente tenham desaparecido por séculos para depois voltarem à tona no século XVI.

Para James Thrower (2009) é na disseminação do pensamento de Aristóteles, durante esta época, que se inserem também as primeiras linhas de pensamento ateias. Segundo este autor, para Aristóteles, a ideia de um Deus é um conceito metafísico usado pelos seres humanos na intenção de explicar a origem e o porquê dos fenômenos no mundo. Além do

mais, na maior parte de sua filosofia, se nota, tem uma base profundamente naturalista.

Ainda segundo Trower (2009), são justamente as filosofias aristotélicas que influenciaram uma gama de autores, entre eles Avicenna (ad 980-1037), Averroes (AD 1126-1198) e Tomás de Aquino (1225-1274) a debaterem sobre uma corrente de pensamento que ganhou grande influência nesta era medieval: a doutrina da dupla verdade.

De acordo com esses filósofos, tal como comenta Minois (2012), seria possível considerar como verdade duas proposições que sejam contraditórias em essência. Um exemplo é a própria concepção do mundo que, segundo a perspectiva teológica, tem origem em Deus, que o teria criado segundo sua própria vontade, enquanto na perspectiva filosófica, a criação do mundo teria origens naturais (MINOIS, 2012, p.82). Tomás de Aquino, embora tenha sido opositor dessa doutrina, acabou por influenciar-se dela para postular diferenças entre a fé e a razão (MINOIS, 2012). Logo, é com essa doutrina que o pensamento ocidental começa a dar o mesmo peso de verdade para duas perspectivas essencialmente contraditórias, algo inédito no pensamento ocidental até então. Enquanto a Filosofia ocidental começava a encaminhar nesta época para a separação de Deus da filosofia, o meio religioso, dominado político e socialmente pela Igreja Católica, sofria com o escândalo de uma publicação anônima de um livro chamado *De Tribus Impostoribus* (Os Três Impostores) (MINOIS, 2012).

Há uma razão óbvia para esta publicação ser anônima. Tal escrito já no título provoca três dos principais fundadores das três grandes religiões monoteístas: Moisés, Jesus e Maomé. Também, coloca no mesmo patamar tais religiões, considerando todas como uma ilusão (uma blasfêmia ainda pior, segundo Minois). Seus ataques não são somente à fé e a negação da existência de divindades, mas o autor também culpabiliza (de uma forma muito semelhante à corrente neoateísta como veremos mais adiante) tais religiões, pelas guerras e mortes no decorrer da história (MINOIS, 2012).

A heresia é tamanha que, em 1239, o Papa Gregório IX escreve aos demais monarcas e ao dignitário eclesiástico, acusando o imperador Frederick II de possuir um “escorpião que destila veneno através do ferrão de sua cauda” (MINOIS, 2012) causando com isso, inclusive, uma tensão entre as duas autoridades. No entanto, tal obra circulou por séculos no meio europeu durante a Idade Média e apesar de ninguém afirmar ter visto ou lido, todos sabiam de sua existência (MINOIS, 2012, p 12). As heresias contidas no *De Tribus Impostoribus*, como as correntes de pensamento filosófico que separavam a razão da fé, darão suporte e forma ao desenvolvimento das correntes de pensamentos ateístas no período do Renascimento e as que conhecemos hoje (MINOIS, 2012).

### 1.3.3 Ateísmo no Renascimento

Se no período da Idade Média a descrença se manifestava através dos autores que divergiam dos dogmas da Igreja Católica, porém o fazendo de forma tímida e anônima, o período que se estende do século XVI ao XVII trará à evidência as correntes de pensamentos assumidamente seculares (MINOIS, 2012 p.81).

Originado por pensadores e intelectuais que ficaram conhecidos na Itália como humanistas, propunham uma ideologia de valorização do mundo natural, o retorno aos padrões da mentalidade grega e romana (daí o nome Renascimento) e do homem, que é colocado agora como um ser autônomo e com principais características, explicadas por uma perspectiva materialista e não mais pela religiosa (MINOIS, 2012, p.82).

Em termos geográficos, será a época das grandes navegações e da descoberta de novas terras e novos povos. Do ponto de vista astronômico, Copérnico (1473-1543) rompe com o teocentrismo ao postular o Sol como o verdadeiro centro do universo. (THROWER, 2009, p. 53). Na arte, a descoberta da perspectiva e profundidade realçavam os traços fortes e belos do físico humano e na arquitetura, pela valorização do estilo gótico.

No que tange às formas de pensamento ateístas, James Thrower (2009) afirma que a Renascença é marcada pela consolidação do pensamento secular de conhecimento do homem e do mundo, agora entendidos por meios outros que não a via da Igreja Católica.

No entanto, apesar da tendência entre historiadores de retratar o período do Renascimento como demarcado pela separação entre o homem e a religião, tanto James Thrower (2009) quanto o historiador francês Luc Ferry (1947) aclaram que o homem, nesse período, estava longe de ser irreligioso. Thrower (2009), apesar de ter afirmado que essa época marca a consolidação da mentalidade secular do homem, a inteira e completa separação entre a razão e a fé era vista como uma hipocrisia e um modo de quem o faz encobrir o seu secreto ateísmo.

Luc Ferry (1947) dirá que, de uma forma geral, os termos que designam uma forma de descrença, como libertino, deísmo, panteísmo, materialismo, naturalismo e racionalismo, foram criados todos depois do século XVI e isso significa que mesmo os pensadores desta época teriam dificuldades de poder expressar uma descrença inteiramente separada da religião ou ateia (no significado moderno do termo).

Como comenta Minois (2012), os contemporâneos da época do Renascimento vivem num mundo que mistura o natural com o sobrenatural, a ciência e a magia, o sagrado e o

profano e nem mesmo as descobertas geográficas fariam surgir na mentalidade da época objeções intransponíveis contra o cristianismo, mas sim um efervescente proselitismo religioso como uma resposta a essa secularização ainda emergente. Essa realidade, porém, começará a mudar no século XVIII, que também ficou conhecido como o século da razão. Falarei um pouco mais sobre ele.

### **1.3.4 Ateísmo no Iluminismo**

Se o século XVII foi a época em que a dualidade a verdade científica e outras perspectivas de verdade se digladiavam e disputavam seguidores, no século XVIII foi quando esta batalha teve seu final, tendo a razão humana ganhado este conflito (THROWER, 2009). Com isso, as ideias que se baseavam em leis, moral, artes e religião, passam a ter como critério de verdade, os conhecimentos científicos, segundo a Ciência Moderna, inaugurada por Galileu Galilei. Abrem-se as portas para o domínio do materialismo como meio de se chegar a uma verdade propriamente dizendo, mais confiável.

Tal como Pinker (2019) conceitua, o Iluminismo foi a época das ideias, que basicamente estavam ligadas a quatro temáticas: razão, ciência, humanismo e progresso.

A principal temática seria a razão e teria sido para Pinker (2019) esta a principal fonte para o questionamento religioso. Os milagres são questionados e os fenômenos naturais acontecem não mais para favorecer ou prejudicar um povo. Citado por Thrower (2009), outro ator de destaque nesta época é Pierre Bayle que afirmou ser um enorme preconceito conceber os ateus como pessoas sem moralidade. Thrower (2009) acrescentará que Bayle teve um grande grupo de seguidores que duvidaram das perspectivas religiosas entre a moralidade e a razão.

Há outro autor nesta época, Barão d'Holbach (2010), que publica aquela que é considerada a primeira obra inteiramente ateia: o sistema da natureza. Neste livro, Holbach (2010) considera a natureza, e tudo o que nela existe (incluindo o homem) como fenômenos naturais, de origem materialista e por uma causalidade de eventos. Esses questionamentos, tal como diz LeDrew (2016), podem ser considerados como o verdadeiro ponto de partida do ateísmo, já que é neles que o ateísmo moderno, tal como conhecemos, começa a ser questionado por estes autores. Estes autores que, embora não sejam ateus (PINKER, 2019), ainda assim, contribuem para lançarem as bases para o século seguinte, que é conhecido por ser a era em que o ateísmo mais parece ter dominado o contexto ocidental.

### 1.3.5 Ateísmo no século XIX e início do século XX

Apelidado por Minois (2012) como o século das descrenças, o período que se estendeu do século XIX ao início do século XX herda as correntes de pensamento dos séculos anteriores. Tais correntes aos poucos se disseminam pela Europa Ocidental e, pela primeira vez, o ateísmo fica atrelado à política socialista da URSS e se torna uma crença estatal.

Começemos por Feuerbach (2012), que inaugura uma espécie de ateísmo antropológico em seu livro *A essência do cristianismo*. Para ele, Deus nada mais é do que a projeção do homem, de suas próprias essências e qualidades, que são exteriorizadas e potencializadas na figura de um Deus superior, ação esta que Feuerbach chama de alienação. Essa essência, para o autor, nada mais é do que a inteligência, a razão ou o entendimento da espécie humana. Deus, pensado como externo ao homem, como o não humano, como um ser não humano e pessoal (e a essência objetificação da inteligência).

A essência divina pura perfeita e imaculada é a autoconsciência da inteligência, isto é, a consciência do que a própria inteligência ou razão tem de sua própria perfeição. (FEUERBACH, 2012, p. 26). Para superar tais projeções, o ser humano teria, pela perspectiva de Reich, que poder retomar suas qualidades para si, e quando acontecesse, o ateísmo surgiria normalmente, porém não mais o ateísmo que nega um Deus, mas um ateísmo natural, já que a noção de que Deus não existe seria tão óbvia que ninguém mais questionaria sobre sua existência ou não.

Anos mais tarde, seu discípulo, Karl Marx (2015) que, apesar de a religião não ocupar uma parte central em sua obra e seus pensamentos sobre esta se encontrarem em apenas alguns textos pontuais, ainda assim, este acrescenta algumas contribuições para o pensamento ateuista. Para ele, Deus também é uma projeção humana e a religião o fruto de uma alienação, onde é o homem quem elabora tais conceitos e qualidades a deuses e elabora um mundo ilusório, onde o que lhe falta no mundo real o terá neste outro espaço religioso. No entanto, a gênese dessa crença está na realidade política e social a qual o homem está inserido.

Na introdução de seu texto, *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, Marx (2015, p. 4) escreve: “a miséria religiosa é, por um lado, a expressão da miséria real e por outro, o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o sentimento de um mundo sem coração, assim como ela é o espírito dos tempos privados de espírito. Ela é o ópio do povo”.

Nesse contexto da literatura alemã, se Feuerbach (2012) inaugura uma espécie de

ateísmo antropológico, Marx (2015) inaugura um ateísmo social e político, há que considerar também uma perspectiva psicológica do ateísmo.

Tal como Minois (2012) comenta, o estudo psicofisiológico do fenômeno religioso nessa época começa a fazer um grande sucesso nos espaços acadêmico, contribuindo para reduzir a religião a um fenômeno psíquico.

A psicanálise, neste contexto, não poderia estar do lado de fora destas discussões e elabora uma nova perspectiva psicológica da divindade, por assim dizer, ao considerá-la como dada através de fenômenos inconscientes. Sendo assim, os escritos de Freud (1976, 2012) como fundador da psicanálise, se tornam fundamentais para esta nova linha de pensamento. Vejamos um pouco sobre suas teorias psicanalíticas, dentro do que concerne ao ateísmo.

Em seu primeiro escrito versando sobre a temática da religião, no texto *Atos obsessivos e prática religiosa*, Freud (1976) compara os rituais dos sujeitos, por ele denominado de neuróticos-obsessivos, com os rituais religiosos. Falando de uma forma mais técnica, a dinâmica mental do neurótico-obsessivo, um recalque insatisfatório gera um grau de angústia (*angst*)<sup>7</sup> suficiente para levar o indivíduo a ativar algumas defesas mentais que, não raramente, vêm na forma de rituais obsessivos. Para Freud (1976), esse mecanismo de angústia poderia produzir, a nível individual ou coletivo, as mesmas defesas psíquicas no objetivo que conseguir o atingir o desejo do conteúdo que foi recalcado. Como esse recalque não é capaz suprimir a angústia por ele produzida, a defesa se manifestaria então na forma dos rituais e cerimônias religiosas.

Em outro de seus textos, Freud (2012) propõe que a experiência religiosa traz consigo uma experiência psicológica que, em termos psicanalíticos, se traduz pela projeção edípica que a criança faz do pai. Falando de uma forma mais técnica, durante a fase do Complexo de Édipo, após a castração, a criança apesar de odiar o pai (entendido de forma simbólica como significando a lei e o impedimento) por separá-lo da mãe (entendido simbolicamente como desejo) sentirá também o desejo de proteção. Tal desejo de proteção se manterá na idade adulta e é este desejo que criará a ideia de Deus. Em outras palavras, Deus, para Freud (2012) nada mais é do que a imagem idealizada do pai pelo indivíduo adulto, que ainda busca uma proteção para as ameaças do mundo externo.

Outro autor, contemporâneo de Freud e que também elabora uma concepção psicológica de Deus, é Carl Jung (2016). Embora Jung (2016) não seja ateu, ele concebe Deus

---

<sup>7</sup> Há um certo debate em torno da tradução, para o português, das obras de Freud, com relação à tradução da palavra *angst*, que na versão em português foi traduzida como angústia, mas o termo também, numa tradução literal, poderia significar “medo” ou “ansiedade”. Optei por manter o termo angústia, simplesmente por ser este, o termo traduzido na edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud

como uma espécie de arquétipo, presente na mente humana, num espaço que ele chama de inconsciente coletivo. É esta a razão do por que a figura de um Deus ou de deuses aparecerem nos mais diversos povos e culturas, possuindo semelhanças.

Assim, como veremos no próximo subitem que abordará a mentalidade ateísta na segunda metade do século XX e o surgimento do neoateísmo, as contribuições destes autores alemães para a descrença, são imprescindíveis para o entendimento do nosso mundo atual, mesmo para alguém que não se denomine, nos dias de hoje, como ateu.

### **1.3.6 Ateísmo nos tempos modernos**

E assim, chego à mentalidade ateísta nos tempos atuais. Todo este processo histórico sobre o desenvolvimento do pensamento e mentalidade ateísta, desde a Grécia Antiga até as doutrinas da “morte de Deus” e fim das religiões, deram ao ocidente uma mentalidade de vida secularizada (MINOIS, 2012 p. 698). Por secularizadas entendo como uma forma de mentalidade presente no meio cultural e individual, onde os dogmas e crenças religiosas não interferem diretamente na vida diária dos indivíduos.

Tomas Altizer (1966), por exemplo, chega a afirmar que Deus está morto tanto em aspectos culturais quanto históricos e que a única saída para a Teologia, é aderir às ideias da descrença tradicional em Deus, presentes no mundo moderno.

No entanto, o passar das décadas demonstrou que as religiões não deixaram de existir, mas que sobreviveram à descrença social, ao avanço das políticas ateístas na URSS e à mentalidade secularizada moderna. Peter Berger (2017 p. 19) teoriza:

longe de terminar, as religiões sobreviveram através de um pluralismo religioso, isto é, onde não há um monopólio de uma religião específica numa região, mas, ao contrário, elas se tornam tão numerosas que permitem que pessoas de diferentes cosmovisões diferentes, convivam entre si.

Ele também afirmará que os indivíduos de hoje, mesmo os que possuem crenças religiosas, vivem no mundo moderno “como se Deus não existisse”, isto é, aderindo a conhecimentos técnicos e científicos nas suas profissões e decisões diárias, a despeito das ideias religiosas.

Minois (2012) por sua vez, dirá que o que existe nos tempos atuais é uma inversão da dominância de crenças que se tinha na época da Idade Média, isto é, que se naquela época o Cristianismo pregado pela Igreja Católica dominava os aspectos políticos, sociais e culturais

da vida humana de tal maneira e abrangência que qualquer questionamento destas doutrinas religiosas era considerado como ateísmo. (MINOIS, 2012). Já nos dias atuais, a descrença ocupa estes mesmos espaços políticos, sociais e culturais também de tal maneira que, tudo o que não vem de uma abordagem excessivamente materialista é visto como uma forma de religião (MINOIS, 2012).

Esta pode até estar presente no dia a dia dos seres humanos e ter sobrevivido às teorias sobre a morte de Deus, mas que o homem moderno é essencialmente ateu (MINOIS, 2012). E esta mentalidade perdurou até o final da década de 90. Porém, no início do novo milênio, surgiria uma nova forma do pensamento ateu: o neoateísmo. Este tem início com os ataques ao World Trade Center no 11 de Setembro, realizado pela Al Qaeda (SILVA, 2015). Tal ato, para além de toda a repercussão e consequências políticas e sociais que gerou não apenas nos EUA, mas no mundo de forma geral, também gerou intensos debates no meio acadêmico, a respeito da relação entre religião, política e fanatismo religioso (SILVA, 2015). E é justamente no meio acadêmico, entre autores ingleses e estadunidenses, que surge esta nova forma de ateísmo, baseada não apenas na crítica aos dogmas religiosos enquanto crença, mas também às denúncias que estes trazem à sociedade, em nome de um Deus religioso.

No prefácio de *O fim da fé*, o filósofo e neurocientista Sam Harris (2007) acusa a crença religiosa de ser responsável pela intolerância entre crentes e não crentes, o que levaria à violência e esta, a ataques terroristas que causam centenas de mortes. Em concordância com Sam Harris, Christopher Hitchens (2007) em *Deus não é Grande*, se propõe a denunciar, através de fatos históricos e contemporâneos, o quanto a religião – usando suas palavras – envenena o mundo com seus dogmas e ideologias e promove o fanatismo, intolerância, ataques violentos e estes, o terrorismo.

No livro *Deus, um delírio*, Richard Dawkins (2007), um dos mais proeminentes ateístas conhecidos, se propõe não apenas a debater argumentos religiosos para a existência de Deus, contrapondo com argumentos evolucionistas e filosóficos, mas também a acusar as religiões, com seus dogmas e crenças a cometerem as maiores atrocidades desde usarem seus dogmas para justificar atentados terroristas, violência aos homossexuais e potencializar o fanatismo religioso, como também a ser conivente com o abuso físico e sexual de crianças.

E completando a lista dos assim denominados quatro cavaleiros do apocalipse ateu, Daniel Dennett (2006), no livro *Quebrando o encanto*, adota um posicionamento menos acusativo e mais racionalista, se propondo a explicar fenômenos religiosos através de argumentos racionalistas e empíricos.

Falando pela minha experiência frequentando as comunidades ateístas nos espaços

virtuais, vejo que estes quatro autores, são muito citados pelos ateus, de forma geral e, dado o destaque acadêmico que eles ganham com estes livros, não se pode descartar a influência destes autores na mentalidade do ateísmo nos dias atuais.

Sendo assim, concluímos esta construção da contextualização do pensamento ateu no mundo ocidental. No segundo capítulo, exporei um pouco os argumentos e questionamentos desses autores ateístas contemporâneos e que estão presentes na maior parte da mentalidade ateu que grassa nos meios virtuais: comunidades no Facebook, militância ateu cibernética do Grupo ATEA, produtores de conteúdo no YouTube. De forma geral, esses discursos ateus rendem a uma visão empírica e racional de mundo, baseado em argumentos positivistas e acadêmicos para justificação de crenças, questionamento das religiões e denúncia do fanatismo religioso. Não à toa estes quatro autores são muito citados nos conteúdos ateístas nos meios virtuais.

Acredito que para esse contexto, as discussões de Peter Berger (2017) e Hervieu-Léger (2008) escrevem de uma forma mais efetiva essa questão. Percebo religiosos aderindo ao pluralismo religioso e atuando como peregrinos, transitando entre as múltiplas religiões de acordo com suas filosofias de vida, relativizando os dogmas e vivendo pacificamente com aqueles que possuem cosmovisões diferentes das suas. Mas há também os fanáticos, a outra opção de vivência descrita por Berger (2017), que atuam como convertidos e rejeitam qualquer ideia de pluralidade religiosa e se atêm às tradições e dogmas de suas religiões, de forma a defendê-las da relativização de suas verdades, gerando assim atitudes de fanatismo e mesmo, intolerância religiosa.

No campo político a disputa de espaço se mostra com a inserção de bancadas religiosas em países como EUA e Brasil, onde buscam através da imposição das leis, promover ações que favoreçam a fé religiosa, mesmo que tais leis sejam prejudiciais e mesmo violentas contra grupos minoritários, como mulheres, negros, pessoas LGBT, ateus e de outras minorias religiosas. Nesse campo específico, há a resposta dos ateus na política, com o grupo ATEA, uma entidade virtual entre indivíduos que se identificam como pertencentes ao grupo dos ateus ou agnósticos, presentes em alguns países como Inglaterra, EUA e Brasil. No Brasil, principalmente, há militância políticas desses grupos, buscando se inserir na esfera pública através de campanhas em ônibus e outdoors em algumas capitais brasileiras, onde através desta, se manifestaram claramente contra a chamada “bancada evangélica” na câmara dos deputados em Brasília e exortando a população, a votarem baseando-se em princípios outros, que não seja a religião, única e propriamente dizendo. Tal grupo será a temática principal do próximo capítulo.

## **2 A MILITÂNCIA ATEÍSTA NOS MEIOS VIRTUAIS: ATEA, FACEBOOK, YOUTUBE E INSTAGRAM**

Uma vez exposta essa breve história do ateísmo no Mundo Ocidental e para poder elaborar a análise de conteúdo nas comunidades ateístas brasileiras nas redes sociais, é preciso antes levarmos em consideração todo o contexto histórico. E como vimos, para levar em consideração o que uma sociedade considera como ateísmo, é necessário também conhecer o histórico da crença religiosa nesse local. Todavia, nesta introdução ao capítulo dois, farei um breve panorama do ateísmo no Brasil antes de iniciar um mapeamento exploratório sobre como se dá sua militância nas redes sociais e na página ATEA. Nesse mapeamento, selecionaremos alguns materiais para servir como amostra para a Análise do Discurso no capítulo três.

Segundo Paula Monteiro (2014), quando a Coroa Portuguesa instituiu o Catolicismo como religião oficial, isto teve como consequência três consequências importantes para a formação do campo religioso brasileiro. Uma delas, foi a tornar o catolicismo como uma referência para educar, controlar e avaliar toda a espécie de prática popular tanto no campo religioso quando no espaço público das cidades.

Como consequência disso, por séculos na história brasileira, a Igreja Católica obteve o monopólio religioso no país de forma que sua presença e influência nas camadas populares eram tamanhas que, em 1872, o império classificou a população brasileira em católicos e acatólicos (MONTEIRO & DULLO, 2014, p. 58).

Ainda segundo Monteiro e Dullo (2014) anos mais tarde, em 1940, o primeiro censo nacional apontou a população católica brasileira como estando acima dos 90% e este percentual se manteve pelas outras quatro décadas no país.

A queda da população católica para abaixo dos deste percentual e a emergência dos adeptos nas demais religiões outras brasileiras se dão na década de 80 e esta é uma tendência que se mantém até o último censo de 2010. Segundo os dados do censo de 2010, divulgados pelo IBGE, neste ano de 2010 a população católica cai para 64,6% enquanto outras como o protestantismo, crescem para 22,2 %. Outras religiões como o espiritismo e umbandismo começam a ganhar destaque também com crescimentos, ainda que mais modestos se

comparado aos das denominações cristãs. E fazendo uma breve análise destes dados, há um outro grupo que igualmente há de se considerar o crescimento: o dos sem religião que se na década de 80, mal chegava a 1%, hoje a porcentagem já chega a meados de 8%. E é neste grupo dos sem religião que estão situados os indivíduos que se dizem ateus, embora a quantidade exata pelos dados do Censo de 2010 não se possa confirmar. Isto se deve ao fato de que, a mensuração do Censo, leva em consideração indivíduos que se dizem apenas como “sem religião”. Mas esta categoria pode ser considerada como muito ampla, visto que dentro desta estão indivíduos que não necessariamente são ateus; apenas que se dizem como não pertencendo a nenhuma filiação religiosa.

No entanto, mais recentemente, segundo o jornal Folha de São Paulo, em uma pesquisa do instituto de pesquisa Datafolha, o número de ateus no Brasil chega a 1% (TUROLLO, 2019) sendo esta talvez, uma das mensurações mais precisas que temos para quantificar a população de indivíduos ateus no Brasil.

Mas tratando-se do ateísmo no Brasil, não houve uma uniformidade do pensamento religioso no nosso país. Ainda que este dominasse os aspectos políticos e sociais da Europa na Idade Média, tampouco se pode dizer que o mesmo ocorreu aqui. (Lopes, 2010 p. 20). E neste aspecto, o estado do Rio Grande do Sul talvez tenha sido o primeiro a dar a grande contribuição para a disseminação do pensamento ateu moderno através das divulgações dos ideais do positivismo de Auguste Comte (Lopes, 2010, p, 21).

Segundo Lopes (2010), a Constituição Federativa do Estado havia semelhanças com o pensamento positivo e que setores influentes daquele estado passaram a incorporar as ideias de Auguste Comte, de modo a criarem um partido político: o PRR (Partido Republicano Rio-grandense). Nesse partido, segundo este autor, havia uma notável influência do jornalista e político Júlio de Castilhos, conhecido por ser um dos grandes ideários do pensamento positivista no país. Seus ideais vieram a ser conhecidos como “castilhismo” e influenciaram a política administrativa do Rio Grande do Sul, bem como a moralização do indivíduo quando tutelados pelo estado (LOPES, 2010, p. 22). Nesse contexto, é fundado o templo positivista de Porto Alegre, o “templo da Humanidade” e que tem como principal influência as ideias positivistas de Auguste Comte. Estas divulgações dos ideais positivistas do Auguste Comte contribuíram para a divulgação dos ideais ateístas modernos, no país (Silva, 2020).

Silva (2020) também destacará a contribuição de alguns intelectuais brasileiros e do cientificismo ateu para a mentalidade ateu no Brasil. Mas para esta dissertação, interessa abordar outro ponto igualmente vital para a mentalidade ateu no país neste século XXI: as comunidades ateístas nos meios virtuais. Estas, em geral, são muito pautadas por uma

militância, na perspectiva ateuista.

Uma vez agora estabelecida esta breve história do ateísmo no território brasileiro, vejamos como este se insere nos meios virtuais, visto que será neste campo que minha dissertação utilizará como análise de dados.

Para isto então, vejamos um pouco mais sobre as plataformas que aqui, nesta dissertação, escolhi como campo de análise. Elas são o YouTube, Facebook, Instagram e a comunidade virtual ATEA.

## **2.1 Militância e Ciberateísmo no Brasil**

Gustave Le Bon (2008) traz uma importante distinção entre as mentalidades individuais e sociais do ser humano, afirmando que há uma certa diferença na forma como estes subjetivam, quando estão sozinhos, para quando estão inseridos em um contexto mais social ou grupal. Para Le Bon (2008), uma vez inserido em grupo, o indivíduo assume sentimentos, pensamentos e ideias que ele não as possui quando está sozinho. Isto significa, como ele próprio explica mais adiante, que uma vez inserido em um contexto grupal, o indivíduo se rende à impulsos e ações que ele não os teria caso estivessem sozinhos. E utilizando desta perspectiva, Freud (2006) destaca que, fora algumas raras exceções, o ser humano não pode ser entendido e analisado fora do contexto social, visto que somos seres gregários.

Décadas depois dos escritos desses autores, surge um novo espaço onde os indivíduos podem se relacionar entre si, ainda que a quilômetros de distância: o ciberespaço. Este pode ser entendido segundo Pierre Levy (2010) como um espaço de comunicação através de uma rede de computadores conectados mundialmente e que abrange toda a infraestrutura material de comunicação e de informações que se podem ser obtidas através da navegação destes espaços.

Em outras palavras, toda a internet pode ser entendida, de acordo com Levy (2010), como o ciberespaço. Esse autor também afirma que as imagens, palavras e construções de linguagem fornecem as razões de vida para os seres humanos e para suas instituições que se renovam, tanto por grupos organizados como por circuitos de comunicação e memórias artificiais.

Adelina Silva (2004), por sua vez, ressalta que alguns pesquisadores afirmam que o meio virtual não é oposto ao real, mas são modos de existir complementares. Mais tarde, essa autora define as comunidades virtuais como aglomerado sociais de pessoas que existem nas redes, formam diferentes relações pessoais que alteram o “eu” do indivíduo, um eu construído

virtual-socialmente.

Deste modo, entendo que o ciberespaço se torna uma importante fonte de construção de subjetividades e formação de grupos, com mentalidades e visões de mundo parecidas. É neste contexto, que funciona o que podemos chamar de ciberateísmo. Tal termo, desenvolvido pelas pesquisadoras Patrícia Martins (2018), designa a militância ateísta que no Brasil tem se desenvolvido em blogs, páginas na internet e redes sociais. A razão disto é porque, a militância ateísta no Brasil surge apenas com a difusão, popularização e comercialização da internet. E isto acontece somente, mais propriamente a partir dos primeiros anos do século XXI (MARTINS, 2018).

Ricardo da Silva (2020) diz que a internet é um importante meio de divulgação para a visibilidade ateísta no Brasil e é através das comunidades ateístas que os indivíduos que se dizem ateus, podem não apenas expor suas preocupações, pensamentos e visões de mundo sobre como é ser ateísta no país, como também para a formação de suas identidades. O resultado disto é que tais grupos ateístas, através destas comunidades vem tomando conhecimento de suas demandas e necessidades e buscando soluções coletivas para tais, intensificando assim, a militância ateísta no país. Apresento, a seguir, mais detalhadamente sobre estas atividades ciberateístas.

Ainda segundo este autor, em 2006, Richard Dawkins lança o livro *Deus, um delírio no Brasil*, na época em que o movimento neoateísta começava a se consolidar no cenário social como uma alternativa de crença às religiões dominantes (Dawkins, 2019) Anos depois começam a emergir, no Brasil, as comunidades virtuais ateístas como a ATEA (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos), surgida em 2008 e dois anos mais tarde, a LiHS (Liga Humanista Secular do Brasil). Esta é a hipótese desenvolvida pelo historiador Ricardo Oliveira da Silva (2020) para tratar do surgimento do início da militância ateísta no Brasil.

A esse movimento de militância ateísta nas redes sociais, pode ser chamado de ciberateísmo (Silva, 2020, p 234).

Falarei mais sobre a ATEA, pois ela será um dos meios virtuais que utilizarei na análise do discurso desta dissertação. Quanto a LiHS<sup>8</sup>,(Liga Humanista e Secular do Brasil) é uma associação virtual sem fins lucrativos e de caráter humanista secular, que tem a finalidade de estabelecer uma militância a favor da racionalidade, dos princípios científicos, da ética humanista e pelo estado laico. Sua sede, consta no site da própria entidade e em sua página inicial, é possível encontrar alguns de seus artigos, escritos por membros, cujos assuntos

---

<sup>8</sup> Disponível em <<<https://lihs.org.br/>>> acesso em 27/01/2021

variam entre as pautas políticas atuais que ameaçam o estado laico, ao questionamento da noção dos crimes de mortes por homofobia no Brasil.

Silva (2020) também expõe sobre as realizações de eventos, como os Encontros Nacionais dos Ateus (ENA). Tais encontros aconteceram anualmente entre de 2012 e 2016, em algumas cidades brasileiras. O Primeiro encontro foi promovido pela sociedade racionalista, tendo o apoio de entidades como as duas já citadas acima, além do “ateísmo pelo mundo” e “ateus do Brasil”. A pauta deste encontro foi apenas a de confraternização entre ateus, no objetivo de formar laços. Nas edições anuais seguintes, contou com as temáticas “moral independente da crença” e “liberdade religiosa e laicidade e respeito”. Também houve alguns encontros, nestas finalidades, no Acre realizado na UFAC.

Uma vez agora exposta esta breve história do ateísmo no Brasil e levando em consideração que Silva (2020) afirma que os indivíduos ateus escolheram a internet como meio de militância ateísta, para esta dissertação escolhi como amostra quatro mídias em que este ciberateísmo parece ter se desenvolvido com maior visibilidade; a ATEA (um site virtual com uma proposta de militância política e que visa reunir um público que se identifica como ateus e agnósticos), o YouTube, o Facebook e o Instagram. Vejamos um pouco mais sobre eles.

### **2.1.1 ATEA - Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos**

Começo pela página eletrônica da ATEA<sup>9</sup>. Segundo consta no site da ATEA, esta é uma entidade sem fins lucrativos e se apresenta como a maior organização ateísta da América Latina. Contando com 19 200 membros, contabilizados em janeiro de 2018 (ATEA, 2019). esta associação está presente em outros meios virtuais como o Instagram<sup>10</sup>, Facebook<sup>11</sup>, e YouTube<sup>12</sup>. Optei por esta comunidade para tratar nesta dissertação, devido não apenas ao grande número de membros, mas porque é uma das poucas entidades militantes ateístas na esfera pública da política brasileira, representando assim, uma forma da visão política dos ateus brasileiros de uma forma geral.

Essa associação teria sido criada por Daniel Sottomaior, Alfredo Spínola e Mauricio Palazzuoli em agosto de 2008 e tem como objetivos a luta contra o preconceito social contra os indivíduos que se intitulam ateus e agnósticos, bem como a promoção de uma

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<https://www.atea.org.br>> acesso em 04/08/2020

<sup>10</sup> Disponível em < [https://www.instagram.com/associacao\\_atea/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/associacao_atea/?hl=pt-br)> acesso em 24/01/2021

<sup>11</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/Ateaoriginal>> acesso em 24/01/2021

<sup>12</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/user/ATEAorgBR>> acesso em 24/01/2021

laicidade efetiva do Estado e a promoção de sistemas éticos e seculares<sup>13</sup> (ATEA, 2020). Ainda de acordo com o site, a ATEA está representada na Comissão de Direito e Liberdade da OAB/SP, no Centro de Promoção da Liberdade Religiosa e Direitos Humanos do Governo do Estado do Rio de Janeiro e no Comitê de Liberdade Religiosa do Rio Grande do Sul (ATEA, 2019).

Quanto ao conteúdo deste site, estão expostos depoimentos de ateus (que geralmente contam suas experiências de preconceitos, discriminação ao se declararem ateus para amigos e famílias ou descrevem seu processo de experiências pessoais que os tornaram ateus), notícias (que normalmente envolvem conteúdos sobre os males que a religião pode vir a trazer, denúncias de atividades ilícitas de religiosos e por vezes alguns conteúdos de defesa da laicidade do estado) ou a divulgação das crenças e dúvidas ateístas para a sociedade (na forma de argumentos, a fim de convencer a quem chega ao site de suas ideologias pessoais).

Selecionei alguns exemplos dos depoimentos, que fazem parte desta guia, no site.

Como eu me tornei ateu

Postado por: Wesley Rodrigues Tags: Atea | Categorias: Depoimentos  
OUTUBRO 23

Por muito tempo, fui condicionado por criação a acreditar em algo superior a mim e que, em todo tempo, se tivesse fé nele, tudo daria certo. Eu era criança, e acatar as decisões dos pais, naquela época, era com ameaças ‘divinas’ — se não fizer isso, vai para o inferno. [...] Percebi a real razão da existência quando compreendi que acreditar em divindades era como acreditar no ‘amiguinho imaginário da escola primária’. Atualmente, moro em outra cidade sozinho há quase dois anos. Ainda que dizer às pessoas que sou ateu ainda choca, acredito que o meu ateísmo não é fator decisivo de caráter. É apenas uma das minhas certezas da vida. Ainda continuo sendo a mesma pessoa que há 10 anos ou 15 anos atrás, só que mais racional.<sup>14</sup>

O preconceito vem de perto

Postado por: Thaís Destefani Tags: Atea | Categorias: Depoimentos  
OUTUBRO 23

Há algum tempo, decidi relevar para todos os que me rodeiam que não sou católica, e que tenho uma visão que tenho uma visão diferente das pessoas.

<sup>13</sup> Informações disponíveis em < <https://www.atea.org.br/sobre>> Acesso em 04 de Agosto de 2020

<sup>14</sup> Disponível em: <https://www.atea.org.br/depoimentos/como-eu-me-tornei-ateu/> Acesso em 01 fev. 2021.

Minha mãe e irmãzinha no começo não entenderam, começaram a jogar coisas sobre Deus na minha cara, etc. Meu irmão, um homem maduro e compreensivo me disse que além de me compreender, me apoiava. Meu namorado ficou horrorizado e disse que não quer mais casar e ter filhos com uma pessoa que não acredita em Deus e o pau quebrou feio entre nós dois (tenho 3 anos de namoro), minha sogra não acreditava nisso e estava de “cara virada” para mim. [...] O começo como “diferente” é muito difícil, muita gente vai te chamar de louco, dizer que você está estranho, que precisa de Deus, que o “inimigo” está te manipulando, etc. É necessária muita paciência para conviver com todas essas pessoas descompreendidas (sic).

Hoje tô aqui, feliz, muito mais tranquila que antes e lutando todos os dias contra a intolerância religiosa e homossexual e etc. Meu propósito sempre foi esse, pensar diferente para que algum dia eu possa fazer o mundo igual.<sup>15</sup>

A página também possui um espaço onde eles divulgam suas principais campanhas políticas no país. Entendo esse espaço virtual, como uma política de conscientização da população a respeito dos males da religião e da malignidade de um estado controlado pela religião. Se tratando de suas atividades, cito as campanhas públicas visando laicidade do estado, utilizando os transportes públicos nas variadas capitais do país e de outdoors, nas cidades de Salvador e Porto Alegre. Tais mensagens, em geral, expressavam exaltação ao ateísmo e de críticas às religiões. Convém dizer também que estas campanhas publicitárias são baseadas nas tentativas feitas em outros países europeus, como Itália, Espanha e Inglaterra e advindas por associações equivalentes a ATEA nesses países.

Figura 1: Página oficial da campanha dos OUTDOORS, da ATEA

---

<sup>15</sup> Disponível em < <https://www.atea.org.br/depoimentos/o-preconceito-vem-de-perto/> > acesso em 04/02/2021

**CAMPANHA DE OUTDOORS 2014**

**NÃO VOTE COM FÉ USE A RAZÃO**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ATÉUS E AGNÓSTICOS **ATEA**  
WWW.ATEA.ORG.BR

A campanha de outdoors da ATEA em 2014 foi lançada no dia 05 de setembro e aborda a influência da religião sobre a política. As peças devem ser exibidas em Porto Alegre, Florianópolis, na grande São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Luís e, como todas as nossas atividades, foram financiadas pelas doações de membros e simpatizantes. As várias peças da campanha contemplam os dois focos de atuação da entidade, que são a defesa da laicidade do Estado e a luta pelo fim do preconceito contra os ateus. O constante aprofundamento das violações da laicidade do Estado brasileiro tem chamado cada vez mais a atenção da sociedade. A campanha foi lançada no período eleitoral porque nessa época fica ainda mais clara a mistura entre política e religião. Para abordar esse problema, a entidade escolheu os slogans "Não vote com fé, use a razão" e "Sua religião não é nossa lei". Como a contaminação religiosa do Estado atinge não apenas os cargos eletivos do executivo e do legislativo, mas também a atuação do judiciário, uma das peças mostra o crucifixo que tem posição de destaque no plenário do Supremo Tribunal Federal, mais alto que o próprio brasão da República e em nicho próprio na parede, deferência que o brasão não recebeu.

As pesquisas de opinião mostram que os ateus estão no topo da escala de rejeição no país, despertando repulsa ou ódio em 17% da população e antipatia em outros 25%. O preconceito tem importante reflexo eleitoral, pois cerca de 2 em cada 3 brasileiros jamais votaria em um ateu, o que efetivamente barra qualquer representação política do ateísmo. É por isso que achamos importante lembrar, à sociedade e a nós mesmos, a força dos nossos números, com o slogan "Ateus: somos 2 milhões de eleitores".

Esse recado é para os candidatos que têm feito correria em busca de apoio nas mais variadas igrejas, mas não estão interessados em nos escutar – aliás. Também serve para as

Fonte: ATEA, 2020

Em Londres, a *American Humanist Association* tentou primeiramente arrecadar fundos para esta campanha através de doações públicas, usando o seu site pessoal para expor o anúncio e o pedido. O objetivo era alcançar o equivalente a uma quantia de dezenove mil reais. Em quatro dias, arrecadou em torno de quatrocentos e sessenta e cinco mil reais (ATEA, 2020).<sup>16</sup> Com isso, realizaram a campanha em Londres e em algumas cidades inglesas. No entanto, na Itália, Espanha, a campanha não teve tanta sorte e, ainda que fosse firmado um acordo com as empresas, as campanhas não aconteceram (ATEA 2020). Na Itália, a campanha chegou a ser proibida por lei. Um outro país não europeu a tentar a mesma campanha foi a Austrália, porém neste país, as entidades não conseguiram fechar o contrato com as empresas (ATEA 2020).

No Brasil, segundo Paula Monteiro e Eduardo Dullo (2013), a tentativa de veiculação das mensagens nos transportes públicos foi a primeira ação prática da comunidade ATEA com o objetivo de visibilizar a organização e foi motivado pela campanha inglesa. Ela também afirma que o financiamento da campanha, foi dado através dos recursos pessoais do próprio presidente da organização Daniel Sottomaior.

<sup>16</sup> Informações disponíveis em < <https://www.atea.org.br/campanhas-de-outdoors/>> Acesso em 24/01/2021

A campanha foi realizada por uma agência independente e a escolha das frases e slogans foram feitas pelos vários membros da organização. As quatro mensagens que fizeram parte dos outdoors, foram escolhidas através de voto. A partir de então, as empresas independentes começaram a tentar fazerem acordos com as empresas de ônibus destas cidades, mas as empresas recusaram tal proposta, alegando que os conteúdos, violavam restrições em suas legislações municipais. Com esta impossibilidade, a estratégia adotada foi a de veicular estes slogans em outdoors, no período de um mês, nestas e nas outras cidades referenciadas anteriormente neste artigo (MONTEIRO & DULLO, 2013). As artes destes outdoors estão expostas a seguir.

Figura 2 – Slogan sobre a preconceito contra ateus e os deuses de outras religiões



Fonte ATEA 2020<sup>17</sup>

Nessa primeira figura se vê a imagem de três deidades (Shiva, do Hinduísmo; Rá, da cosmologia egípcia e Jesus, do Cristianismo) com os dizeres “Somos todos ateus com os deuses dos outros”. Com isto, implicam que a questão da crença em um Deus é específica de cada religião.

Sendo assim, todos os indivíduos seriam e se comportariam, inevitavelmente, como ateus de alguma maneira, levando em consideração as perspectivas de outras religiões.

<sup>17</sup> Disponível em <://www.atea.org.br/campanhas-de-outdoors/> acesso em 14-01-2021

Figura 3– Slogan do que a ATEA considera como intolerância promovida pelas religiões.



Fonte ATEA, 2020<sup>18</sup>

Nessa imagem se vê a foto do ataque do 11 de Setembro ao World Trade Center com a frase “Se Deus existe, tudo é permitido”. Esta frase é uma inversão da frase original de Dostoiévski “Se Deus não existe, então tudo é permitido” (Dostoiévski, 2002), implicando que, na realidade, o que se ocorre é o oposto. Na visão da ATEA, seria justamente na religião e através do fanatismo religioso, é que estariam as justificativas para que as pessoas cometam discriminações, injustiças e violências sociais.

Figura 4- Slogan contra a ideia de que ateus são pessoas más, e os religiosos, pessoas boas.



Fonte ATEA, 2020<sup>19</sup>

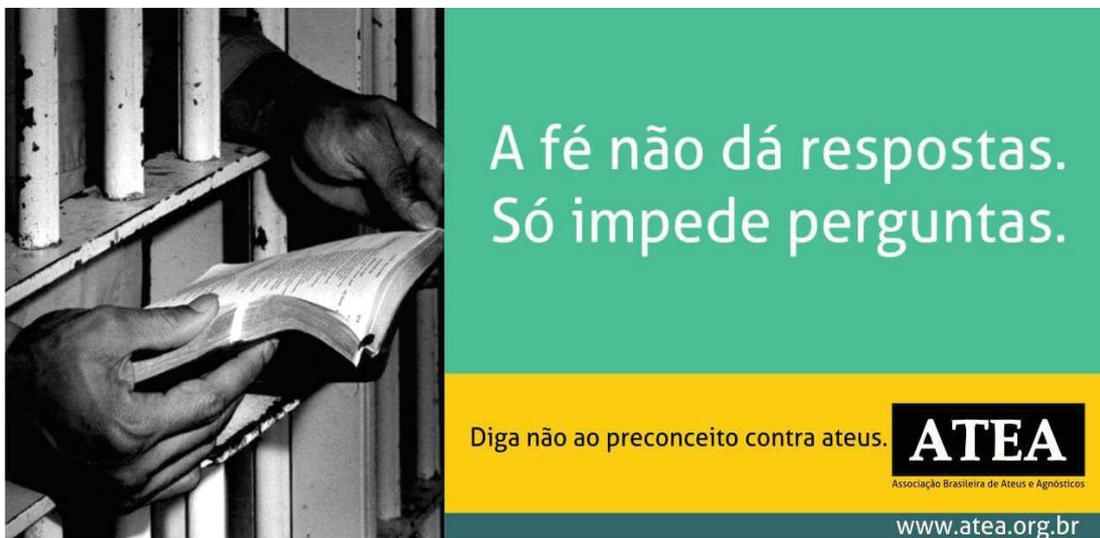
<sup>18</sup> Disponível em <://www.atea.org.br/campanhas-de-outdoors/> acesso em 14-01-2021

<sup>19</sup> Disponível em <://www.atea.org.br/campanhas-de-outdoors/> acesso em 14-01-2021

Nessa figura, se veem as fotos de duas personalidades famosas e contemporâneas, sendo uma delas um ateu e outro não. A figura do Ateu, indicada na figura de Charles Chaplin, se constitui num ator famoso e que embora fosse ateu, não causou nenhum mal para a humanidade, até onde conhecemos. A segunda foto, de Hitler, que embora se dizia como religioso, ficou marcado pelo holocausto aos judeus.

Mais à direita, a frase “religião não define carácter” se mostra como sendo um protesto contra o preconceito contra os ateus, em relação ao fato de que as pessoas em geral, acreditam e perpetuam a ideia de que seriam os ateístas, pessoas maléficas e os religiosos, as pessoas “de bem”.

Figura 5 – Slogan do antirracionalismo proposta pelas religiões



Fonte ATEA, 2020<sup>20</sup>

Nesta imagem, a foto de um prisioneiro aliada ao texto “a fé não dá respostas, só impede perguntas” expressa duas militâncias típicas dos membros da ATEA. A primeira, já explícita antes, de que religiosos não são necessariamente pessoas honradas, visto que é exatamente um presidiário, que está cumprindo pena por algum crime cometido, quem está lendo uma bíblia. Assim a imagem associa o seu suposto carácter com sua suposta religiosidade. A segunda delas, explícita na mensagem, denuncia que as religiões não permitem um questionamento de seus dogmas e com isto, impede a curiosidade intelectual e o racionalismo natural do ser humano.

Ainda que com a troca de meio de divulgação, Silva (2020) diz que as campanhas causaram grande impacto no público e na grande mídia, que se limitaram a escrever

<sup>20</sup> Disponível em <://www.atea.org.br/campanhas-de-outdoors/> acesso em 14-01-2021

algumas notas sobre a campanha. Nenhum deles se propôs a fazer uma reflexão mais profunda sobre a questão do ateísmo no Brasil (SILVA, 2020, p 233).

Anos mais tarde, em 2014, a ATEA fez campanha parecida com a anterior, porém divulgou nas mídias virtuais e trocou as mensagens de caráter antirreligioso para sentidos voltados às temáticas da laicidade do Estado. Tal campanha foi feita na época das eleições presidenciais de 2014 e objetivava chamar a atenção para a mescla perigosa, segundo eles, entre religião e política no cenário nacional (SILVA, 2020, p.234). Também menciono um caso midiático que gerou alguma repercussão nas redes sociais da época, ocorrido em julho de 2010, na rede bandeirantes e mencionado na página da ATEA.<sup>21</sup>

Na ocasião, ao mencionar o crime de um assassino, o apresentador do programa “Brasil Urgente” fez uma infeliz comparação entre ateísmo e criminalidade, dizendo basicamente, que toda criminalidade vem dos ateus. A ATEA então, moveu um processo contra o apresentador e a TV Bandeirantes por danos morais e três anos depois, eles foram condenados a pagarem uma quantia de R\$ 135,600,00 (VIEIRA, 2014, p,24).

Outra militância característica da ATEA, são as ações judiciais que seus membros os fazem, a fim de defender a laicidade do Estado. Em geral, os processos são contra realizações de eventos religiosos, em algumas cidades brasileiras que utilizaram dinheiro público para a realização destes. Um resumo destes processos pode ser visto na tabela abaixo.

Quadro 1: Ações jurídicas da Atea em 2017

Iniciativa	Localidade	Resumo
<b>“Palmas Capital da Fé”</b>	Palmas/TO	Processo contra a prefeitura de Palmas, por realizar um carnaval religioso com dinheiro público
<b>Carnaval Religioso em Campina Grande, na Paraíba.</b>	Campina Grande/ PA	Processo contra a prefeitura de Campina Grande, por realizar um carnaval religioso com dinheiro público
<b>Festival de música cristã</b>	Vacaria/ RS	Processo contra a prefeitura de Vacaria por realizar um evento religioso com dinheiro

<sup>21</sup> Disponível em <https://www.atea.org.br/associacao/realizacoes-da-atea-em-2017-ativismo-juridico/> acesso em 25/01/2021

		público
<b>Missas e Cultos religiosos em escolas públicas</b>	Rio Grande do norte/RN	Processo contra a realização das missas nas escolas públicas
<b>Oração do pai nosso nas escolas municipais</b>	Barra Mansa/ RJ	Processo contra a obrigatoriedade da oração nas escolas públicas de Barra Mansa
<b>Doação de Terrenos públicos para igrejas evangélicas</b>	Guanambi – BA.	Processo contra a doação de terrenos públicos para igrejas evangélicas

Fonte ATEA, 2021

Com relação às pesquisas anteriores envolvendo a comunidade ATEA encontrei dois trabalhos, sendo um deles, o trabalho de Felipe Autran (2012). Ele buscou analisar peças de campanhas publicitárias da ATEA em outdoors na cidade de Porto Alegre. Para isto, Felipe Autran (2012) as dividiu por três unidades: imagem, texto complementar e logo da ATEA. Sua conclusão foi que, no quesito propaganda em outdoors, a ATEA falha em comunicar suas campanhas para seu público-alvo, fazendo postagens que ora se dirigiam a religiosos, ora são voltadas aos ateus.

A ATEA foi o objeto de um trabalho de conclusão de curso da historiadora Kelen Vieira (2014). Ela analisou os fundamentos, características e atuação desta comunidade. Para isso, a autora faz uma análise dos principais conteúdos, notícias, discussões que a comunidade posta em seu site e como estas influenciam as atuações políticas ateias em algumas cidades e estados brasileiros (Vieira, 2014) Ela conclui que o meio virtual é uma ferramenta que possibilita com que os indivíduos ateus possam se conectar e construir valores, ideologias e meios de atuação para certa militância política no país. Vieira (2014) alerta que é imprescindível compreender o imaginário religioso e social no Brasil para compreender as razões dos preconceitos que tais religiosos possuem com relação aos ateus.

Tendo em vista meu problema de pesquisa, bem como o objetivo metodológico de

realizar uma análise do discurso, selecionei deste site duas guias de sua página: a guia “Blog”<sup>22</sup> e a guia “Depoimentos”<sup>23</sup>. Utilizei como critério de escolha das guias desta página, aquelas que pareceram a mim, possuírem uma maior variedade de conteúdos ateístas.

Assim, a guia “Blog”, refere-se ao espaço para notícias relacionadas ao meio ateísta. Como a notícia mais recente deste blog data do dia 7 de novembro de 2016, defini como critério de seleção as notícias que apareceram ao período de um ano, sendo a última delas datando do dia 15 de dezembro de 2015. Defini este período por ter me parecido um período de atividade intensa dos membros da ATEA. Assim, ao todo, 14 notícias foram contabilizadas e a tabela abaixo relaciona os tipos de notícias, classificadas de acordo com seus conteúdos com a quantidade de vezes em que tais conteúdos se repetiram.

Quadro 2 – Notícias postadas no guia “Blog da Comunidade ATEA, 2021

TIPOS DE NOTÍCIAS (CONTEÚDO)	QUANTIDADE DE VEZES QUE APARECEM
Ação política	4
Religião no espaço público	1
Críticas à religião	6
Atos e campanhas da ATEA	3

Fonte: Pesquisa Pessoal, 2021

Na guia “Depoimentos”, refere-se ao espaço onde membros da ATEA e associados, relatam suas experiências e preconceitos sobre ser ateu numa sociedade geralmente dominada pelo cristianismo. Tendo, como dito acima, o critério de ter elegido as guias com maior quantidade de variedade de conteúdos ateístas, escolhi tal guia por apresentar no total 132 depoimentos. Esses variam no período de 7 anos, sendo o mais recente deles, postado em 23 de outubro de 2016 e o mais antigo, em 8 de julho de 2009. Um mapeamento geral de todos estes depoimentos mostra que, destes, 64 foram feitos por homens e 68 por mulheres, e suas idades variam entre 15 a 58 anos. Quanto ao conteúdo, notei que uma temática sempre está presente na maioria, senão em todos: suas experiências de preconceitos sofridos através da família, amigos e/ou pessoas mais distantes.

Portanto, para esta dissertação, como amostra para a análise do discurso, selecionei 2

<sup>22</sup> Disponível em <<https://www.atea.org.br/blog/>> Acesso em: 24/01/2021

<sup>23</sup> Disponível em <<https://www.atea.org.br/category/depoimentos/>> Acesso em 24/01/2021

depoimentos expostos nessa guia, intitulados “A falta de laicidade nas cidades pequenas”<sup>24</sup> e “O preconceito vem de perto”.<sup>25</sup> Cada um deles foi escrito por um usuário diferente e escolhi estes dois depoimentos, primeiramente por critérios de delimitação para a dissertação e por considerar que, em tais depoimentos, estão expostas as principais temáticas que são abordadas nas comunidades ateístas em geral. Exemplifico com alguns trechos abaixo.

O preconceito vem de perto

Postado por: Thaís Destefani Tags: Atea | Categorias: Depoimentos  
OUTUBRO 23

Há algum tempo, decidi relevar para todos os que me rodeiam que não sou católica, e que tenho uma visão que tenho uma visão diferente das pessoas.  
Minha mãe e irmãzinha no começo não entenderam, começaram a jogar coisas sobre Deus na minha cara, etc.<sup>26</sup>

**A falta de laicidade nas cidades pequenas**

Postado por: Wellyngton Ferreira Coelho Tags: Atea |  
Categorias: Depoimentos

Se hoje o Brasil é um país que se diz laico infelizmente só no papel, imagina isso nas cidades do interior!

Moro em Porangatu uma pequena cidade no norte de Goiás, cidade que todos os políticos têm como seu principal “curral eleitoral” as igrejas. De fato que quando eleitos tem a antiética de prestigiar essas instituições. Vereadores são divididos entre Crentes e Católicos, isso traz para a cidade um certo regresso pois só em feriados religiosos municipais temos três, sem contar os eventos feitos por essas instituições que a prefeitura ajuda sempre...<sup>27</sup>

<sup>24</sup> Disponível em <https://www.atea.org.br/depoimentos/falta-de-laicidade-nas-cidades-pequenas/> > acesso em 24/01/2021

<sup>25</sup> Disponível em <<https://www.atea.org.br/category/depoimentos/page/9/>> acesso em 24/01/2021

<sup>26</sup> Disponível em <<https://www.atea.org.br/depoimentos/o-preconceito-vem-de-perto/>> acesso em 04/02/2021

<sup>27</sup> Disponível em <<https://www.atea.org.br/depoimentos/falta-de-laicidade-nas-cidades-pequenas/>> Acesso em 04/02/2021

Nas comunidades ateístas do Facebook, esses tipos de debates são mais visíveis e presentes. Vejam mais sobre esta plataforma.

### **2.1.2 Militância ateísta no Facebook**

O Facebook pode ser definido, de uma forma geral, como um web site de caráter privado onde os usuários se cadastram, trocam mensagens, estabelecem amizades e influenciam outras pessoas (SILVA, 2015, p 42). Também é possível neste website, fazer parte de comunidades com temáticas específicas, onde os usuários se unem e debatem um mesmo tema específico, tal como mencionado no item sobre o ciberativismo. O Facebook<sup>28</sup>, até 2015, se configurava e ainda se configura como a maior rede social do mundo, com mais de 1 bilhão de usuários. No Brasil, é estimado que seja o segundo país em número de acessos por dia e o terceiro maior em número de usuários, perdendo apenas para EUA e Índia.

Segundo Kirckpatrick (2011) o site “The Facebook” objetivava proporcionar aos alunos de Harvard, procurar pessoas e ajudá-los a descobrir quem estavam nos cursos que eles estavam bem como a quem eram os amigos dos seus amigos. Futuramente, com a ajuda do empreendedor Sean Parker e com o financiamento de investidores, o website cresceu e alcançou um poder imenso, a maior rede social do mundo.

Kirckpatrick (2011) destaca que o Facebook, apesar de se esforçar para assemelhar às características linguísticas e estéticas de cada um dos países em que está inserido, possui características estadunidenses e a projeta sobre seus usuários. Entre as características, está a exposição de dados pessoais que seus usuários abertamente expõem em suas páginas pessoais, considerado como natural em terras americanas, mas até então, não natural em outros países (KIRCKPATRICK, 2011).

O segundo exemplo, seria sobre a liberdade de expressão. Kirckpatrick (2011) demonstra que, para a sociedade estadunidense, tais valores estão enraizados em sua sociedade que eles consideram como democrática. Este autor aponta os problemas

---

<sup>28</sup> David Kirckpatrick (2011) comenta que o site foi criado originalmente com o nome “the facebook” por Mark Zuckeberg, Eduardo Saverin, Chrish Hegers e Dustin Moskovitz, baseado num site interno da Universidade de Harvard chamado “facemash” criado para dar notas às estudantes consideradas como bonitas, da universidade.

enfrentados em países como Israel, Palestina, Egito e Cisjordânia, devido ao fato de os usuários terem criado comunidades com temáticas políticas e adquirido uma quantidade de membros numerosos o suficiente para incomodar os governos de seus países e suas leis mais “totalitárias”.

Com relação a esse caráter político desta rede social, Silva (2015) também comenta sobre o alcance das comunidades em manifestações em países como a Colômbia, oriente médio e Brasil. Com a Colômbia, relata o feito do Engenheiro Civil Oscar Morales conseguiu reunir, através deste site, milhões de manifestantes contra a guerrilha das FARC. No Oriente Médio, citou a abrangência da Primavera Árabe, que se estendeu através do site, em países como Tunísia, Islândia, norte do continente africano e oriente médio. E com relação ao Brasil, se refere às manifestações de junho de 2013, onde citando Castells, comenta sobre a eficácia das redes sociais para a difusão daqueles protestos.

No que concerne ao ateísmo, as comunidades sobre esta temática se fazem presentes tanto no Brasil quando no mundo, de forma geral. Em meu levantamento pessoal para esta pesquisa, cheguei a sondar algumas comunidades ateístas em países não-ocidentais e, para a minha surpresa, até mesmo em países como a Arábia Saudita e Irã, os quais a crença é considerada um crime de estado e passível de pena de morte, tais comunidades se fazem numerosas. As mais populares são a *Iranian atheists & agnostics*<sup>29</sup> e *Saudi Atheists*,<sup>30</sup> com 190.451 e 3.115 seguidores, respectivamente. Os conteúdos destas páginas, assumem uma postura materialista, questionando os dogmas e crenças religiosas e atrelando fatos e eventos às causas científicas e naturais.

No entanto, é possível ver na parte da descrição dessas comunidades, uma advertência a seus membros sobre as possíveis consequências de suas participações nas mesmas. Na descrição da comunidade Saudi Atheist que apesar de estar em árabe, fiz uma livre tradução. Ainda que considerando os possíveis erros, é possível ler a seguinte advertência:

É importante primeiro que você tenha muito cuidado com sua identidade na Internet, porque há um bando completo de pessoas ignorantes que não conhecem um método específico de pensamento independente tentando chegar à sua identidade e impedi-lo de pensar e dizer sua palavra livremente. O pensamento é proibido em nosso reino, mas eles, como antes falharam em nos impedir, não vão nos parar hoje. Se eles bloquearem uma posição para nós, abrimos dez Para fechar um grupo para nós, abrimos dez. Se assassinarmos um pensador, eu acordo

<sup>29</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/Iran.Atheist.agnostic/>> acesso em 07/08/2020

<sup>30</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/Saudi-Atheists-%D8%A7%D9%84%D9%85%D9%84%D8%AD%D8%AF%D9%88%D9%86-%D8%A7%D9%84%D8%B3%D8%B9%D9%88%D8%AF%D9%8A%D9%88%D9%86-125124994181156/>> acesso em em 07/08/2020

depois que mil pensadores morrem no mesmo caminho (SAUDI ATHEISTS, 2020, tradução livre)<sup>31</sup>

Tal manifesto, demonstra a discussão de Kirckpatrick (2011) sobre a liberdade de expressão individual estadunidense em outros países, aplicada à temática do ateísmo. Ao que reparei ao fazer estas buscas nas comunidades ateístas internacionais, é que parece haver uma tendência de nos países pluralistas ocidentais, ter uma maior liberdade de expressão para os ateus expressarem suas críticas e reivindicarem seus direitos por um estado laico, do que em países de regimes mais totalitários, como na Arábia Saudita ou no Irã, onde a simples autoafirmação como sendo ateu, pode levar o indivíduo à pena de morte.

Mostrarei mais algumas comunidades internacionais populares: *American Atheists*,<sup>32</sup> seguida por 370.015 usuários e a *Science & Atheism*,<sup>33</sup> seguida por 209 999 membros. Seus conteúdos, tal como as dos países islâmicos, assumem um caráter de crítica a dogmas religiosos, denúncias de ações de religiosos que podem ser consideradas danosas outras pessoas ou a sociedade em geral ou memes de humor que desconstróem sacralidades religiosas cristãs.

No Brasil, essas comunidades ateístas são numerosas. Os critérios para as seleções das comunidades se deram em função do número de likes e de membros participantes. Para esta dissertação, fiz um quadro com oito comunidades ateístas afim de representar os dados colhidos:

Quadro 3 – Comunidades ateístas nas redes sociais brasileiras, 2021

Comunidade	Nº “Likes”	Nº Seguidores	Nº Fotos (Memes)	Nº Vídeos
------------	------------	---------------	------------------	-----------

<sup>31</sup>No original da página: عقوبة الالحاد في السعودية هي الموت

عقوبة التفكير في السعودية هي الموت

من المهم اولاً ان تكون حذراً جداً بخصوص هويتك على الانترنت لان هناك قطيع كامل من الجهلة الذين لا يعرفون طريقة معينة للتفكير المستقل يحاول الوصول الى هويتك و منعك من التفكير و قول كلمتك بحرية. التفكير ممنوع في مملكتنا لكنهم كما فشلوا سابقاً بأيقافنا فلن يوقفونا اليوم حتى

أن أغلقوا موقعنا لنا فتحنا عشرة

أن أغلقوا جروباً لنا فتحنا عشرة

أن أغتالوا مفكراً منا أستيقظ بعد مماته الف مفكر على نفس الطريق

فأهلاً و سهلاً بك بين اخواتك و اخواتك الملحدين في كل اجزاء المملكة

Disponível

em

<<https://www.facebook.com/Saudi-Atheists>

%D8%A7%D9%84%D9%85%D9%84%D8%AD%D8%AF%D9%88%D9%86-

%D8%A7%D9%84%D8%B3%D8%B9%D9%88%D8%AF%D9%8A%D9%88%D9%86-125124994181156/

>acesso em 25/01/21

<sup>32</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/AmericanAtheists/>> acesso em 07/08/2020

<sup>33</sup> Disponível

em

<[https://www.facebook.com/scienceandatheism/?\\_tn=%2Cd%2CP-R&eid=ARAXLWltaNZrMr0luMiVgY-aiq0FLhZujhsZGaiQMu5HCVxYTKVWGsQba46Ia4qUOVeHQs\\_2A1XYrftN](https://www.facebook.com/scienceandatheism/?_tn=%2Cd%2CP-R&eid=ARAXLWltaNZrMr0luMiVgY-aiq0FLhZujhsZGaiQMu5HCVxYTKVWGsQba46Ia4qUOVeHQs_2A1XYrftN)> acesso em 07/08/2020

Sou Ateu Brasil <sup>34</sup>	121 938	120 494	4 075	90
Penso, logo sou Ateu <sup>35</sup>	73 897	74 521	1 204	44
Diabo Real <sup>36</sup>	121 404	121 827	3 133	59
Bar do Ateu <sup>37</sup>	235 560	236 980	7 195	1 566
Detonando <sup>38</sup> a Bíblia	60 296	60 448	2 154	241
Mundo ateu <sup>39</sup>	7 620	8 324	856	490
Saindo da <sup>40</sup> Matrix Religiosa	49 649	49 095	8 359	168
Ateu atento <sup>41</sup>	23 944	24 300	101	59

Fonte: Pesquisa Pessoal, 2019

Nessas comunidades selecionadas, constato que os conteúdos em formas de “memes” e vídeos, de maneira geral, voltam-se para a crítica a dogmas religiosos, sátiras, questionamento da fé em uma deidade e publicações de notícias e/ou conteúdos ateus, e este padrão foi percebido em todas estas comunidades selecionadas. Destaco também a comunidade da ATEA<sup>42</sup>, que possui 6.723 seguidores e suas postagens também manifestam os mesmos conteúdos descritos das demais comunidades.

Após o levantamento de dados, levei em consideração a quantidade de membros, likes e publicações, e defini a página Bar do Ateu como sendo a página da Facebook que será meu objeto de análise nesta dissertação.

### 2.1.3 Militância ateuísta no YouTube

Lançado pelos ex-funcionários da Paypal<sup>43</sup> por Chad Hurley, Steven Chen e Jawed Karim, o site tem a típica história dos empreendedores de sucesso que trabalhavam no Vale do Silício, Califórnia, mas que começaram com poucos recursos e de forma despretensiosa (BURGESS, GREEN, 2009, p.11).

<sup>34</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/souateubrasil> > acesso em 03/02/2021

<sup>35</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/PensoLogoSouAteu> > Acesso em 03/02/2021

<sup>36</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/DiaboReal> > Acesso em 03/02/2021

<sup>37</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/BarDoAteu> > Acesso em 03/02/2021

<sup>38</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/detonandoabiblia> > Acesso em 03/02/2021

<sup>39</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/mundoateu> > Acesso em 03/02/2021

<sup>40</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/SaindoDaMatrixReligiosa> > Acesso em 03/02/2021

<sup>41</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/OAteuAtento> > Acesso em 03/02/2021

<sup>42</sup> Disponível

< <https://www.facebook.com/Ateaoriginal/photos/a.303671443581385/324576634824199/?type=1&theater> > acesso em 07/08/2020

<sup>43</sup> Entidade de transações financeiras para compras online

A plataforma foi lançada na Web, em junho de 2005, com o objetivo de permitir aos usuários da internet o upload e visualização de vídeos, de forma gratuita e sem a necessidade de fazerem downloads. Sua crescente popularidade, faz com que um ano depois, em 2006, o site seja comprado pela Google por 1,65 milhões de dólares e em 2008, o site chegue a ser considerado pelos serviços de medição de tráfego na web, como um dos dez sites mais acessados do mundo (BURGESS, GREEN, 2009, p.18). Sua interface é simples: uma plataforma de busca de vídeos das mais diferentes temáticas, desde caseiros e amadores, à documentários, filmes e propagandas de grandes empresas etc. Também se pode usá-la como produtor de conteúdo. Mediante uma inscrição, o usuário constrói um canal pessoal para upload de vídeos, em qualquer formato e sem limite de tempo.

Com a possibilidade de ganhos por monetização de vídeos baixados e com o crescente interesse de patrocinadores, muito são os que optam por utilizar a plataforma como sua profissão, os denominados youtubers. Precisamente pelo fato de a plataforma, possuir estes produtores de conteúdo, Burgess e Green (2009) diz que nos arredores de 2007, já comentava que o site tinha um potencial grandioso de militância política, fato este que o tempo tratou de comprovar.

Utilizando suas premissas, o Youtube permite três formas de militância, sendo apenas duas as disponíveis nas atualizações mais recentes do site. A primeira delas é a postagem de vídeos, onde o youtuber pode-se manifestar suas opiniões e propagar ideologias políticas em um formato de vídeo denominado como blog. A segunda delas, é a dos comentários, que permitem aos usuários reagirem ao vídeo que assistiram com comentários. Assim, discussões sobre as premissas dos vídeos, podem ser realizadas por diversos usuários outros nesta plataforma.

No Brasil, pode-se citar como exemplo de alguns canais que fazem este tipo de militância, o canal *Louie e ponto*<sup>44</sup> apresentado pela youtuber que se apresenta pelo codinome *Louie* e que se dedica à divulgação de conteúdos majoritariamente relacionados à população LGBT . Outro exemplo é o canal *O historiador*,<sup>45</sup> apresentado pelo comentarista político Carlito Neto, codinome, faz postagens diárias sobre as principais notícias relacionadas ao atual governo, no Brasil.

Entre os canais relacionados ao meio ateu, alguns não são administrados por youtubers propriamente ateístas, mas ganharam uma grande notoriedade pelos seus conteúdos satíricos.

---

<sup>44</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/c/louieponto>> acesso em 25/01/2021

<sup>45</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/channel/UC5ZXYxeWIROKbL7JziJ0bIQ>> acesso em 25/01/2021

É o caso do canal *Um Sábado Qualquer*<sup>46</sup> apresentado pelo cartunista Carlos Ruas e que se dedica à divulgação de suas tiras em quadrinhos com uma temática voltada para conteúdos religiosos.

Outro canal de humor, igualmente popular, (este sim com um youtuber ateu) se trata do *Pastor Adélio*<sup>47</sup> interpretado pelo humorista Marcio Américo. Neste espaço virtual, o ator assumindo o papel de um pastor evangélico corrupto, critica posturas e discursos de outros pastores evangélicos mais polêmicos no país, como o Pastor Silas Malafaia.

A ATEA se faz presente no Youtube<sup>48</sup> com 18 mil inscritos e 63 vídeos e se dedica à divulgação dos propósitos e objetivos de suas campanhas políticas e também, à discussão sobre a laicidade do estado, bem como palestras e entrevistas de Daniel Sottomaior, o criador da associação.

Também cito aqui o *Luc Anderssen*,<sup>49</sup> que se dedica a divulgar vídeos de temáticas científicas, sendo a maioria delas, debates acadêmicos sobre a existência Deus. Possui, no momento, 218 vídeos no total, numa margem de 3 anos e 22 mil inscritos em média.

No entanto, faço uma observação. Apesar de o Youtube possuir canais voltados exclusivamente para a temática do ateísmo, alguns dos ateístas mais influentes nessa plataforma, não possuem canais próprios dedicados exclusivamente ao ateísmo. Por exemplo, os youtubers Pírula<sup>50</sup>, do *Canal do Pírula*<sup>51</sup> e o Iuri Grecco, que atualmente, não possui nem sequer, um canal próprio<sup>52</sup>. Este, ao contrário, possui vídeos acessíveis no YouTube ainda nos dias de hoje, porém seu canal não foi encontrado diretamente, sendo tais vídeos publicações de outros canais e youtubers.

O Canal do Pírula, administrado pelo biólogo Paulo Miranda Nascimento, se dedica à divulgação de conhecimentos científicos, majoritariamente advindos da biologia. No entanto, ainda assim, ele possui uma série chamada *Pergunte ao ateu*<sup>53</sup>, onde se dedica a esclarecer alguns mitos e dúvidas sobre como é ser ateu no Brasil e como ateus lidam com os dilemas humanos, como a morte ou moralidade entre ateus.

Assim, ao esboçar um mapeamento dos canais ateístas no YouTube, optei

<sup>46</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/user/sabadoqualquer>> acesso em 25/01/2021

<sup>47</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/user/mateusbalves>> acesso em 25/01/2021

<sup>48</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/user/ATEAorgBR>> acesso em 25/01/2021

<sup>49</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/channel/UCLi6USno7YTS-gzx909AxPg>> acesso em 25/01/2021

<sup>50</sup> Apelido do biólogo, de nome Paulo Miranda Nascimento e que através de vídeos do youtube, se propõe a expor conteúdos científicos e a se posicionar sobre temáticas da atualidade

<sup>51</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/channel/UCLi6USno7YTS-gzx909AxPg>> Acesso em 25/01/2021

<sup>52</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=p5XXs1rWpEA&t=1s>> acesso em 25/01/2021

<sup>53</sup> Disponível em < [https://www.youtube.com/playlist?list=PLdlKx3uNkxdFkJ9zrNui\\_U6xZ1PJdMf16](https://www.youtube.com/playlist?list=PLdlKx3uNkxdFkJ9zrNui_U6xZ1PJdMf16)> data de acesso 25/01/2021

inicialmente por buscar alguns canais de menores visualizações e abrangência, porém dedicados exclusivamente ao meio ateuísta, caso estes dos canais Arca<sup>54</sup>, Ateu, e daí<sup>55</sup> e Liga Racionalista<sup>56</sup>. Os dados destes canais, estão expressos na tabela abaixo:

Quadro 4 - Canais ateuístas do Youtube, de menores visualizações

CANAL	Nº DE INSCRITOS	Nº DE VÍDEOS
Arca <sup>57</sup>	8107	247
Ateu e daí <sup>58</sup>	7370	37
Liga Racionalista <sup>59</sup>	7110	208

Fonte Pesquisa pessoal, 2021

Obviamente há outros canais menores, porém selecionei estes três baseando-se exclusivamente na quantidade de inscritos. Como estes canais estão dedicados somente ao ateísmo, trazem como vantagem a multiplicidade de temáticas do discurso ateu sobre questões cotidianas como multiplicidade religiosa, políticas públicas, polêmicas atuais, questões ecológicas e afins.

Para estes canais, há o discurso político, religioso sobre as ciências e da questão da laicidade, presentes pela perspectiva ateuísta. Mas os vídeos dos youtubers mais expressivos do ateísmo e de maior influência não foram excluídos.

Para tanto, cito dois vídeos para a amostragem desta dissertação. O primeiro deles foi *Tenho moral sem Deus?*<sup>60</sup> Do Canal do Pírula e o *Ensino religioso nas escolas públicas*<sup>61</sup> exposto pelo ateuísta conhecido como Iuri. Alguns dos trechos destes vídeos estão postados abaixo.

<sup>54</sup>Disponível em < <https://www.youtube.com/user/canaldarca>> acesso em 25/01/2021

<sup>55</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/channel/UCppJpEOKaTyZQRc41cj19-Q>> acesso em 25/01/2021

<sup>56</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=z5yj5tJXr3s>> acesso em 25/01/2021

<sup>57</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/user/canaldarca>> acesso em 02/02/2021

<sup>58</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/channel/UCppJpEOKaTyZQRc41cj19-Q>> acesso em 02/02/2021

<sup>59</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/channel/UCOSvZpzf5VNppg8g3naxFMQ> acesso em 02/02/2021

<sup>60</sup> Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=9r9\\_PBv0zE](https://www.youtube.com/watch?v=9r9_PBv0zE)>. Acesso em 25/01/2021> data de acesso 25/01/2021

<sup>61</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=jeFzTSD68xU>> acesso em 25/01/2021> data de acesso 25/01/2021

[...] talvez seja o que o mais usei de exemplo, é que a escravidão era considerada moral, até é sei lá, 200 anos atrás. Algumas pessoas ainda a acham moral, mas hoje a sociedade como um todo entende que ela é imoral. Mas durante séculos, ela foi entendida como algo completamente normal, tanto que você vê que na bíblia, por exemplo, na carta de Paulo, que ele não sugere o fim da escravidão, por exemplo<sup>62</sup>

O ensino religioso nas escolas, tem função e objeto específicos aí, eu tenho certeza.

Tem sempre uma coisa em comum em todas as religiões, que a ter um certo centro de proteção das famílias e dos valores familiares<sup>63</sup>

A razão de escolha destes vídeos encontra-se na popularidade e influência que esses ateístas possuem no ciberespaço e pelas temáticas serem conhecidas, serem debatidas, com frequência, nas comunidades ateístas em geral. Na tabela abaixo, exponho alguns dados destes vídeos, de maneira mais geral.

Mapeei os vídeos mais influentes de sobre o ateísmo e de personalidades mais conhecidas neste meio. Com o termo influentes me refiro ao fato de tais personalidades sempre serem citadas nas comunidades ateístas de uma forma geral, bem como serem uma espécie de referência de conteúdo ateu para os ateus nas redes sociais como Facebook e Instagram.

Quadro 5 – Vídeos do Youtube como amostragem - 2021

Vídeo	Autor/Canal	Data de postagem	Número de visualizações	Número de comentários	Resumo Breve
Tenho moral sem Deus? Existe o Bem e o Mal	Paulo Miranda Nascimento (Canal do Pírula)	21/02/2018	146 785	1632	Uma breve discussão do Biólogo Pírula, a respeito da moralidade entre ateus
Ensino religioso em escolas públicas	Iuri - Ateu Niilista	04/06/2020	15 254	125	Uma breve discussão a respeito da obrigatoriedade do ensino religioso confessional nas escolas públicas

Fonte: Pesquisa pessoal, 2021

<sup>62</sup> Trecho extraído do vídeo no youtube “Tenho moral sem Deus”, do Canal do Pírula, entre os minutos 5:10 a 5:18. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=9r9\\_PBV02zE](https://www.youtube.com/watch?v=9r9_PBV02zE)> Acesso em 04/02/2021.

<sup>63</sup> Trecho extraído do vídeo no youtube “Ensino religioso nas escolas públicas” do canal “Ateu niilista” entre os minutos 2:09 a 2:20. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=jFzTSD68xU&t=1s>> Acesso em 04/02/2021.

Quanto ao conteúdo em si dos canais, o Pírula tende sempre a manter uma postura mais explicativa, racional e didática, que busca o diálogo com o público que o assiste buscando posicionar e explicar o posicionamento pessoal dele, enquanto ateuista, com relação a estes temas, e o youtuber deixa claro que este é seu ponto de vista sobre as questões que ele irá debater e que estas, não necessariamente, refletem todo o ateísmo. Quanto ao Iuri, o canal tende a ser explicativo e o seu autor se posiciona sobre as temáticas ateístas e utiliza ironias, sarcasmos e outras categorias de enfrentamento.

Os conteúdos citados têm se mostrado possuidores de temáticas mais amplas e conteúdos mais extensos. Por isso, penso ainda ser necessário incluir outro tipo de militância virtual, também presente no ciberespaço ateístas, porém como conteúdos mais rápidos e simplificados. Abordo, de maneira ampla, como os ateístas se inserem no Instagram.

#### **2.1.4 Militância ateuista no Instagram**

Iniciado em 2010, o Instagram trata-se de um aplicativo online cujo principal objetivo é o compartilhamento de fotos e vídeos, entre os seus usuários (PIZA, 2012 p. 16). Esta autora afirma que essa plataforma foi desenvolvida com o intuito de proporcionar ao usuário a possibilidade de fotografar a si próprio ou alguma outra coisa que lhes agrade, e em seguidas, jogassem a imagem na rede, para ser compartilhada por outras pessoas.

Segundo Jason Miles (2019), o aplicativo<sup>64</sup> foi criado por Kevin Systrom e o brasileiro Mike Krieger, com um investimento feito pelas empresas do Vale do Silício, Baseline Ventures e Andreessen. Horowitz. As apostas eram que as tendências daquela nova década seriam o fim das câmeras compactas e a popularidade dos celulares que permitissem o compartilhamento de fotos e imagens (aparelhos iPhone 3 e 4).

Os resultados alcançados nos meses seguintes mostraram que a aposta e todo o investimento valeram a pena. Miles (2009) diz que nos primeiros dois meses de lançamento, o aplicativo contava com um milhão de usuários. Em setembro de 2011, eram 10 milhões de usuários. Em abril de 2012, o Facebook comprou o Instagram por um bilhão de dólares. Hoje, o Instagram possui mais um bilhão de usuários e se tornou, segundo Miles (2009), a rede social mais conhecida e usada no mundo. Tal como Piza (2012) afirma, os desenvolvedores da plataforma acreditam que o mundo ficou mais “transparente”.

---

<sup>64</sup> Expressão utilizada para denominar a tecnologia necessária em uma determinada infraestrutura de tecnologia da informação ou telecomunicações, garantindo a facilidade de interação dos elementos desta estrutura (Piza, 2012, p 7)

A interface do Instagram é simples, permitindo aos usuários, depois de cadastrarem suas contas pessoais, seguirem amigos, conhecidos e visualizarem suas postagens. Também é permitido aos usuários tornarem suas publicações privadas, de forma que eles permitam quem pode ver suas publicações. As publicações das pessoas que o usuário escolheu seguir aparecem logo na página inicial, quando o aplicativo é iniciado. Também é possível visualizar os *stories*<sup>65</sup> de quem estão seguindo.

Há também a função de permitir que os usuários troquem mensagens entre si, que “curtam” suas postagens e pesquisem por pessoas, ou perfis de temas que lhes agradem. Os perfis de temas, geralmente são contas que abordam uma temática específica, sendo não raramente, páginas de vendas de produtos. Eles podem ser encontrados, digitando uma palavra específica ou com as famosas hashtags, que permitem aos usuários, a categorização das publicações de uma forma mais organizada, gerando uma espécie de comunidades de perfis dentro de um mesmo tema. Para isto, se utiliza o marcador #, juntamente com o nome do assunto que se deseja procurar. Ao fazer isto, o conteúdo se torna detectável, permitindo aos usuários localizar publicações similares (SILVA, 2019).

No que se refere ao ateísmo, utilizando na parte de buscas do Instagram, usei as palavras-chave “ateu” e “ateísmo” e encontrei diversas páginas relacionadas ao tema de minha dissertação. Há postagens, em geral, voltadas para a crítica das religiões cristãs, questionamento de dogmas, charges e imagens que militam em favor do estado laicizado.

Para citar algumas menciono, com base no número de postagens e de seguidores, as páginas *Filho Ateu*<sup>66</sup>(dedicado às postagens de teor crítico contra as religiões cristãs, sendo a maioria destas, as evangélicas); o *Ateísmo céptico*<sup>67</sup> (dedicada com posts de humor satírico e questionamentos quanto à crença religiosa em nome de um deus cristão); *Ateísmos*<sup>68</sup>(página dedicada à memes ateus, majoritariamente questionando dogmas da religião evangélica)

A comunidade ATEA,<sup>69</sup> conta com uma página de 3.196 seguidores e 25 publicações, com conteúdo, em geral, voltados para a liberdade de crenças, superioridade da razão em relação aos dogmas religiosos e charges críticas, satirizando pastores evangélicos tidos como gananciosos.

Para este trabalho, cujo objetivo é uma análise de conteúdo, busquei postagens que preferencialmente não tivesse imagens, mas sim frases. Para isto, usei as hashtags #ateu e

<sup>65</sup> Vídeos curtos, feitos pelos usuários do Instagram, para comunicarem uma ideia, pensamento ou postagem.

<sup>66</sup> Disponível em < <https://www.instagram.com/filhoateu/?hl=pt-br>> acesso em 25/01/2021

<sup>67</sup> Disponível em < <https://www.instagram.com/ateismoceptico/?hl=pt-br>> acesso em 25/01/2021

<sup>68</sup> Disponível em < <https://www.instagram.com/explore/tags/ateismos/?hl=pt-br>> acesso em 25/01/2021

<sup>69</sup> Disponível em < [https://www.instagram.com/associacao\\_ateu/?hl=pt-br](https://www.instagram.com/associacao_ateu/?hl=pt-br)> acesso em 25/01/2021

#ateísmo e selecionei três postagens, que abordam temas momentâneos do cenário político e sanitário do Brasil, sem me preocupar com uma página específica. Por exemplo:

Figura 6 – Meme sobre a religiosos evangélicos em cargos políticos importantes no Brasil

Ministro da Justiça é pastor evangélico.  
 Ministra dos Direitos Humanos é pastora evangélica.  
 Ministro da Educação é pastor evangélico.  
 Cês tão achando isso normal, gente?  
 Conseguem imaginar 3 clérigos no 1o escalão de qual outra democracia?  
 Eu ando bem preocupado com isso.

Fonte: Ateu Agnóstico,<sup>70</sup>: 2020

O meme da figura 6, visa chamar a atenção para a ocupação de cargos políticos importantes, por autoridades religiosas da igreja evangélica, visando denunciar assim, a falta de laicidade do estado, para as questões religiosas.

Figura 7 – Como pensariam sobre a Cloroquina

Cloroquina segundo as filosofias:

CRISTÃO: tem que usar porque falaram na igreja.

ATEU: não usar já que não tem comprovação de eficácia.

AGNÓSTICO: bem, não tem comprovação de eficácia mas também não tem comprovação de que não tem eficácia. Então, veja bem, não digo pra usar nem pra não usar, muito antes pelo contrário. Alguém tem que me convencer. Depois falamos.

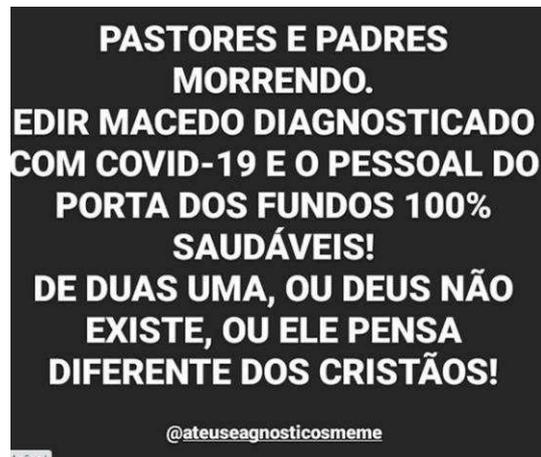
Fonte: Ateu Atuando<sup>71</sup>, 2020.

<sup>70</sup> Disponível em <https://www.instagram.com/explore/tags/ateu/?hl=pt-br> acesso em 14-01-2021

<sup>71</sup> Disponível em <https://www.instagram.com/explore/tags/ateu/?hl=pt-br> acesso em 14-01-2021

O meme da Figura 7 ironiza as formas como cristãos, ateus e agnósticos pensariam em alusão aos medicamentos sem comprovações científicas e utilizados pelo atual governo brasileiro contra COVID-19.

Figura 8 – Sátira a padres e pastores



Fonte: Ateus e agnósticos,<sup>72</sup> 2020.

O meme da Figura 8 satiriza pastores cristãos sendo diagnosticados por COVID-19 e os indivíduos seculares, sem o diagnóstico. Com isto, visam ironizar que a suposta fé destas autoridades religiosas, não é o suficiente para evitarem o contágio por uma doença pandêmica.

Uma vez agora expostas como funcionam as militâncias ateístas no ciberespaço e selecionados os conteúdos que serão utilizados como amostras, podemos passar para a parte prática da dissertação que se refere à Análise de Discurso. No próximo capítulo, apresentarei essas questões.

<sup>72</sup> Disponível em < <https://www.instagram.com/explore/tags/ateus/?hl=pt-br> > acesso em 14-01-2020

### 3 ANÁLISE DO DISCURSO, REDES E ATÉISMO DIGITAL

Cheguei à parte principal, abordar material de atéismos postados nas redes sociais e verificar de que forma e através de quais espaços ideológicos e políticos, e sociais estão inseridos os discursos da militância ateuista no meio virtual.

Maingueneau (2015) afirma que o termo Análise do Discurso (AD) foi introduzido pelo linguista Zellig Harris para analisar a estrutura de um texto, fundamentando-se em elementos linguísticos (pronomes e grupos de palavras) e relacioná-los a fenômenos da vida social. Ainda segundo Maingueneau (2015), esse caráter socioanalítico pode ser atribuído a autores franceses como Michel Pêcheux (1995, 1997) e Jean Dubois (2008). Este último contribuiu como responsável pela publicação da edição de número 13 de uma revista de Linguística chamada *Langage*<sup>73</sup>, onde reúne artigos de autores que propunham um novo campo de estudo da linguística, hoje conhecido como AD.

No mesmo ano de publicação desta revista, Pêcheux (1997) publica um artigo denominado Análise automática do Discurso, um texto relativamente grande, dividido em duas partes em que propõe uma metodologia para o estudo e análise de textos, algo que ele considerava uma lacuna da linguística até então. (PÊCHEUX, 1997, p. 63). É também nesta época que Foucault (2009) publica seu livro intitulado Arqueologia do Saber, em que deixa sua relevância para a AD (MAINGUENEAU, 2015, p 19).

Como pretendo falar mais pormenorizadamente sobre as propostas teóricas de Pêcheux (1995, 1997) e Foucault (1996, 2009) em subitens específicos mais a diante, limito-me a dizer por agora, que segundo Maingueneau (2015) as publicações destes três autores, na França, são o ponto de partida para fornecer à análise do discurso, sob este nome, em um conteúdo teórico e metodológico definido. Maingueneau (2015) salienta que, para além da Análise do discurso, há outras linhas como a linha dos EUA, que possui uma base mais antropológica, baseando-se na integração de outras disciplinas, como a etnografia da comunicação, a etnometodologia e os rituais de socialização de Erving Goffman (2011)

Para esta pesquisa, escolhi a abordagem francesa da AD porque me permitirá entender as estruturas e condições sociais para a formação e propagação dos discursos ateístas e entender através dessas, de quais modos os que se dizem ateus constroem suas crenças e subjetividades. A AD se interessa não pela língua em si, nem pela gramática, embora ambas

<sup>73</sup> Revista francesa, organizada pelo linguista Jean Dubois e considerada por Maningueau e Charadeau (2004) como marco das pesquisas realizadas até a década de 60, pois é neste projeto que incluem, o que hoje considera-se como os pressupostos básicos da AD

façam parte de seu estudo, mas pelo discurso, procurando entender a língua enquanto um trabalho simbólico, parte do trabalho social geral constitutivo do homem e de sua história. Assim sendo, a AD considera a linguagem como uma mediação necessária entre o homem e sua realidade social e natural (ORLANDI, 2001, p.15).

Para isto, neste capítulo, primeiramente irei expor as teorias de Análise do Discurso, proposta por dois autores desta abordagem francesa Michel Pêcheux (1997) e Foucault (1996; 2009), para então abranger a forma como os discursos ateístas aparecem no ciberespaço. Assim, tecerei algumas análises e inferências sobre como o discurso ateísta está inserido no ciberespaço, quais as condições sociais e linguísticas permitem este discurso, se há contradições ou convergência entre uma plataforma ou outra, ou mesmo entre ateus, entre outras considerações. Apresento, de maneira breve, a proposta de Pêcheux (1995, 1997).

### **3.1 Análise do discurso segundo Michel Pêcheux**

Em sua proposta, Pêcheux (1995) rompe com a noção da língua enquanto estrutura. A língua é um constructo carregado por ideologias. Não há indivíduo falante que não esteja tomado em alguma parte por alguma ideologia. Dentro dessa concepção, Pêcheux (1995) utiliza-se das ideias marxistas para levar em consideração o materialismo histórico e, com isso, considerar a importância social e histórica de todo discurso falado, para o entendimento do que é falado. Em outras palavras, a língua para Pêcheux (1995) nada mais é do que a história dos sujeitos falantes.

Ora, se as palavras e as frases do sujeito que fala são movidas por ideologias, isto equivale a dizer que o semântico, ou seja, o que confere significado à estas palavras e frases, não está dado em si, mas é dado pelo sentido que a ideologia lhe fornece em sua estrutura histórico-social. Logo, um discurso, nesta perspectiva é sempre pronunciado a partir de condições de produção dadas. Um discurso nunca é propagado do nada. Para Pêcheux (1995) haverá no contexto social, condições dadas, por origens históricas, culturais e sociais que permitem que algo seja dito, ou que exclua a possibilidade de dizê-lo. À estas condições, Pêcheux (1995) chamou de máquina discursiva. Para entender o funcionamento desta máquina discursiva, Pêcheux (1995) em seu texto, propõe alguns conceitos, tais como o da FD - Formação Discursiva.

As Formações Discursivas (FD) são, por sua vez, as condições que entregam o dizer, do que se pode dizer e como dizer. Essas condições estão interpeladas pelas formações ideológicas que formam as formações discursivas. Por formações ideológicas, Pêcheux (1995)

entende a trama que o sujeito está enredado por conta das formações discursivas e ideológicas e estas formações estão originadas através de processos históricos. As formações discursivas e ideológicas estão inseridas num outro meio, que Pêcheux (1995) chamou de interdiscurso. O interdiscurso para Pêcheux, seria o lócus onde a ideologia trabalha e onde ela é construída para transformar o indivíduo como sujeito. É onde ideologias estão postas. Por exemplo, a FD que diz o que deve ser o papel social de um filho está no mesmo lugar que a formação ideológica que diz qual deve ser o papel social do pastor ou de um trabalhador. E o indivíduo pode vir a ser os três, como função, enquanto sujeitos, não apenas um. O espaço que permite com que o indivíduo seja, não apenas constituído, mas possa exercer essas três funções, é o que Pêcheux (1995) denominou de Interdiscurso.

No Interdiscurso, há uma última variação que considero importante. Do mesmo modo que o sujeito pode exercer três ou mais papéis simultâneos na sua vida social, uma fala, palavra ou frase iguais podem assumir diferentes significados, dependendo das posições e condições sociais e políticas de quem o fala. Isto é o que Pêcheux denominou de Enunciado. Uma vez exposta algumas ideias de Pêcheux, apresento agora Michel Foucault (1995). Utilizo este autor, então, para procurar entender de que forma as construções discursivas dos ateístas, nas redes sociais, então construídas e que tipo de interdiscurso está sendo formado em suas falas.

### **3.2 Análise do discurso segundo Michel Foucault**

Para Michel Foucault (1996, 2009), o discurso não é um emaranhado de palavras, ou um conjunto de frases, mas sim, de todo uma estrutura, de todo um interstício, que dê condições para que os discursos existam. Em outras palavras, para que um discurso exista, há a necessidade de existir uma função que permita que algo seja dito, que seja tido como verdadeiro ou que seja ignorado ou excluído. À esta condição de existência, Foucault (2009) define como enunciados, que são, a unidade fundamental do discurso.

Para Foucault (2009), os discursos atuam na formação e percepção de realidades, ainda que esta realidade não possa ser reduzida ao discurso em si. No entanto, uma percepção humana da realidade, sem algum tipo de simbolização para descrevê-la, não é totalmente possível.

A formação desses enunciados se dá por um processo histórico. Um dos exemplos que Foucault (1996) demonstra desta formação, está no livro *A ordem do discurso* onde ao abordar sobre as condições de verdade num discurso científico, comenta que as teorias da

evolução de Darwin e da genética de Mendel, no contexto em que foram publicadas, não foram consideradas como tão científicas porque não faziam parte dos critérios exigidos à época para serem consideradas como tal, ao passo que hoje são verdades constituídas.

Abordo alguns desses mecanismos envolvidos no discurso, que Foucault se utiliza para entender seu funcionamento. O primeiro deles são os mecanismos internos e externos de exclusão. Essa exclusão controla quem pode e quem não pode discursar dentro de um meio, uma instituição, um movimento social ou, no caso, um posicionamento religioso ou não-religioso. Esses mecanismos de controle do discurso refletem as relações de poder e as noções de subjetividade, porque para Foucault (1996) a subjetividade dos indivíduos perpassa necessariamente os discursos em que estão inseridos.

Os mecanismos externos de exclusão de discurso estes podem ser classificados como o da interdição, o da rejeição e o da vontade de verdade. O da interdição controla onde, como, o que e em que circunstâncias, um discurso pode ser dito (FOUCAULT, 1996). Os famosos lugares de fala, tão comuns nas militâncias políticas dos movimentos sociais identitários, são uma forma de manter o poder apenas entre os de suas próprias categorias/classes, excluindo as opiniões de outros indivíduos externos que não se encontram dentro dos critérios para poder opinar nestes grupos. Não é apenas exclusão, é uma operação que dá à opinião do grupo, o estatuto de verdade, de realidade e a de alguém que não é do grupo, um estatuto inferior, o que será descrito adiante como “vontade de verdade”.

O mecanismo da rejeição e/ou separação seria um rótulo para definir-se quem está falando e quem está ouvindo, em que posições estão esses interlocutores e qual a finalidade atribuída a cada um dos que falam. Esse fato legitima ou desvaloriza o discurso de quem fala, dependendo de qual construção social foi estabelecida para as suas falas. Foucault (1996) utiliza o exemplo da fala do louco e a fala do médico. O louco é aquele que teria um discurso único e próprio, longe do que pode ser considerado como racional ou como “verdadeiro (FOUCAULT, 1996, p. 32). O médico seria aquele que detém o saber sobre o louco e sobre a fala do louco. É aquele que analisa o discurso do doente e a cura através deste, usando não apenas seu saber, mas também seu discurso. Nessa relação, um tem a fala desacreditada e outro, completamente valorizada, dada a construção do discurso que foi atribuído a cada um.

O último mecanismo seria o da vontade de verdade que é dado através de instituições o poder de dizer o que é verdadeiro e o que é falso (FOUCAULT, 1996). Esse mecanismo está relacionado com a época histórica em que ocorre, o que, de certa forma, controlará os outros discursos. Um exemplo é a da ciência moderna, que em nossa época tem poder de

credibilidade e estipula critérios para a definição do que é verdadeiro e do que é falso e de tornar verdade aquilo que se insere em seus critérios. Foucault (1996) diz que para a execução das falas, são prescritos alguns rituais sempre. As normas da ABNT poderiam ser vistas, de acordo com esta perspectiva, como rituais acadêmicos para se poder enunciar uma verdade a partir do aspecto da forma.

Esses três mecanismos seriam, para Foucault (1996), os mecanismos externos de exclusão para um discurso. Mas há outros, de caráter interno: os mecanismos de exclusão, objetivando o controle de suas dimensões. O primeiro é do comentário: um discurso feito sobre algo originalmente dito, mas que, ao mesmo tempo, acrescenta algo que não foi dito no discurso original, adicionando outro discurso ao primeiro que o originou.

O segundo mecanismo seria o do autor, uma condição necessária, em certos tipos de discursos, em que o autor necessita ser citado e explicitar quem originou por primeiro, aquele discurso. E assim como no critério externo da separação, o autor também confere um grau de legitimidade para o discurso (FOUCAULT, 1996). Poesias e literaturas acadêmicas são exemplos principais deste tipo de mecanismo.

O terceiro mecanismo interno seria o da disciplina (FOUCAULT, 1996, p.61). Este se caracterizaria por uma série de critérios e métodos em que se insere e se profere todo um agrupado de discursos tidos como “verdadeiros”, isto é, tudo aquilo que confere a um determinado discurso, a segurança de ser uma verdade praticamente inquestionável. O discurso científico, para acadêmicos ou o discurso bíblico, para religiosos cristãos, são exemplos.

Entender essa estrutura discursiva servirá como método para mapear todo o conjunto de discursos inseridos nas mídias que selecionarei, de forma a poder identificar quais tipos de enunciados permeiam as redes sociais e permitem que os ciberateístas militem suas ideologias. Também estou interessado em saber quais os tipos de enunciados formam o discurso neoateísta do ciberespaço, quem pode, por este espaço, ser um militante e que tipo discurso, rejeitam e quais as realidades são formadas através de seus discursos. Não menos importante que isto, quero apontar as relações de poder estão construídas nestes meios, sob de que forma esta estrutura está organizada para finalidades de atuação política.

### **3.3 A estruturação do discurso ateísta no ciberespaço**

A fim de começar esta parte da análise de discurso, penso ser mister iniciar com uma breve arqueologia do ciberespaço nas redes sociais. Primeiramente é plausível conceber o ciberespaço não apenas como um meio de propagação de discurso, mas como uma espécie de

enunciado que irá definir estruturas para a propagação de um discurso específico das redes sociais. Ora, se fossemos tentar pensar em um tipo de unidade específica do discurso usado nas redes sociais, poderíamos pressupor, por exemplo, um discurso do tipo comentário, ou seja, aquele que para Foucault (1996), se trata de um tipo de discurso que é falado dentro de algo que já foi dito antes, em outros lugares ou contextos, mas que ao mesmo tempo, acrescenta algo novo a este discurso.

Pensando de forma geral nos espaços cibernéticos que escolhi, Youtube, Facebook, Instagram, é comum encontrarmos postagens em formatos de textos ou imagens num formato de denúncias ou ironias que se prezam esta intencionalidade: transmitir algo que já foi dito anteriormente em forma de palavras, imagens ou falas que gerem algum tipo de emotividade, como raiva, ódio, medo, felicidade, afeição entre outras. Nessas páginas há um espaço específico que permite a qualquer um que tenha tido acesso às postagens, expressem suas opiniões de forma livre e com poucas restrições de fala, denominadas exatamente como “comentários”. No entanto, não é correto reduzir todo o discurso falado nos meios virtuais à categoria de “comentário” nos termos foucaultianos, uma vez que estas também servem como espaço de formação de subjetividades.

Por um espaço de formação de subjetividades, entendo que é possível surgir nelas discursos inéditos. Posso utilizar como exemplo alguns estudos na área de sexualidade que apontam que um tipo de sexualidade específica, hoje conhecida como a assexualidade, teve início no ciberespaço,<sup>74</sup> mais especificamente, a partir de certos fóruns específicos do tema, em que os membros autodenominados assexuais promovem não apenas um espaço identitário para os que se dizem não sentir atração sexual, mas criam critérios para conceituar quem são os assexuais e como diferenciá-los de outras categorias, como celibatários (OLIVEIRA, 2015). Para definir palavras aceitáveis como identificação e rejeitar o sentido pejorativo do termo “assexuado” e definir até que ponto certas práticas ou atrações sexuais específicas podem ser consideradas como naturais da assexualidade e quais estariam rompendo com esse conceito (OLIVEIRA, 2015). Sua militância é tamanha que se contrapõem a visão da medicina.

Essas, de acordo com seus manuais de doenças mentais usados por psiquiatras para o diagnóstico de patologias, definem a assexualidade como um transtorno de hipoafetividade, mas, com as novas dinâmicas, esses grupos cibernético-assexuados exigem ser reconhecidos

---

<sup>74</sup> Ver a tese de doutorado da finada doutora Elizabeth Regina Batista de Oliveira “Minha vida de ameba: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola” disponível em ] <[https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052015-102351/publico/ELISABETE\\_REGINA\\_BAPTISTA\\_DE\\_OLIVEIRA\\_rev.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11052015-102351/publico/ELISABETE_REGINA_BAPTISTA_DE_OLIVEIRA_rev.pdf)> Acesso em: 27/10/2020

como uma orientação sexual (OLIVEIRA, 2015, p 54). Dei este exemplo para demonstrar uma possibilidade possível no ciberespaço para a formação de novos discursos e novas subjetividades, o que parece acontecer, em parte, nas comunidades ateístas deste meio virtual.

A ATEA, quando milita contra as políticas públicas da bancada evangélica<sup>75</sup> na política brasileira, cria discursos que questionam as justificativas religiosas de atuações políticas e fortalecem o discurso da laicidade do estado com argumentos que não são utilizados por outros grupos minoritários defensores da laicização do estado.

Ora, se eu falo de um espaço onde novos discursos podem ser formados, então temos aí um meio para verificar se, tais discursos novos estão inseridos dentro de uma lógica de reprodução de outros tipos de discursos que seriam apenas refletidos nos espaços sociais ou se, ao contrário, estamos falando de um discurso único, novo e específico das redes sociais.

Todavia, o ciberespaço é visto por alguns como um meio neutro e democrático, onde estão todos os tipos de diferentes discursos existentes em nosso meio social. E até talvez podemos ver algo do discurso científico, ou médico, ou político que estão inseridos em formas de vídeos, postagens, textos, nas diferentes plataformas ou sites das redes sociais. Não é raro encontrar no Facebook ou no YouTube páginas e canais específicos dentro de uma temática, como canais de militância política ou páginas com informações jornalísticas ou saberes médicos, que estas em específico, utilizarão do discurso da boa saúde para promover normas do que se comer e o que se evitar, além de prescrever um estilo de vida específico.

No entanto, aponto que o ciberespaço não atende a todos os critérios para compor o tipo de discurso que se pretendem. Por exemplo, uma página no Facebook que se proponha à divulgação de conteúdos científicos, em raras ocasiões irá embasar-se em autores específicos para produzir um novo discurso baseado nas ideias destes autores. Se o fizer, dificilmente se utilizará de todos os critérios necessários para se fazer uma pesquisa científica.

Dessa forma, não é correto dizer que tais páginas propagam um discurso científico propriamente dito. Na melhor das hipóteses, poderiam ser categorizadas como um discurso do tipo ‘comentário’ ao falar de uma teoria ou descoberta de um autor específico. Mas neste caso, não se trata de um discurso científico na forma de comentário, mas de uma página específica que tem o propósito de falar de ciência, mas ela própria não é científica nem se utiliza de um discurso específico da ciência. Sua ordem está inserida em uma outra lógica, talvez mais voltada para o entretenimento nas mídias. Este raciocínio pode ser utilizado para

---

<sup>75</sup> Surgida com a Assembleia Constituinte de 1986, se caracteriza por ser um movimento que não é politicamente nem ideologicamente homogêneo, mas que, de forma geral, são compostas por deputados conservadores (PRANDI, SANTOS, 2017 p 184)

múltiplas temáticas dentro do espaço virtual, como política, médica, jornalística, entre outras.

Logo, se os discursos no ciberespaço, ainda que possam refletir em partes os demais discursos da sociedade, não se reduzem a eles e penso ser razoável pressupor que há uma unidade específica própria de discurso, que é o discurso nas redes sociais. Por unidade específica, me refiro a um tipo de discurso geral, que se encontra em todas as plataformas e páginas, formando uma espécie de característica geral do discurso nas redes sociais. E este discurso, tal como diz Foucault (2009), também está atrelado a outros enunciados.

De uma forma geral, eles têm como finalidade, uma performance que, talvez seja a do ‘bem-estar’, apesar de existirem, as páginas mais voltadas para o sensacionalismo, para o horror, para o bizarro de igual forma geram uma quantidade de likes e movimentos. A tendência das páginas voltadas para o bem estar me parece mais predominante em termos de padrão qualitativo.

Falando de uma maneira bem geral e baseando apenas na minha experiência utilizando as redes sociais, noto que há aí certa tendência de rejeição de um discurso da tristeza, de fraqueza (embora eles possam aparecer até certo ponto). Em contrapartida, os discursos opostos a este, onde as pessoas denotam certa alegria, parecem ser mais incentivados ou se não incentivados, ao menos, um pouco mais comum.

Se eu estiver certo, o ciberespaço é um lugar para pessoas felizes, bem-sucedidas ou que propagam alguma lógica feliz. São os que dão mais visualizações ou mais likes. Há aquelas indústrias de likes pagas para este propósito, mas elas tendem a utilizar essa mesma lógica. Seria um lugar onde os usuários cedem, de forma voluntária, suas informações pessoais, em troca de visibilidade, aceitação, likes. A visibilidade está atrelada a algum acontecimento positivo, como uma viagem, um cuidado com a saúde própria ou com a demonstração de habilidades específicas que as caracterizem e as destaquem das demais pessoas. Logo, um dos enunciados aí presente é o do bem-estar.

Penso que, para além deste, há um enunciado específico que não necessariamente está distante dessa performance, porém está ligado ao enunciado da militância política. Nesse enunciado, os discursos estão voltados para a performance intelectual de quem o escreve (embora esteja também implícito), mas, principalmente, formar e modelar o engajamento político. Aí são criados os questionamentos sociais típicos de cada militância, os argumentos usados para justificarem suas atitudes e/ou seus pensamentos e, não raro, estão ligados também a uma parte prática. Isso ocorre quando as militâncias deixam o meio virtual e passam ao mundo físico. A ATEA é um exemplo.

Assim, preferi utilizar esta base foucaultiana, para definir o que seria certa unidade de

formação do discurso no espaço virtual de forma geral. Nas páginas seguintes, usarei tanto Foucault (1996, 2009) quanto Pêcheux (1995) para tentar verificar como isto se aplica ao discurso ateuista.

### **3.4 A estruturação do discurso ateuista nas redes sociais**

Meu objetivo nos próximos tópicos é ainda utilizar o pensamento foucaultiano e pecheuxniano para entender de que modo e a partir de quais princípios, interstícios e regras ocorre o discurso dos militantes ateístas no ciberespaço nos recortes que intentei realizar. No decorrer do texto, apresentei o conceito de ateísmo e mostrei que não é único. Também, ao elaborarmos uma história das mentalidades ateístas, nas diversas épocas históricas do ocidente europeu, percebemos que não apenas a definição de ateísmo, como também as práticas e formas de subjetivações destes, mudaram com o avançar dos séculos.

Mas não se podem conceber os ateístas atuais como possuindo identidade absoluta com os ateus do final do século passado (MINOIS, 2012), assim como os ateus da época do Renascimento estão longe de serem os mesmos da época da Idade Média (MINOIS, 2012). Eles foram formados por enunciados diferentes, que lhe deram discursos diferentes e, por assim dizer, uma forma de percepção de suas realidades e formas de subjetivação diferentes, sendo cada um próprio de suas épocas.

A mentalidade imperante até então, de um mundo mais secularizado, onde os ateístas seriam indiferentes aos religiosos sofreu mudanças, como afirmou Silva (2020). Após os ataques terroristas islâmicos de 11 de setembro de 2001, a mentalidade tende mais para a forma de pensamento denominada neoteísmo, pelo menos entre a parte ateuista mais militante (SILVA, 2020). Nesta dissertação, a partir de agora, utilizarei o termo neoteístas para referir-me aos ateus que discursam declaradamente contra as religiões, culpando-as pelos males sociais e que são mais adeptos das ideias de autores como Dawkins (2019), Dennet (2006), Harris (2007), entre outros, enquanto usarei o termo ateístas aos que se mostram como mais indiferentes com relação a essas questões.

Por tanto, gostaria de primeiramente retomar o conceito de ateísmo, elaborado mais ou menos no século XVIII nos tempos do Iluminismo, a fim de verificar se ele ainda pode ser aplicado aos discursos ateístas no ciberespaço. Naquelas primeiras páginas, eu apontei que o ateísmo poderia ser definido por uma perspectiva cognitivista, atrelada à descrença de um indivíduo em um deus ou deuses. Porém, devem-se considerar as discussões históricas e filosóficas que se tem a respeito do ateísmo.

Também mostrei no segundo capítulo que a corrente do pensamento ateuista mais vigente agora é o do neoteísmo, caracterizado pela militância política: indivíduos ateus que buscam a conquista de direitos civis, a defesa da laicização do Estado e tecem intensas críticas aos dogmas e preceitos das religiões, majoritariamente as religiões de origens abraâmicas, considerando-as como instituições responsáveis pela disseminação do ódio, violência e guerras a nível social.

Com essa referência inicial, deduzo que os ateístas atuais, militantes no ciberespaço, tenderão a negar deidades advindas de origens metafísicas e sobrenaturais, defenderão princípios como a separação das ideias religiosas nas políticas públicas de estado e expressarão críticas ao dogmatismo religioso, principalmente o do Cristianismo. Partirei dessa noção como hipótese inicial para definir o que seria uma unidade do discurso ateuista, por assim dizer.

Ao adentrar no ciberespaço ateuista, numa impressão mais superficial sobre a temática do conteúdo das páginas que elegi para analisar, a mentalidade neoteísta está presente no discurso.

Em aspectos quantitativos organizei um quadro referente à temática das postagens nas páginas da ATEA no Facebook e no Instagram. Estas quantificações podem ser vistas abaixo:

Quadro 06 – Alguns dados da página da ATEA no Facebook e Instagram:

PÁGINA ATEA (FACEBOOK) <sup>76</sup>	
TEMÁTICA	QUANTIDADE
ACUSAMENTO	13
HUMOR	12
POLÍTICA	8
AUTO-PROMOÇÃO	9
PÁGINA ATEA (INSTAGRAM) <sup>77</sup>	
TEMÁTICA	QUANTIDADE
ACUSAMENTO	7
HUMOR	12
QUESTIONAMENTO	4
AUTO-PROMOÇÃO	2

Fonte: Pesquisa pessoal, 2021.

Meu objetivo ao fazer estas quantificações foi o de verificar quais os tipos de temáticas apareciam com maior frequência nas páginas de redes sociais da ATEA, como

<sup>76</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/Ateaoriginal>> acesso em 16/01/2021

<sup>77</sup> Disponível em <https://www.instagram.com/explore/tags/ateu/?hl=pt-br> e em <https://www.instagram.com/explore/tags/ate%C3%ADsmo/?hl=pt-br> acesso em 16/01/2021

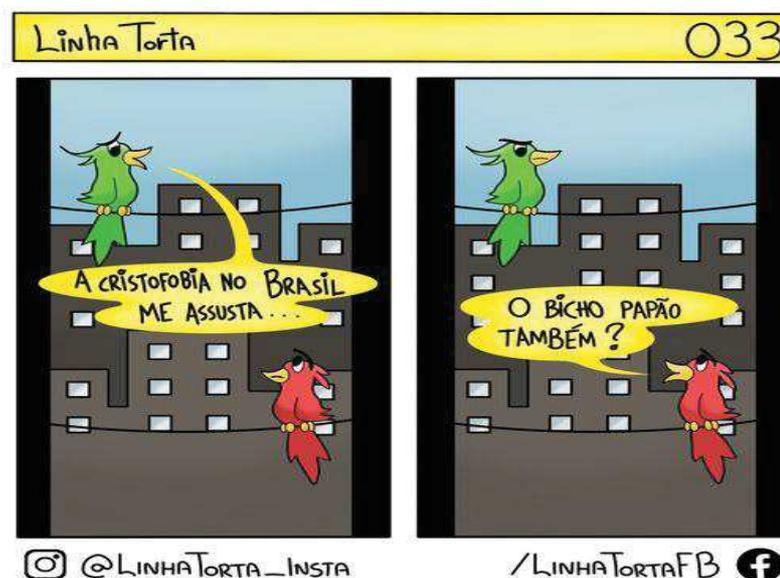
Instagram e o Facebook. E com isso, cheguei à conclusão que nestas os ateístas da ATEA possuem uma tendência de seguir as características típicas do neoteísmo, como militância política e crítica a dogmas e preceitos religiosos.

Como informações adicionais, devo mencionar que, como critério de seleção, os dados da página do Facebook da ATEA foram selecionados utilizando o espaço de tempo de um ano como amostra. Assim, foram consideradas as postagens desta página, que aparecem no período de novembro de 2019 a novembro de 2020. Escolhi este período por ter parecido a mim, ter sido um período intenso de postagens no grupo. Já no Instagram, como são poucas as postagens das páginas naquela rede social, considere todas as postagens, por completo.

Com relação às temáticas categorizadas nas tabelas acima, defini como “Acusamento” postagens que faziam algum tipo de acusação a práticas ou atitudes religiosas; “Humor”, como sendo postagens de charges ou ironias a ações ou pensamentos típicos da religião ou de religiosos; “Política” como sendo postagens de militância política a respeito da laicidade estatal; “Autopromoção” seriam postagens relacionadas à própria ATEA, e “Questionamento”, postagens de frases ou pensamentos, típicas do Instagram, que se destinam a questionar dogmas, doutrinas ou atitudes religiosas, no intuito de causar uma reflexão a quem ler. Também é mister mencionar que, de forma geral, é notável que as postagens da ATEA, quando fazem críticas às religiões, embora possam ter exceções, a maioria delas estão voltadas ao Cristianismo.

Na página Bar do Ateu, no Facebook, é possível encontrar postagens com críticas às temáticas religiosas, tais como a expressa na figura abaixo:

Figura 9 - Crítica à ideia de Cristofobia



Fonte: Bar do Ateu,<sup>78</sup> 2020.

Na imagem acima, mostram duas aves de cores distintas, tendo um diálogo sobre a situação política do país. Uma delas comenta sobre a ideia da cristofobia, que é uma ideia, normalmente utilizada por indivíduos religiosos mais ligados ao espectro político conservador, e que afirma existir uma suposta perseguição, no país, a quem se diz como religiosos cristãos (Araújo, 2016). Em seguida, como uma espécie de crítica e deboche desta ideia, a ave vermelha responde perguntando se tal como a cristofobia, o “bicho papão” também a assusta, como que implicando que a ideia de cristofobia é tão ilusória, quanto acreditar em semelhante entidade. Esta é uma das maneiras que, páginas ateístas no Facebook, como a do Bar do Ateu, usam para satirizar as religiões.

Nas figuras 6, 7 e 8, expostas no capítulo anterior, escolhi a partir das hashtags #ateu e #ateísmo, e notei que temáticas religiosas presentes na política ou assuntos que dominam o cenário midiático atual, como a COVID-19, possuem as características do pensamento neoateu, como afirma Silva (2020). O motivo das opções pelas *hashtags* foi a busca por posts que possuíam textos e imagens, para ter uma visão ampla dos conteúdos ateístas postados no Instagram. Porém o discurso neoateu está longe de ser um monopólio nas comunidades ciberateístas.

A página Bar do Ateu, na sua descrição, diz ser ‘Humanista Secular’<sup>79</sup>. Como mostrei no segundo capítulo, se trata de uma corrente filosófica baseada na ética e nos valores humanitários, seguida também por uma quantidade considerável de ateístas. Logo, seu intuito não está tanto na militância ou denúncias religiosas, mas em uma reflexão ética sobre temas relacionado à religião. Essa intencionalidade está expressa nas descrições de suas publicações, que assumem um tom mais reflexivo do que denunciativo e incentivam o debate dos seus membros, nos comentários de suas postagens e, sempre que der exemplos e dados extraídos de página, colocar em nota de rodapé.

Nos vídeos de ateístas brasileiros como o Pírula<sup>80</sup> e o Leandro Karnal,<sup>81</sup> é possível notar em seus discursos, não tanto um tom denunciativo militante, mas uma postura mais reflexiva a respeito das temáticas religiosas e uma preocupação em demonstrar como os ateus

<sup>78</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/LinhaTortaFB/photos/a.104978824454915/188704476082349/>> acesso em 16/01/2021

<sup>79</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/BarDoAteu/photos/a.104205426366892/1442870579167030/>> acesso em 16/01/2020

<sup>80</sup> Apelido do biólogo ateu Paulo Miranda Nascimento, responsável pelo canal “Canal do Pírula. Disponível em <<https://www.youtube.com/user/Pirulla25>> acesso em 16/01/2010

<sup>81</sup> Historiador brasileiro, conhecido por palestras acadêmicas no Youtube e pelo posicionamento ateu. <<https://www.youtube.com/watch?v=jfMkaTLTEaY>> acesso em 27/01/2021

podem se posicionar com relação á temáticas como a morte ou a moralidade.

[...] se você for ver, a gente tem um monte de regras morais na sociedade, que vão contra a natureza humana. E obviamente aí, a gente tem que chegar naquele ponto da falácia naturalista: não é porque é da natureza humana, que a gente quer para conviver em sociedade. Por exemplo, não é porque a coisa mais natural do mundo é fazer cocô, que eu vou abaixar as calças no meio da rua.<sup>82</sup>

[...] ateísmo não é uma expressão de inteligência e não há pessoas que são mais brilhantes e por isso se afastam da religião. Se existe uma regra no mundo, essa regra diz com clareza que, há idiotas ateus e idiotas crentes. Há gente brilhante atea e a gente brilhante crente. Logo o ateísmo não tem relação com inteligência.<sup>83</sup>

Por tanto, se formos pensar numa unidade do discurso neoateísta ou ateísta no ciberespaço, não defino a mentalidade neoateísta presente em nossa época atual como sendo a única a mentalidade vigente entre os ateus. Há enunciados diferentes que permeiam o pensamento ateísta moderno. Então, tal constatação pode a princípio nos deixar com um problema a ser resolvido. Se a unidade do discurso ateísta está regida por outros enunciados e princípios que não somente o do neoateísmo, o que seria então sua unidade? Como definir, no meio de toda esta variedade de conteúdos e temáticas, o que caracterizaria propriamente como sendo o discurso ateu?

Com isto, elaboro aqui uma segunda hipótese. Unindo os conteúdos que estipulei como amostra desta pesquisa, retirados das páginas da ATEA no Instagram, Facebook e YouTube, pude constatar um consenso. Independente da variedade do discurso entre os ateus no ciberespaço, de suas posturas, temáticas ou das ideologias pregadas pelos ateístas ou neoateístas em suas falas, nos meios ciberateístas sondados, todos eles parecem coincidir em um ponto específico: a rejeição da existência de um deus metafísico, não somente o Deus cristão, mas qualquer deidade mitológica, que rege as leis do universo. Nesses espaços, os ateístas parecem preferir usar explicações advindas de origens físicas ou naturais, principalmente advindas do discurso científico, para eventos e fenômenos.

Logo, me parece razoável definir como uma espécie de unidade do discurso ateísta nos

---

<sup>82</sup> Trecho, extraído do vídeo “Tenho moral sem Deus”? Existe o bem e o mal?” do “canal do Pirula”, entre os minutos 14:20 a 14:35. Disponível em < [https://www.youtube.com/watch?v=9r9\\_PBV02zE](https://www.youtube.com/watch?v=9r9_PBV02zE) > Acesso em: 04/02/2021

<sup>83</sup> Trecho extraído do vídeo “Porque sou ateu?” do canal “Prazer, Karnal” entre os minutos 2:01 a 2:12. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=LJN3yMMh6Hs&t=15s> > Acesso em 04/02/2021

meios virtuais, a negação da existência de uma ou mais deidades, de forma geral. E o fato de não estar restrito a um Deus cristão, como o era em outras épocas como na Idade Média, por exemplo, mas a quaisquer deidades advindas de explicações metafísicas ou mitológicas, numa concepção racionalista originada do pensamento Iluminista (XVIII), me faz considerar que o conceito de ateísmo ainda é adequado para os meios virtuais. Partindo da hipótese que a unidade do discurso ateu está nessa descrença, será possível então, avançar e definir qual seria o objeto do discurso ateu nas redes sociais? E a partir deste, definir quais os enunciados que formam uma condição para que o discurso ateu seja dito em suas diversas características? Isto é o que tentarei indagar nas próximas páginas. Para definir qual seria o objeto de discurso ateu no ciberespaço, procuro definir o material que selecionei como amostra.

Abordo, primeiramente, a comunidade ATEA<sup>84</sup>. Se você se atentar para a sua página virtual, veremos algumas descrições históricas sobre a entidade no Brasil, notícias midiáticas de suas ações militantes, uma página de depoimentos sobre pessoas ateístas falando sobre suas experiências sobre como ser ateu no meio social e outra guia destinada a responder os argumentos religiosos e sociais contra o ateísmo. A parte sobre depoimentos tende a ter uma maioria de falas de pessoas ateístas relatando experiências de preconceitos e discriminação no meio social.

A guia que discute e esclarece o ponto de vista ateu em relação aos argumentos religiosos contra este, está mais próxima de uma militância, pelo discurso de uma suposta verdade, do que para outro tipo de discurso. Se vocês voltarem à atenção para o Facebook, utilizando a página Bar do Ateu, há uma configuração na primeira página:

Quadro 7 - Visão Geral da página Bar do Ateu<sup>85</sup>

Página Bar do Ateu	
Temática	Quantidade
Acusação	12
Questionamento	6
Humor	5
Promoção do Discurso científico	3

Fonte: pesquisa pessoal, 2021.

Vale mencionar aqui que, para critérios de seleção da amostragem destas postagens, estipulei o período entre de 3 de junho de 2020 até o dia de outubro de 2020. A razão se deu pelo elevado número de postagens, nesta página, em tão pouco tempo nesse período.

<sup>84</sup> Disponível em < <https://www.atea.org.br/>> acesso em 17/01/2021

<sup>85</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/BarDoAteu> acesso em 27/01/2021

Sendo assim, tanto a página do Bar do Ateu como da ATEA coincidem em um tipo de postagem como sendo os conteúdos com maior frequência nos sites: a categoria que denominei como acusação.

Sendo assim, afirmei na página anterior que há uma espécie de unidade do discurso ateu, como sendo caracterizado pela negação de uma ou mais deidades. Ao fazer isto, estipulei um tipo de discurso que foi comum em todo o meu material de amostra das publicações ateístas. No entanto, é válido ressaltar que, embora haja aí esta unidade do discurso ateísta, encontrei também uma considerável pluralidade nos discursos ateístas no ciberespaço, e será delas que falarei de agora em diante.

Considerando o YouTube, devo admitir que a quantidade de conteúdos relacionados ao meio ateu tem uma variedade ampla de temáticas e tipos de conteúdo de forma que seria impossível categorizar tudo para pensar um objeto de discurso ateu. Prefiro utilizar os conteúdos da amostra que selecionei e dentro da qual busquei como critérios a popularidade dos youtubers, a quantidade de visualizações, o que indica uma pequena generalização da forma como o discurso ateísta se apresenta. Para isso, de uma forma mais geral, cito os vídeos: Como eu lido com a morte,<sup>86</sup> Tenho moral sem Deus? Existe o bem e o mal?, do canal do Pírula<sup>87</sup>; Ensino religioso nas escolas públicas<sup>88</sup>, do Yuri Grecco e o vídeo ‘Porque me tornei ateu’,<sup>89</sup> do ateísta Leandro Karnal.

Um olhar mais atento para os objetos de discursos específicos vistos em cada uma destas comunidades me permitiu ver uma semelhança: em todas elas, isto é, o objeto de acusação definido na comunidade ATEA além do Instagram e o da identidade ateísta no Youtube, cheguei à conclusão de que o discurso ateu está intimamente ligado a uma posição à religião, mais especificadamente no caso, ao cristianismo.

Em outras palavras, a partir do momento em que o conteúdo de maior predominância nesses meios é de acusações e nos vídeos os da subjetivação da identidade ateísta eles estão ao tempo todo se opondo à religião, aos discursos e crenças religiosas que são dominantes na formação cultural de nosso país. Numa definição mais geral, o objeto do discurso ateísta nos meios virtuais é um discurso político, uma vez que visa uma forma de subjetivação, reconhecimento social e até mesmo leis políticas que os abarquem.

Resta-me definir quais os enunciados fazem parte do discurso ateísta nos meios

---

<sup>86</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OelleGbefeU&t=7s>> acesso em 17/01/2021

<sup>87</sup> Disponível em <[https://www.youtube.com/watch?v=9r9\\_PBv02zE](https://www.youtube.com/watch?v=9r9_PBv02zE)> acesso em 17/01/2021

<sup>88</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jeFzTSD68xU&t=1s>> Acesso em 27/01/2021

<sup>89</sup> Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=jfMkaTLTEaY>> acesso em 17/01/2021

virtuais. Começo então com a noção aqui defendida por Minois (2012) no primeiro capítulo, de que para considerar o que é um ateu numa sociedade, há que saber qual é a definição desta, de um Deus ou divindades. Logo, entendo a partir daí, que há um discurso ateísta a partir do discurso da religião e vice-versa. Não foi possível estabelecer na breve história do ateísmo qual noção primeiro esteve presente no imaginário humano, isto é, se a crença religiosa se deu a partir de uma noção ateísta original dos primeiros seres humanos ou se foi o contrário. Mas, tampouco isto vem ao caso. Basta saber que, por esta noção de ateísmo de Minois, tais discursos não existem sem o outro e se estabelecem a partir do outro. Portanto, constato que o primeiro enunciado do discurso ateísta é a religião, e mais especificadamente, a cristã.

Uma segunda definição será necessária. Analisando os discursos dos ateus, de forma geral, eu notei que eles são pessoas com uma formação acadêmica sólida e que eles possuem uma tendência a terem uma forte convicção empírica.

Por exemplo, as falas do historiador Leandro Karnal e do Biólogo Paulo Miranda Nascimento (Pírula) que, além de terem formação universitária e serem doutores, são conhecidos pelo trabalho de palestras acadêmicas e divulgações científicas, respectivamente falando. O criador da ATEA, Daniel Sottomaior possui graduação em Engenharia e mestrado na USP. Esta é uma tendência que, como disse, parece se repetir entre os ateus no meio virtual.

Essa característica de cientificidade se repete em postagens como a exposta na figura 7, retirada do Instagram, ou na figura 9, abaixo, retirada da comunidade Bar do Ateu, no Facebook.

Figura 10 – Crítica ao anticientificismo dos tempos atuais



**Fabi\_arq**  
@Fabiaraq1

Gente, cês tem noção que nos anos 90 os cientistas estavam clonando ovelhas, mandando robô pra Marte, desvendando o genoma e hj, em pleno 2020 eles tem q ir pra tv falar pro povo tomar vacina, lavar o pinto e explicar que a terra é redonda?!

[#OQueTaAcontecendo?!](#)

Fonte: Bar do Ateu<sup>90</sup>, 2021

Como se nota em tal postagem a acusação é de, nos dias de hoje, em meio a todo o progresso científico de anos atrás, o discurso da ciência é o de resgatar verdades óbvias e já definidas, mas que são questionadas pelos discursos anticiência dos dias de hoje.

Uma noção importante de enunciado, denominada por Foucault (2009), a da vontade da verdade, remete à noção de que há um discurso verdadeiro e como tal, se há um verdadeiro, há os que são falsos. No caso, o discurso ateu em geral, nas redes sociais, atrela o status de ‘verdadeiro’, ao discurso científico e, portanto, de ser confiável, de ser aquele que deve ser seguido e compartilhado. Isto leva a outras noções como a exclusão do discurso, a ‘separação’.

Ora, se há um discurso tido como certo, isto é, o científico, o seu oposto será rejeitado como o falso, o discurso religioso. Nesse ciberespaço ateu, o discurso religioso, quando aparece, está num formato separado, distante e por vezes ridicularizado, exposto como um discurso errado, que não tem a menor base racional no mundo real. Uso como exemplo, a figura a seguir, também retirada da página ‘Bar do Ateu’:

Figura 11 – Crítica ao apelo financeiros de pastores midiáticos

<sup>90</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/BarDoAteu/photos/a.104205426366892/3446451708808897/>> data de acesso 17/01/2021



Fonte: Bar do Ateu,<sup>91</sup> 2021

Nesse caso específico, os ateus que elaboraram o meme da Figura 10 usam de uma passagem bíblica onde Jesus teria aconselhado aos seus discípulos que vendessem tudo o que tinham e dessem o dinheiro aos pobres (BÍBLIA, Marcos 10:21) para satirizar pastores protestantes ricos, famosos na mídia televisiva por pedirem ‘dinheiro’ aos membros de sua igreja. Esse discurso religioso como status do que é verdadeiro, também gera um mecanismo de exclusões descrito por Foucault (2012) como os mecanismos do comentário e do autor. O mecanismo que guia essas duas noções pode ser visto quando algumas citações de autores ateístas (Richard Dawkins ou Sams Harry) aparecem nas comunidades ateístas como citação de frases. Quando isso acontece, a imagem ou o nome dos autores ateístas são expostos de forma a atribuir à frase o peso de uma suposta verdade. Sem o nome desses autores, é provável que tais frases não repercutissem entre os membros ateístas dessas comunidades, da mesma forma como acontece quando a referência é exposta. Mas esses dados estão em comunidades que eu não selecionei como amostra para esta dissertação.

Todavia, voltarei à Figura 9, como exemplo de um enunciado ‘comentário’ proposto por Foucault (2009). Nessa figura, como mencionado antes, a ideia da cristofobia é ironizada com a ideia da existência do bicho papão. Em outras palavras, dentro desta perspectiva foucaultinana, a fala da ave verde é ressignificada em forma de riso, com um comentário feito

<sup>91</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/BarDoAteu/photos/a.104205426366892/3447271248726943/>> data do acesso 17/01/2021

pela outra ave, comparando a existência da ‘cristofobia’ à do ‘bicho papão’. Algo novo está sendo dito a partir de algo comentado de forma “excludente de verdade”, mostrando que a noção de ‘cristofobia’ guarda algo de fantasioso e inverídico.

Uma das principais condições discursivas para o discurso ateuista nas redes sociais é a oposição ao cristianismo, uma oposição justificada por noções históricas. É essa oposição ganhou mais força nos anos 2000, momento em que o neoteísmo, enquanto uma nova corrente ateuista começa a se formar (SILVA, 2020, p. 134). Essa corrente apregoa, além de noções de valorização própria entre ateus, a condenação de práticas religiosas consideradas abusivas (SILVA, 2020). Não é de se surpreender que a maioria das postagens ateuistas no ciberespaço, seja justamente também voltada para acusar as religiões (SILVA, 2020).

Para além destas, é preciso também uma noção científica mais embasada de forma a dar legibilidade às suas postagens, além de usar, nessas próprias noções de status de verdade científica, formas de excluir e ironizar o discurso religioso.

Essa noção delimita o formato pelo qual o discurso ateu emerge nos meios virtuais, mas essas delimitações estão longe de serem completadas, muito menos por um autor em específico. Logo, pretendo usar as noções de Michel Pêcheux (1995), a partir de agora, a fim de podermos ponderar que formações discursivas e ideológicas e enunciados permeiam o discurso ateuista nas redes sociais.

Começo com a definição de ateísmo, fornecido pela comunidade ATEA, no seu site virtual:<sup>92</sup>

Existem várias definições para ateísmo. Adotamos a definição mais abrangente, que reflete a etimologia da palavra: ateísmo é qualquer forma de ausência de teísmo - ou seja, ateísmo é a ausência de crença em quaisquer divindades (ATEA, 2020).

Essa definição também será fornecida por youtubers ateuistas quando elaboram vídeos sobre a temática. O vídeo intitulado Agnóstico ou ateu<sup>93</sup>, de Pírula, conceitua o ateísmo segundo a definição dada por Martin (2006), ou seja, postulando dois tipos de ateísmo, o negativo e o positivo. O ateísmo negativo se refere aos indivíduos que não acreditam na existência de um ou mais deuses, o positivo se refere à negação absoluta de qualquer deidade e na afirmação de que elas não existem de fato.

No vídeo *Porque virei ateu*, Henry Bugalho (nome artístico de um youtuber), descreve sua descrença em deuses da seguinte maneira:

<sup>92</sup> Disponível em < <https://www.atea.org.br/perguntas-frequentes/>> acesso em 17/01/2021

<sup>93</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=LVkklTe77Ww>> Acesso em 27/01/2021

[...] e como eu disse, foi um processo que se deu ao longo de anos. Comecei há 14 anos e fui até os 20 anos, 21 anos e frequentava a missa, gente. Não acreditava em mais nada que eu via lá. Eu ia lá pra ficar ouvindo as besteiras e tentando entender o que diziam, questionando tudo o que diziam, mas ainda frequentava a missa e ainda hoje, quando eu vou viajar ou vou visitar as igrejas (quando eu escrevi um guia de viagem de Roma, a gente foi a umas 300 igrejas; têm mais de mil igrejas em Roma, fomos a umas 300 igrejas porque eu gosto). Eu gosto da iconografia cristã, eu gosto de simbolismo, aprecio o ritual católico, mas eu não acredito. Acho bonito, entendo a história, entendo a importância histórica, mas eu não acredito. Eu só fui me identificar como ateu muito posteriormente, talvez eu já tivesse uns 25 anos para mais, quando eu realmente comecei a chegar e a dizer publicamente que eu não acreditava em nada; acredito em Deus que não acredita em nada (Bugalho, 2020)<sup>94</sup>

Leandro Karnal, ateu influente no ciberespaço por ser ateu, por sua atuação nas redes sociais e por suas falas acadêmicas, disse, num vídeo intitulado ‘Como me tornei ateu’:

[...]Como eu explico no livro, houve um processo biográfico que foi me deixando com estranhamento crescente. Na liturgia eu era muito católico, eu fui jesuíta, que foi... tendo a sensação crescente de que não havia ninguém do outro lado. E um dia, simplesmente, esta sensação me dominou. Não nasceu de nenhuma decepção com a Igreja (Karnal, 2019)<sup>95</sup>

Com essas falas sobre o ateísmo, extraídas de páginas ateístas influentes, a primeira noção que noto: os três se utilizam de conceito de ateísmo bem semelhante. Isto é, o exposto pela noção etiológica da palavra que define o ateu como aquele indivíduo que não crê na existência de um Deus ou deuses. Pensando na formação discursiva do conceito, há uma origem histórica que remonta à Grécia Antiga (SILVA, 2020, p. 34) Também mostrei que, séculos depois, na era do Iluminismo, o conceito permitiu o fornecimento de uma noção identitária aos ateus, tal como os conhecemos hoje. E há como uma formação ideológica, a pregação da primazia da razão, do mundo natural e empírico como fontes do que deve ser considerado verdadeiro.

Há, a princípio, uma formação discursiva que propõe que o ateu, tal como o discurso ateuista o define, deve estar atrelado a uma visão de mundo empírica, materialista, racional e excludente de pressuposto metafísico. Esses ateístas possuem uma formação acadêmica elevada e uma forte convicção científica como base fundante de seus discursos.

Na teoria de Pêcheux (1995), é digno de nota ver que, embora os conceitos e a formação discursiva sejam idênticas para os três ateístas, o enunciado não é o igual. Na perspectiva

<sup>94</sup> Vídeo do canal Henry Bugalho’. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Zq75CnSMJac> (entre os minutos 7:41 a 8:29). Acesso em: 27/01/2021

<sup>95</sup> Vídeo do canal ‘Prazer, Karnal’ denominado “como virei ateu – Leandro Karnal” entre os minutos 7:43 a 8:08. Disponível em << <https://www.youtube.com/watch?v=LJN3yMMh6Hs&t=15s>>> Acesso em: 27/01/2021

pecheuxtiana, o enunciado assume formas diferentes para os três conceitos de ateus, que são dados a partir da experiência e visão de mundo de cada um dos três.

Para a ATEA, uma entidade influente pela militância ateuista em prol do estado laico e crítica da discriminação e dos preconceitos desferidos contra os ateus, o conceito evoca um enunciado mais político. Ao ateu, na ATEA, não basta apenas descrever em um ou mais deuses: é necessário possuir uma militância política em favor do estado laico, e que defenda a aprovação de leis mais pesadas contra a discriminação contra ateus e, de preferência, que abominem o discurso religioso.

No segundo, o do escritor Henry Bugalho, o ateísmo não está atrelado à mesma concepção, mas a uma visão de mundo niilista, tal como o próprio admite, em outros de seus vídeos, ser um niilista assumido. Como o niilismo, significa basicamente a ausência de valores e crenças metafísicas do indivíduo com relação ao mundo. Logo, tal ateísmo não possui igual significado ao que a ATEA coloca, mas segue mais um questionamento do indivíduo com qualquer valor ou preceito metafísico.

Karnal se intitula ateu, mas canta músicas gregorianas e lê Bíblia. Logo, esta não é uma formação discursiva idêntica à presente na página ATEA, nem ao niilismo do escritor Henry Bugalho. É, portanto, um tipo de ateísmo que aceita as demais religiões, mas que mantém suas convicções estabelecidas.

Há, nesses três exemplos, três enunciados diferentes para o significado de ateísmo e eles se dão, respectivamente, através de uma formação discursiva científica, niilista e pluralista. Esses enunciados nos dão a ideia de como o discurso militante ateuista no ciberespaço está longe de ser unânime, possuindo assim, variações não apenas conceituais, mas ideológicas, que fornecem assim diferentes perspectivas sobre o que é o ateísmo, diferentes maneiras de subjetivação da vivência do ateísmo, diferentes noções de mundo pela perspectiva ateuista.

Ora, se o conceito de ateísmo permite variações outras de seu significado e contexto, há aí formações discursivas e ideológicas outras que permitem a formação de discursos e condições para que esses ateístas falem. Isto é o que Pêcheux (1995) denomina de máquina discursiva. E pensando em toda esta máquina discursiva, que propicia a formação do discurso ateu, estabeleço nas próximas páginas, alguns das possíveis instâncias que condicionam a fala dos ateístas nos meios virtuais.

O primeiro deles é o contexto político atual de nosso país. O Brasil vive num regime democrático liberal-representativo de governo. Este regime, conhecido pela valorização das vontades e decisões populares, tem como consequência a concessão do direito de qualquer cidadão se manifestar e expressar seus pontos de vista, em qualquer assunto. Tal noção, que

tem das ágoras nos tempos da Grécia Antiga, sua base vê nos dias de hoje o meio virtual como sendo a versão mais moderna destas. E tal condição que, à primeira vista, possa parecer algo natural e mesmo imperceptível, se torna mais evidente, quando buscamos por comunidades ateístas em países não democráticos, como a Arábia Saudita por exemplo.

Na página Saudi Atheists<sup>96</sup>, por exemplo, na descrição, possui a seguinte advertência em árabe, que numa tradução mais informal, diz:

A pena para o ateísmo na Arábia Saudita é a morte. A pena para pensar na Arábia Saudita é a morte. É importante primeiro ter muito cuidado com a sua identidade na Internet, porque existe um bando de pessoas ignorantes que não conhecem uma determinada forma de pensamento independente tentando chegar à sua identidade e impedi-lo de pensar e dizer sua palavra livremente. Pensar é proibido em nosso reino, mas assim como eles falharam em nos impedir, eles não nos impedirão ainda hoje (SAUDI ATHEISTS, 2020, tradução livre)<sup>97</sup>

Se considero os possíveis erros de tradução desta plataforma de tradução de idiomas, importa-me reparar que a simples expressão do pensamento ateu neste país é condenada com pena de morte. Essa perseguição ao ateísmo é tamanha que os membros virtuais possuem perfis próprios para acessar o Facebook, mas com identidades ocultadas. A livre expressão do discurso ateu por lá sofre repressões severas que um país como o nosso não possui.

O discurso ateu exercido nos meios virtuais brasileiros seria impossível, ao menos nos mesmos moldes, na Arábia Saudita, o que permite que aqui o discurso alcance uma abrangência maior do que em países árabes. Ao considerar o discurso ateu que analiso nesta dissertação, levo em conta que é um discurso atrelado aos moldes de um país de regime democrático de governo. É apenas nesse regime, que em publicações como as ilustradas pelas Figuras 5 e 6, os autores usam o contexto político atual para criticar as escolhas e

<sup>96</sup> Disponível em <https://www.facebook.com/Saudi-Atheists-%D8%A7%D9%84%D9%85%D9%84%D8%AD%D8%AF%D9%88%D9%86-%D8%A7%D9%84%D8%B3%D8%B9%D9%88%D8%AF%D9%8A%D9%88%D9%86-125124994181156/about> acesso em 17/01/2021

<sup>97</sup> No original t

عقوبة التفكير في السعودية هي الموت من المهم اولاً ان تكون حذراً جداً بخصوص هويتك على الانترنت لان هناك قطيع كامل من الجهلة الذين لا يعرفون طريقة معينة للتفكير المستقل. يحاول الوصول الى هويتك و منعك من التفكير و قول كلمتك بحرية. التفكير ممنوع في مملكتنا لكنهم كما فشلوا سابقاً بأبواقنا فلن يوقفونا اليوم حتى أن أغلقوا موقعاً لنا فتحنا عشرة أن أغلقوا جروباً لنا فتحنا عشرة أن أغتالوا مفكراً منا أستيقظ بعد ممانته الف مفكر على نفس الطريق فأهلاً و سهلاً بك بين اخواتك و اخواتك الملحدون في كل اجزاء المملكة

Disponível em [https://www.facebook.com/Saudi-Atheists-%D8%A7%D9%84%D9%85%D9%84%D8%AD%D8%AF%D9%88%D9%86-%D8%A7%D9%84%D8%B3%D8%B9%D9%88%D8%AF%D9%8A%D9%88%D9%86-125124994181156/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Saudi-Atheists-%D8%A7%D9%84%D9%85%D9%84%D8%AD%D8%AF%D9%88%D9%86-%D8%A7%D9%84%D8%B3%D8%B9%D9%88%D8%AF%D9%8A%D9%88%D9%86-125124994181156/about/?ref=page_internal) acesso em 27/01/2021

posicionamento do atual presidente do país (adepto as influências conservadoras da religião cristã na política) e expressam o quão perigoso pode ser a religião comandando as políticas públicas de Estado. O atual contexto político é crucial para que haja as críticas dos chamados neoateístas, nas redes sociais.

Considerando que o neoateísmo tem como uma de suas características, a crítica ferrenha às religiões e às tentativas de diminuir a laicidade do Estado e o conteúdo expresso nas redes sociais do Facebook e do Instagram, aponto a segunda instância ideológica para a condição do discurso ateu, o próprio neoateísmo. A posição ideológica, originada nos anos 2000 e defendida por influentes divulgadores como Dawkins (2019), Harris (2007), por exemplo, prega que os males que a religião traz na vida social e política formam aí uma memória discursiva e um argumento ideológico para as publicações dos ateus no ciberespaço. Assim, é possível inferir que, provavelmente os ataques às religiões e a militância pela laicidade do estado não seriam presentes se não fossem fornecidas por esta atual mentalidade ideológica ateísta do século XXI. Essa concepção, não está dissociada da outra que igualmente faz parte deste interdiscurso: o cristianismo, mais especificadamente, o cristianismo brasileiro.

Na busca pelas comunidades ateístas fora do Brasil, constatei que nas páginas de Facebook cuja maioria da população é hinduísta (Índia)<sup>98</sup> ou em países de maioria muçulmana (Arábia Saudita)<sup>99</sup>, elas assumiam um perfil aos moldes neoateístas, mas as críticas à religião eram dirigidas precisamente às suas religiões locais. Não raro, os ateus dessas páginas utilizam figuras religiosas de seus países na forma de chiste ou postam notícias de jornal onde, em seus entendimentos, as religiões locais estavam causando algum tipo de mal aos seus e outros países.

No Brasil, os ateus, ao militarem nas redes sociais, tomam elementos do cristianismo para acusar padres ou pastores de causar dano social ou fazem chistes e ironias com imagens ou dogmas religiosos cristãos. Reportagens como a extraída no site da ATEA como ‘JERJ julga inconstitucional lei que permitia às igrejas fazerem encontros nas escolas’<sup>100</sup> criticam o uso das políticas públicas de Estado que as expressões religiosas cristãs fazem para ocupar espaços, pondo em xeque o princípio da laicidade, garantido pela Constituição e principal

<sup>98</sup> Disponível em < <https://www.facebook.com/groups/175076785932307>> acesso em 27/01/2021

<sup>99</sup> Disponível em < [https://www.facebook.com/Saudi-Atheists-%D8%A7%D9%84%D9%85%D9%84%D8%AD%D8%AF%D9%88%D9%86-%D8%A7%D9%84%D8%B3%D8%B9%D9%88%D8%AF%D9%8A%D9%88%D9%86-125124994181156/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/Saudi-Atheists-%D8%A7%D9%84%D9%85%D9%84%D8%AD%D8%AF%D9%88%D9%86-%D8%A7%D9%84%D8%B3%D8%B9%D9%88%D8%AF%D9%8A%D9%88%D9%86-125124994181156/about/?ref=page_internal)> acesso em 27/01/2021

<sup>100</sup> Disponível em <https://www.atea.org.br/ativismo/tjerj-julga-inconstitucional-lei-que-permitia-igrejas-fazerem-reunioes-em-escolas/>> Acesso em 17/01/2021

militância dessa comunidade.

No texto abaixo, constam alguns trechos, com a finalidade apontar as ações da religião:

Ao se ‘autorizar’ os diretores das escolas públicas estaduais a cederem espaço para encontros de grupos religiosos, é o interesse público o que está sendo submetido ao interesse privado, como se o Estado do Rio de Janeiro tivesse se tornado agente colaborador das igrejas, para satisfazer seus inconfessáveis objetivos proselitistas”, disse o escritor (autor de “Ouroboros: Um Livro para Instrução de Todas as Gentes”, lançado em 2011), e ainda que “as Igrejas (católica e protestantes) já têm seus templos e salões paroquiais para celebrar encontros de casais, jovens e adolescentes não precisam recorrer às escolas públicas para satisfazer suas finalidades pastorais. (ATEA, 2016)<sup>101</sup>

Em outro exemplo, uso uma publicação da página Bar do Ateu com os seguintes dizeres:

Figura 12 – Crítica à suposta falta de empatia dos religiosos



Fonte: Bar Ateu,<sup>102</sup> 2021

Tal postagem segue com a seguinte legenda acima

“povo ama dar dinheiro para pastor, padre e etc. E simplesmente limpa as mãos, não fiscaliza ou analisa para onde vai esse dinheiro. O que tem de pastor aproveitador e ONG que daria melhor fim a essa grana não é brincadeira” (Bar do Ateu, 2020).

A crítica vista no meme da Figura 11, se deve ao fato de os religiosos cristãos, na

<sup>101</sup> Disponível em < <https://www.atea.org.br/ativismo/tjerj-julga-inconstitucional-lei-que-permitia-igrejas-fazerem-reunioes-em-escolas/>> acesso em 27/01/2021

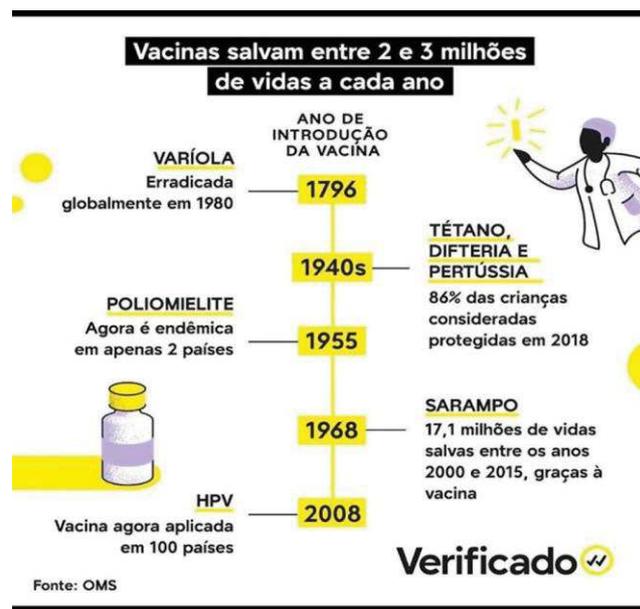
<sup>102</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/BarDoAteu/photos/3480904198696981>> acesso em 17/01/2021

perspectiva dos ateístas desta página, apresentariam o comportamento contraditório de ceder dinheiro para a Igreja, mas não para ações mais “humanas”, tidas como beneficentes.

Com publicações como essas, presentes nas comunidades ateístas na internet, percebo que o discurso religioso cristão está associado ao discurso ateu nas redes sociais. É preciso ter a religião, e a religião cristã, para que o ateísmo seja militante. É preciso que as religiões tenham alguma ação, tenham algum discurso para que o ateísmo contraponha. Portanto, penso que o discurso religioso cristão é uma das instâncias presentes no interdiscurso que condicionam o discurso ateu nas redes sociais.

E por último, uma característica também esteve muito presente no discurso ateu: a Ciência. Nos quadros referentes às postagens de Facebook na página Bar do Ateu, dentro da amostra que selecionei para esta dissertação, em três delas o discurso científico foi valorizado. Vejam a figura 9 ou aqui abaixo:

Figura 13 – Apregoação ao conhecimento científico das vacinas



Fonte: Bar do Ateu<sup>103</sup>, 2021

A figura 12, apesar da intencionalidade de ironizar o atual governo do Brasil no contexto da COVID-19 no ano de 2020, há também uma – para usar termos do Michel Pêcheux - memória discursiva associada ao discurso científico.

<sup>103</sup> Disponível em <<https://www.facebook.com/BarDoAteu/photos/3446650758788992>> Acesso em: 17/01/2021

No canal do Pírua, no vídeo intitulado Como eu lido com a morte<sup>104</sup>, no minuto 13, ao indagar se ateus são mais depressivos do que religiosos, ele argumenta:

Outro (artigo) que, aparentemente pesquisadores de Michigan entrevistaram até 20 mil pessoas. Chegaram à conclusão de que não faz diferença diz respeito à depressão - até hoje religioso - a menos que você seja uma pessoa muito sozinha<sup>105</sup>

Ao utilizar de argumentos fornecidos a partir de estudos acadêmicos, ele admite que os religiosos possam tender a terem uma vida emocional mais feliz do que um ateu.

Com estas e outras postagens com este mesmo conteúdo, os ateus no meio virtual demonstram que em sua maioria preferem o discurso da ciência como fonte de verdade. Como vimos, não há como ninguém viver sem nenhum tipo de crença e que o ateísmo é apenas uma forma específica de descrença, entre as outras que existem. Para contraporem ao discurso ateu, precisam de outro tipo de discurso que se aproximem mais da realidade do que a religião, de acordo com seus pontos de vista. Por tanto, o discurso científico está no cerne das questões debatidas pelos ateus nestas comunidades e se tal instância está presente nesses meios, presumo que esta é uma condição específica para o discurso dos ateus em meios virtuais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer desta dissertação de mestrado, fizemos uma breve exposição a respeito de como o ateísmo foi concebido no mundo ocidental, desde a Grécia Antiga até os dias mais atuais a partir das perspectivas de autores como Minois (2012), Febvre (2003), Da Mata (2013), entre outros. Apresentei como os ateístas utilizam dos espaços virtuais para militar por suas causas e delimito o material para ser usado neste estudo.

Meu objetivo foi apontar e distinguir que tipo(s) de discurso(s) estaria(m) presente(s) em determinadas páginas e comunidades ateístas nos meios virtuais. Utilizei a AD como método para identificar como o discurso ateísta e dos ateus, está(ão) entrelaçado(s) no meio social, como o do nosso país, constituído por valores de uma cultura cristã e de maioria religiosa.

Inicialmente, antes da pesquisa, o esperado por mim era encontrar discursos que se

<sup>104</sup> Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=OelleGbefeU>> acesso em 27/01/2021

<sup>105</sup> Recorte da fala do “Pírua” se estendendo dos minutos 13:36 ao minuto 13: 52. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=OelleGbefeU>> Acesso em: 11/11/2020.

encaixariam dentro dos ditames do neoateísta que se mostra como a mentalidade ateísta mais predominante no *zeitgeist* atual ateu. Como tal, esperava ver, da parte dos ateus, uma militância contra as religiões, categorizando-as como um mal social que deve ser extinto, e uma militância a favor da laicidade de estado. De fato, esta ideia se mostrou verídica, como nos exemplos em que as páginas ateístas satirizam e criticam as mentalidades religiosas e os líderes religiosos.

Através da abordagem dos filósofos Michel Foucault (1996, 2009) e Michel Pêcheux (1995), constatei que o discurso ateísta presente na internet nas páginas que escolhi das principais plataformas digitais não é unânime.

Embora o conceito de ateísmo possa ser definido como a posição do indivíduo que não crê em nenhum tipo de deidade, os discursos ateístas nos meios virtuais, dentro deste entendimento, ganham distintas tonalidades. A ATEA engendra um discurso militante, enquanto os ateus influentes no YouTube se baseiam em ‘fontes científicas empíricas’. Há uma variação nas perspectivas ateístas, inserido não somente dentro do discurso ateu, mas que também formam possibilidades de crenças (ou neste caso, descrença) ateístas.

A página do “Bar do Ateu” no Facebook, utilizando de sátiras e humor, acusa dogmas e preceitos religiosos que ameaçam a liberdade individual e o racionalismo intelectual em razão do que eles consideram como uma fé cega.

No entanto, apesar de todos os ateístas e comunidades ateístas pesquisadas declararem não possuírem nenhum tipo de crença numa deidade metafísica e religiosa, seus discursos estão mais voltados para o cristianismo, formando assim uma espécie de ateísmo em referência ao pensamento cristão, por assim dizer.

No estudo que fiz aqui, somente a ATEA se comportou seguindo os preceitos da mentalidade neoateísta, mantendo um discurso de defesa do Estado Laico e condenando todo e qualquer tipo de crença religiosa, como esperei inicialmente, a primeira hipótese de pesquisa.

Os demais ateístas e comunidades ateias buscaram um discurso mais abrangente. Embora possuam críticas e desdenhem os dogmas religiosos (majoritariamente cristãos), mantiveram uma postura mais aberta e mais reflexiva com a religião. A página Bar do Ateu, embora tenha criticado e acusado práticas religiosas, manteve no discurso das legendas uma postura dialogal e um espaço democrático para qualquer um que quisesse discordar.

Nesta perspectiva, a ATEA opta pelo caminho mais do convertido, se negando a aceitar a pluralidade do discurso religioso e propondo seu próprio discurso como uma forma de verdade. Para eles, a simples ideia de tolerância religiosa é uma ideia perigosa para a vida

social.<sup>106</sup> Para as demais páginas e comunidades ateístas, a postura é o do pluralismo, no qual o conceito de ateísmo não é fechado e o discurso religioso respeitado como uma necessidade social para outras pessoas, como o ateísta Leandro Karnal afirma fazer diariamente, não põe em xeque seu discurso como ateu.

Partindo do pressuposto que o discurso neoateísta não é unânime por completo nas comunidades ateístas brasileiras, trago aqui uma última hipótese a ser investigada em futuros estudos: a de que a mentalidade neoateísta esteja sendo superada e esteja se formando um novo tipo de mentalidade ateia, com uma nova perspectiva formas de subjetivação, formada por preceitos mais plurais e mais tolerantes à religião, ainda que tais ateístas mantenham suas críticas à postura de certos personagens religiosos e a certos dogmas que eles entendem como nocivos, a nível social; um “pós-neoateísmo” por assim dizer. Porém, os dados coletados na nossa atual pesquisa, ainda não permitem confirmar a formação de uma suposta nova mentalidade ateísta, de forma que são necessários mais pesquisas e estudos que se proponham a verificar tal hipótese.

Espero assim, então, que esta pesquisa ajude a melhorar a compreensão sobre como estão inseridos não apenas o discurso ateísta, mas também as crenças e condições de subjetivação de crenças ateias, de uma forma mais geral em nosso país.

## REFERÊNCIAS

ALTIZER, Thomas JJ; HAMILTON, William; HAMILTON, William. **Radical theology and the death of God**. New York: bobbs-Merrill, 1966.

ARMSTRONG, Karen. **Campos de sangue: religião e a história da violência**. São Paulo. Companhia das Letras, 2016.

AUTRAN, Felipe. Análise da Campanha Pró-Ateísmo da Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 35, 2012, Fortaleza, Anais. (Ceará, UFF, 2012, p. 1-10).

BAGGINI, Julian. **Ateísmo**. Porto Alegre, L&PM, 2016.

BECK, Aaron T.; DAVIS, Denise D.; FREEMAN, Arthur. **Terapia cognitiva dos**

---

<sup>106</sup> Ver o texto “Reparando uma dívida histórica” presente no link <<https://www.atea.org.br/blog/reparando-uma-divida-historica/>> acesso em 15 de novembro de 2020

**transtornos da personalidade.** Artmed Editora, 2005.

BERGER, Peter. **Os múltiplos altares da modernidade. Rumo a um paradigma da religião numa época pluralista.** Petrópolis: Vozes, 2017.

BON, Gustav Le. **A psicologia das multidões.** São Paulo, Martins Fontes, 2008.

BRUNO, Giordano. **Spaccio de la bestia trionfante.** Milano, Bur. 2013.

CHRISTOPHER F. Silver, T. COLEMAN III, Ralph W. HOOD Jr. & JENNY M. **The six types of nonbelief: a qualitative and quantitative study of type and narrative,** Mental Health, Religion & Culture, London, v.17, n.10, p. 990-1001, 2014.

COMTE-SPONVILLE, André. **O espírito do ateísmo. Introdução a uma espiritualidade sem Deus.** São Paulo: Martins Fontes, 2016.

DA SILVA, Adelina Maria Pereira. **Ciberantropologia. O estudo das comunidades virtuais.** Lisboa, Biblioteca online de ciência das comunicações 2004.

DARWIN, Charles. **A origem das espécies.** São Paulo: Hemus, 2003.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio.** São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

DENNETT, Daniel C. **Quebrando o encanto: a religião como fenômeno natural.** São Paulo. Academia. 2006.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. **Os irmãos Karamazov.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

DWORKIN, Ronald. **Religião sem Deus** São Paulo, Martins Fontes. 2013.

FEBVRE, Lucien. **Le Problème de l' Incroyance au XVI Siècle.** Paris: Albin Michel, 1947.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa.** In: Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa. 2004.

FEUERBACH, L. **A Essência do Cristianismo.** Petrópolis: Vozes, 2012.

FLINT, Robert. **Agnosticism.** New York. Scribner sons, 1903.

FOUCAULT, Michel. **Ordem do discurso (A).** São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **A Arqueologia do Saber.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer, Psicologia das massas e análise do eu e outros trabalhos.** Imago Editora, 2006.

FREUD, Sigmund. **Atos obsessivos e práticas religiosas.** Rio de Janeiro, Imago. 1976

\_\_\_\_\_. **Die zukunft einer illusion.** Berlin, BoD–Books on Demand. 2012.

\_\_\_\_\_. **Psicologia de grupo e análise do eu**. Rio de Janeiro, Imago 2006.

HARRIS, Sam. **O Fim da Fé: religião, terrorismo e o futuro da razão**. Lisboa: Tinta da China, 2007.

HERVIEU-LÉGER, Daniele. **O peregrino e o convertido. A religião em movimento**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

HITCHENS, Christopher. **Deus não é grande: como a religião envenena tudo**. São Paulo Globo Livros, 2007.

HOLBACH, Barão de. **O Sistema da Natureza, ou das leis do mundo físico e do mundo moral**. São Paulo: Martins Fontes. 2010.

HOOD, Bruce M. **Supersentido: porque acreditamos no inacreditável**. Ribeirão Preto. Novo Conceito, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2010 – Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JUNG, Carl Gustav. et al. **O homem e seus símbolos**. São Paulo. HarperCollins Brasil, 2016.

KIRKPATRICK, David. **O efeito Facebook**. Editora Intrínseca, Rio de Janeiro. 2011.

KNAPP, Paulo; BECK, Aaron T. **Fundamentos, modelos conceituais, aplicações e pesquisa da terapia cognitiva**. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, v. 30, 2008.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. **The malleus maleficarum**. São Paulo. BestBolso, 2015.

Le Bon, Gustav. **Psicologia das multidões**. Rio de Janeiro: F. Briguet & Cia. 1954.

LE GOFF, Jacques. **O Deus da Idade Média** Rio de Janeiro, Record, 2007.

LEDREW, Stephen. **The evolution of atheism: The politics of a modern movement**. Oxford University Press, USA, 2016.

LÉVI, Pierre. **O ciberespaço, a cidade e a democracia eletrônica**. São Paulo: Editora, 1999.

LOPES, Luciana Matias. **O problema do panteísmo nas Investigações Filosóficas sobre a essência da Liberdade Humana, de Friedrich WJ Schelling**. 2010.82f Dissertação. (Mestrado em Ciência da Religião) pós-graduação em ciência da religião, Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de fora. 2010.

LOPES, Ricardo Cortez. Reprodução sob condições controladas: o ateísmo como movimento social nos materiais de divulgação do Templo Positivista de Porto Alegre. 62 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.2010.

- LUCAS, George Joseph. **Agnosticism and Religion: Being an Examination of Spencer's Religion of The Unknowable, Preceded by a History of Agnosticism**. J. London, Murphy, 1895.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- MARTIN, Michael (Ed.). **The Cambridge companion to atheism**. Cambridge University Press, 2006.
- MARTINS, Patrícia Leonor. Ciberateísmo: religião e ateísmo em tempos de rede. **TEOLITERARIA-Revista de Literaturas e Teologias**, São Paulo v. 8, n. 15, p. 266-296, 2018. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/teoliteraria/article/view/33009/26009>. Acesso em 25/01/2021
- MARX, Karl. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo. Boitempo Editorial, 2015.
- MATA, Sérgio da. **História & religião**. Belo Horizonte. Autêntica, 2013
- MILES, Jason. **Instagram power**. Montreal, McGraw-Hill Publishing, 2013.
- MINOIS, George. **História do Ateísmo**. São Paulo: Editora UNESP, 2012.
- \_\_\_\_\_. **The atheist's Bible: the most dangerous book that never existed**. University of Chicago Press, 2012.
- MONTERO, Paula; DULLO, Eduardo. **Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista**. Novos estudos CEBRAP, n. 100, p. 57-79, 2014.
- OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. **“Minha vida de ameba”: os scripts sexo-normativos e a construção social das assexualidades na internet e na escola**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes. 2001.
- PÊCHEUX, Michel. Análise automática do discurso (AAD-69). **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**, v. 3, 1997.
- PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni Puccinelli. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. São Paulo, Editora da UNICAMP, 1995.
- PIERRE LEVY. **Cibercultura**. São Paulo, Editora 34, 2010.
- PINKER, Steven. **O novo iluminismo: em defesa da razão, da ciência e do humanismo**. São Paulo, Editora Companhia das Letras, 2019.
- PIVA, Paulo Jonas de Lima. **Ateísmo e revolta: os manuscritos do padre Jean Meslier**. São

Paulo: Alameda, 2006.

PIZA, Mariana Vassallo. **O fenômeno Instagram: considerações sob a perspectiva tecnológica.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais) Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Brasília, Brasília 2012.

PLATÃO. **As Leis.** Rio de Janeiro I. P. D, 2004.

ROUANET, Sergio Paulo. **Dilemas da moral iluminista.** São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

SCALI, Danyelle Freitas; RONZANI, Telmo Mota. **Estudo das expectativas e crenças pessoais acerca do uso de álcool.** SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas v. 3, n. 1, p. 01-16, 2007.

SILVA, Ricardo Oliveira da. **O ateísmo no Brasil: os sentidos da descrença nos séculos XX e XXI.** Jundiaí. Paco e Littera, 2020.

SILVA, Rogério Fernandes da. **Graças a Deus sou ateu: humor e conflito entre ciência e religião nas comunidades neoteístas do Facebook.** 2015. 143 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

SMITH, George H. **Atheism: The case against god.** London. Prometheus Books, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética** Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2007.

THROWER, James. **Western atheism: A short history.** London. Prometheus Books, 2009.

TOLAND, John. **Being an Example of fair Dealing in all Theological Controversys,** London. Gale Ecco, 2010.

VIEIRA, Kelen Aparecida. **www.atea.org.br (Associação Brasileira de Ateus e Agnósticos) ateísmo, identidades culturais e não religiosas na sociedade contemporânea.** Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2014.

ZIMBARDO, Philip. **O efeito Lúcifer: como pessoas boas se tornam más.** Rio de Janeiro: Record, 2012.



